Prosa Poeteiro Verso

Iba Mendes

Literatura

Camilo Castelo Branco

Maria da Fonte

Iba Mendes
www.poeteiro.com

Camilo Castelo Branco

Maria da Fonte

Publicado originalmente em 1884.

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825 — 1890)

"Projeto Livro Livre"

Livro 476

Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com

Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1° de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Camilo Castelo Branco: “*Maria da Fonte*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, no Largo do Carmo, a 16 de Março de 1825. Oriundo de uma família da aristocracia de província com distante ascendência cristã-nova, era filho de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, nascido na casa dos Correia Botelho em São Dinis, Vila Real, a 17 de Agosto de 1778, e que teve uma vida errante entre Vila Real, Viseu e Lisboa, onde faleceu a 22 de Dezembro de 1890, tomado de amores por Jacinta Rosa do Espírito Santo Ferreira.

Camilo foi assim perfilhado por seu pai em 1829, como "filho de mãe incógnita". Ficou órfão de mãe quando tinha um ano de idade e de pai aos dez anos, o que lhe criou um caráter de eterna insatisfação com a vida. Foi recolhido por uma tia de Vila Real e, depois, por uma irmã mais velha, Carolina Rita Botelho Castelo Branco, nascida em Lisboa, Socorro, a 24 de Março de 1821, em Vilarinho de Samardã, em 1839, recebendo uma educação irregular através de dois Padres de província.

Na adolescência, formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e literatura eclesiástica e contatando a vida ao ar livre transmontana.

Com apenas 16 anos (18 de Agosto de 1841), casa-se em Ribeira de Pena, Salvador, com Joaquina Pereira de França (Gondomar, São Cosme, 23 de Novembro de 1826 - Ribeira de Pena, Friúme, 25 de Setembro de 1847), filha de lavradores, Sebastião Martins dos Santos, de Gondomar, São Cosme, e Maria Pereira de França, e instala-se em Friúme. O casamento precoce parece ter resultado de uma mera paixão juvenil e não resistiu muito tempo. No ano seguinte, prepara-se para ingressar na universidade, indo estudar com o Padre Manuel da Lixa, em Granja Velha.

O seu caráter instável, irrequieto e irreverente leva-o a amores tumultuosos (Patrícia Emília do Carmo de Barros (Vila Real, 1826 - 15 de Fevereiro de 1885), filha de Luís Moreira da Fonseca e de sua mulher Maria José Rodrigues, e a Freira Isabel Cândida).

Ainda a viver com Patrícia Emília do Carmo de Barros, Camilo publicou n'O Nacional correspondências contra José Cabral Teixeira de Morais, Governador Civil de Vila Real, com quem colaborava como amanuense.

Esse posto, segundo alguns biógrafos, surge a convite após a sua participação na Revolta da Maria da Fonte, em 1846, em que terá combatido ao lado da guerrilha Miguelista.

Devido a esta desavença, é espancado pelo “Olhos-de-Boi”, capanga do Governador Civil.

As suas irreverentes correspondências jornalísticas valeram-lhe, em 1848, nova agressão a cargo de Caçadores.

Camilo abandona Patrícia nesse mesmo ano, fugindo para casa da irmã, residente agora em Covas do Douro.

Tenta então, no Porto, o curso de Medicina, que não conclui, optando depois por Direito. A partir de 1848, faz uma vida de boêmia repleta de paixões, repartindo o seu tempo entre os cafés e os salões burgueses e dedicando-se entretanto ao jornalismo. Em 1850, toma parte na polêmica entre Alexandre Herculano e o clero, publicando o opúsculo O Clero e o Sr. Alexandre Herculano, defesa que desagradou a Herculano.

Apaixona-se por Ana Augusta Vieira Plácido e, quando esta se casa, em 1850, tem uma crise de misticismo, chegando a frequentar o seminário, que abandona em 1852.

Ana Plácido tornara-se mulher do negociante Manuel Pinheiro Alves, um brasileiro que o inspira como personagem em algumas das suas novelas, muitas vezes com caráter depreciativo. Camilo seduz e rapta Ana Plácido. Depois de algum tempo a monte, são capturados e julgados pelas autoridades. Naquela época, o caso emocionou a opinião pública, pelo seu conteúdo tipicamente romântico de amor contrariado, à revelia das convenções e imposições sociais. Foram ambos enviados para a Cadeia da Relação, no Porto, onde Camilo conheceu e fez amizade com o famoso salteador Zé do Telhado. Com base nesta experiência, escreveu Memórias do Cárcere. Depois de absolvidos do crime de adultério pelo Juiz José Maria de Almeida Teixeira de Queirós (pai de José Maria de Eça de Queirós), Camilo e Ana Plácido passaram a viver juntos, contando ele 38 anos de idade.

Entretanto, Ana Plácido tem um filho, supostamente gerado pelo seu antigo marido, que foi seguido por mais dois de Camilo. Com uma família tão numerosa para sustentar, Camilo começa a escrever a um ritmo alucinante.

Quando o ex-marido de Ana Plácido falece, a 15 de Julho de 1863, o casal vai viver para uma casa, em São Miguel de Seide, que o filho do comerciante recebera por herança do pai.

Em Fevereiro de 1869, recebeu do governo da Espanha a comenda de Carlos III.

Em 1870, devido a problemas de saúde, Camilo vai viver para Vila do Conde, onde se mantém até 1871. Foi aí que escreveu a peça de teatro “O Condenado” (representada no Porto em 1871), bem como inúmeros poemas, crônicas, artigos de opinião e traduções.

Outras obras de Camilo estão associadas a Vila do Conde. Na obra “A Filha do Arcediago”, relata a passagem de uma noite do arcediago, com um exército, numa estalagem conhecida por Estalagem das Pulgas, outrora pertencente ao Mosteiro de São Simão da Junqueira e situada no lugar de Casal de Pedro, freguesia da Junqueira. Camilo dedicou ainda o romance “A Enjeitada” a um ilustre vilacondense seu conhecido, o Dr. Manuel Costa.

Entre 1873 e 1890, Camilo deslocou-se regularmente à vizinha Póvoa de Varzim, perdendo-se no jogo e escrevendo parte da sua obra no antigo Hotel Luso-Brazileiro, junto do Largo do Café Chinês. Reunia-se com personalidades de notoriedade intelectual e social, como o pai de Eça de Queirós, José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, magistrado e Par do Reino, o poeta e dramaturgo poveiro Francisco Gomes de Amorim, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, entre outros. Sempre que vinha à Póvoa, convivia regularmente com o Visconde de Azevedo no Solar dos Carneiros.

Francisco Peixoto de Bourbon conta que Camilo, na Póvoa, “tendo andado metido com uma bailarina espanhola, cheia de salero, e tendo gasto, com a manutenção da diva, mais do que permitiam as suas posses, acabou por recorrer ao jogo na esperança de multiplicar o anêmico pecúlio e acabou, como é de regra, por tudo perder e haver contraído uma dívida de jogo, que então se chamava uma dívida de honra.

A 17 de Setembro de 1877, Camilo viu morrer na Póvoa de Varzim, aos 19 anos, o seu filho predileto, Manuel Plácido Pinheiro Alves, do segundo casamento com Ana Plácido, que foi sepultado no cemitério do Largo das Dores.

Camilo era conhecido pelo mau feitio. Na Póvoa mostrou outro lado. Conta Antônio Cabral, nas páginas d' “O Primeiro de Janeiro” de 3 de junho de 1890: “No mesmo hotel em que estava Camilo, achava-se um medíocre pintor espanhol, que perdera no jogo da roleta o dinheiro que levava. Havia três semanas que o pintor não pagava a conta do hotel, e a dona, uma tal Ernestina, ex-atriz, pouco satisfeita com o procedimento do hóspede, escolheu um dia a hora do jantar para o despedir, explicando ali, sem nenhum gênero de reservas, o motivo que a obrigava a proceder assim. Camilo ouviu o mandado de despejo, brutalmente dirigido ao pintor. Quando a inflexível hospedeira acabou de falar, levantou-se, no meio dos outros hóspedes, e disse: - A D. Ernestina é injusta. Eu trouxe do Porto cem mil reis que me mandaram entregar a esse senhor e ainda não o tinha feito por esquecimento. Desempenho-me agora da minha missão. E,

puxando por cem mil reis em notas entregou-as ao pintor. O Espanhol, surpreendido com aquela intervenção que estava longe de esperar, não achou uma palavra para responder. Duas lágrimas, porém, lhe deslizaram silenciosas pelas faces, como única demonstração de reconhecimento."

Em 1885 é-lhe concedido o título de 1.º Visconde de Correia Botelho. A 9 de Março de 1888, casa-se finalmente com Ana Plácido.

Camilo passa os últimos anos da vida ao lado dela, não encontrando a estabilidade emocional por que ansiava. As dificuldades financeiras, a doença e os filhos incapazes (considera Nuno um desatinado e Jorge um louco), dão-lhe enormes preocupações.

Desde 1865 que Camilo começara a sofrer de graves problemas visuais (diplopia e cegueira noturna). Era um dos sintomas da temida neurosífilis, o estado terciário da sífilis ("venéreo inveterado", como escreveu em 1866 a José Barbosa e Silva), que além de outros problemas neurológicos lhe provocava uma cegueira, aflitivamente progressiva e crescente, que lhe ia atrofiando o nervo óptico, impedindo-o de ler e de trabalhar capazmente, mergulhando-o cada vez mais nas trevas e num desespero suicidário. Ao longo dos anos, Camilo consultou os melhores especialistas em busca de uma cura, mas em vão. A 21 de Maio de 1890, dita esta carta ao então famoso oftalmologista aveirense, Dr. Edmundo de Magalhães Machado:

Illmo. e Exmo. Sr.,
Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa n'este país durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego. Ainda há quinze dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flâmula escarlate. Depois, sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as córneas de tarjas sanguíneas. Há poucas horas ouvi ler no Comércio do Porto o nome de V. Exa. Senti na alma uma extraordinária vibração de esperança. Poderá V. Exa. salvar-me? Se eu pudesse, se uma quase paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procurá-lo. Não posso. Mas poderá V. Exa. dizer-me o que devo esperar d'esta irrupção sanguínea n'uns olhos em que não havia até há pouco uma gota de sangue? Digne-se V. Exa. perdoar à infelicidade estas perguntas feitas tão sem cerimônia por um homem que não conhece.

A 1 de Junho desse ano, o Dr. Magalhães Machado visita o escritor em Seide. Depois de lhe examinar os olhos condenados, o médico com alguma diplomacia, recomenda-lhe o descanso numas termas e depois, mais tarde, talvez se poderia falar num eventual tratamento. Quando Ana Plácido acompanhava o médico até à porta, eram três horas e um quarto da tarde, sentado na sua cadeira de balanço, desenganado e completamente desalentado, Camilo Castelo Branco disparou um tiro de revólver na têmpora direita. Mesmo assim,

sobreviveu em coma agonizante até às cinco da tarde. A 3 de Junho, às seis da tarde, o seu cadáver chegava de comboio ao Porto e no dia seguinte, conforme o seu pedido, foi sepultado perpetuamente no jazigo de um amigo, João Antônio de Freitas Fortuna, no cemitério da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa.

São suas principais obras: Anátema (1851), Mistérios de Lisboa (1854), A Filha do Arcediago (1854), Livro negro do Padre Dinis (1855), A Neta do Arcediago 1856), Onde Está a Felicidade? (1856), Um Homem de Brios (1856), O Sarcófago de Inês (1856), Lágrimas Abençoadas (1857), Cenas da Foz (1857), Carlota Ângela (1858), Vingança (1858), O Que Fazem Mulheres (1858), O Morgado de Fafe em Lisboa (Teatro, 1861), Doze Casamentos Felizes (1861), O Romance de um Homem Rico (1861), As Três Irmãs (1862), Amor de Perdição (1862), Memórias do Cárcere (1862), Coisas Espantosas (1862), Coração, Cabeça e Estômago (1862), Estrelas Funestas (1862), Cenas Contemporâneas (1862), Anos de Prosa (1863), A Gratidão (incluído no volume Anos de Prosa), O Arrependimento (incluído no volume Anos de Prosa), Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado (1863), O Bem e o Mal (1863), Estrelas Propícias (1863), Memórias de Guilherme do Amaral (1863), Agulha em Palheiro (1863), Amor de Salvação (1864), A Filha do Doutor Negro (1864), Vinte Horas de Liteira (1864), O Esqueleto (1865), A Sereia (1865), A Enjeitada (1866), O Judeu (1866), O Olho de Vidro (1866), A Queda dum Anjo (1866), O Santo da Montanha (1866), A Bruxa do Monte Córdova (1867), A doida do Candal (1867), Os Mistérios de Fafe (1868), O Retrato de Ricardina (1868), Os Brilhantes do Brasileiro (1869), A Mulher Fatal (1870), Livro de Consolação (1872), A Infanta Capelista (1872), (conhecem-se apenas 3 exemplares deste romance porque D. Pedro II, imperador do Brasil, pediu a Camilo para não o publicar, uma vez que versava sobre um familiar da Família Real Portuguesa e da Família Imperial Brasileira), O Carrasco de Victor Hugo José Alves (1872), O Regicida (1874), A Filha do Regicida (1875), A Caveira da Mártir (1876), Novelas do Minho (1875-1877), A viúva do enforcado (1877), Eusébio Macário (1879), A Corja (1880), A senhora Rattazzi (1880), A Brasileira de Prazins (1882), O vinho do Porto (1884), Vulcões de Lama (1886), O clero e o sr. Alexandre Herculano (1850).

Wikipédia
Janeiro, 2014

ÍNDICE

DISCURSO PROEMIAL..... 1

PARTE PRIMEIRA 6
MARIAS DA FONTE..... 8
MARIA DA FONTE (1846)..... 22
NOTA.....

PARTE SEGUNDA
CASIMIRO, O PRESBÍTERO..... 24

PARTE TERCEIRA
O MIGUELISMO..... 54

PARTE QUARTA
EPISTOLÁRIO, PEDREIROS-LIVRES, ETC..... 86

PÓS- ESCRITO..... 130

DISCURSO PROEMIAL

Quando eu abria as páginas deste livro singular do Sr. Padre Casimiro, ocorreram-me dois versas de Goethe, filtrados pela glote melíflua do visconde de Castilho:

Tornai-me a aparecer, entes imaginários, que me enchíeis outrora os olhos visionários.

Sentia-me remoçar; - o sol da juventude a dissolver gelos sobrepostos de mais de meio século. A primavera dos dezenove anos a reflorir violetas, redoiças de trepadeiras e froixéis de folhagem veludosa para os ninhos das aves hilariantes. O coração a encher-se-me de cores, de aromas, de músicas, de formas e ideias que eu tinha esquecido. Uma consolação inefável como deve ser a do asfixiado que, salvo à morte, de súbito, sorve, a peito cheio, haustos redentores de oxigônio. Enfim, a ressurreição da memória das coisas boas, dos sentimentos alegres - memória apagada no frontal de um crânio vazio como um velho jazigo com as letras do epitáfio obliteradas.

Esta tafularia de retórica só pode apreciá-la um velho que haja sido moço, quando a História passava por esta nesga da Europa evolucionando os casos que padre Casimiro José Vieira condensou no seu livro. E é preciso, demais a mais, que esse velho seja infeliz e sinta a saudade atroz, sem desafogo e sem remédio, da sua mocidade.

Porquanto, se a revolução do Minha lhe for a recordação horrente de uma época sinistra em que as notas de dez pintos se descontavam ominosamente com 15 tostões 1/2 de perda; as Inscrições a 32; a Espanha a emprestar-nos três milhões a 43 com comissão de 21/2 - se ele recorda com movimentos peristálticos dos seus intestinos baixos os toques a rebate nas torres e nos quartéis, o leva-arriba canibalesco das casernas e das montanhas, os clarins estrídulos dos esquadrões com as espadas nuas, as invasões do José Passas aos Bancos, os 30 000 proletários do Padre Casimira “defensor das cinco chagas e general das duas províncias do Norte” em redor de Braga a ululare m por D. Miguel I, a pândega cívica dos artistas e colarejas pelas ruas das cidades guinchando a Luisinha, os pianos com uma disenteria democrática patuleando em família o hino do Antas e da Maria da Fonte, os matadouros de Valpaços, Agrela, de Braga, de Torres Vedras, do Alto do Viso - se estas reminiscências assustam a sua memória de capitalista pacato, pondo-lhe no seu interior cólicas de futuras crises semelhantes, não leia. Ah! não leia este livro o velho que, há quarenta anos, sofreu desfalques nas suas notas de moeda, ladroeiras patrióticas nas suas ações bancárias, nas emissões diabéticas de bondes, aboletamentos das legiões da Junta Suprema, ameaças à natureza do seu físico, e talvez à posse legitimamente canônica da sua esposa um pouco desviada da

“linha da boa conduta” por sugestões do batalhão acadêmico ou dos oficiais do Concha, todos descendentes de D. Juan de Maraña. Ah! não leia.

Para que a Maria da Fonte seja uma lagrimosa miragem de saudades é preciso ter sido o que eu era - não ter possuído notas, nem valores bancários, nem aboletados, nem família de Elviras sujeitas ao iberismo lúbrico das hordas castelhanas da quádrupla aliança. Assim, nestas condições especiais, compreende-se que eu, ao ler o índice das 458 páginas do extraordinário livro do Padre Casimiro, proferisse a saudação de Goethe às reaparecidas imagens da sua mocidade:

Tornai-me a aparecer, entes imaginários, que me enchíeis outrora os olhos visionários.

***

Há cinco anos, pernoitou nesta casa de São Miguel de Seide um clérigo de variadíssima ciência, de um trabalho indefeso no serviço da religião; e, na flor dos anos, pujante de seiva para lutar, barba por barba, com os atletas do estilo e da zombaria voltaireana. Era o padre Sena Freitas o meu querido e inesperado hóspede.

As antigas e as modernas ciências - as novas que vão solapando as velhas pelos alicerces - tudo o que a Inglaterra de Shaftesbury e Toland enxertou na França de Bayle e Montesquieu, e a Alemanha joeirou desde Lutero até Van Hartmann, o padre Sena Freitas sabe tudo isso, hauriu-o nos mananciais torvos e cristalinos, puros e impuros, nas livrarias profanas, nos cursos públicos de Londres, de Roma, de Paris. Ouviu prelecionar sobre o transformismo darwinista, saturou-se de biologia e antropologia para não desconhecer os fios mais delgados da urdidura lamarckista, despiu-se da preocupação da batina para que a luz da ciência lhe batesse em cheio no peito de homem, e chegou à conclusão refrigerante de que o leitor benigno não é a transformação orgânica e psicológica de um antropopiteco - uma qualquer besta extinta e por isso incógnita. Como naturalista, pois, Sena Freitas está com Virchow, um sábio de reputação eminentíssima, como sabem. Cuidavam os senhores, talvez, que eu ia dizer que Sena Freitas estava com os padres Grainha e Marnaco? Não sei isso, com certeza, quanto ao Syllabus; mas o averiguado é que ele estuda e sabe tudo quanto a Natureza de Lucrécio destilada nos alambiques da química, e granulada em miudezas de ciência pode ensinar e fosforear na massa cerebral. E a exuberância do que aprendeu é tamanha que o padre Sena Freitas está convencido de que há Deus e que a alma é imortal.

E, nesta persuasão, veio ele do Colégio de Santa Quitéria, onde exercia o magistério, a São Miguel de Seide, seis léguas decorridas, porque lhe constara que eu adoecera perigosamente. Viera deitar uma delicada sonda às

profundezas do meu panteísmo de Espinosa, acender uma lâmpada diante da minha lúgubre e chagada escultura de Jesus Crista crucificado, levantar essa lâmpada entre a minha alma amaurótica e a treva que me é na vida o prelúdio da treva eterna, e mostrar-me, além na penumbra, duas veredas a bifurcarem-se, uma para Deus, outra para o Diabo - que, afinal, se abotoa com 75 por cento, pelo menos, das almas das várias cristandades; e quanto ao resto da espécie humana, que está fora da religião verdadeira, é tudo a eito.

O meu adorável amigo, com um sincero júbilo por se haver enganado quanto à minha doença mortal - e por me achar a escrever e a granjear a minha imortalidade por meio da costaneira barata e caneta de porco-espinho - sentou-se à beira desta mesa detrabalho.

Palestramos muito. Contei-lhe episódios da minha mocidade, as minhas predileções políticas aos dezenove anos. Disse-lhe que eu tinha sido miguelista e afivelara esporas de cavaleiro (umas esporas de correia, de 12 vinténs, por sinal) na legião formidavelmente estúpida do general escocês Reinaldo Macdonell. Falando-se em Maria da Fonte, não podia esquecer o lendário padre Casimiro, general defensor das cinco chagas...

- Conheço-o muito bem - disse Sena Freitas.

- Conhece, quem? o padre Casimiro? de tradição ou pessoal mente?

- Pessoalmente. Vi-o há dois dias.

- Pois ele ainda vive? Está assim vivo e obscuro um homem que acaudilhou trinta mil homens e abalou duas vezes o trono! Que ingratidão a deste país que ele arrancou às garras dos Cabrais! Acaso é ele bispo, patriarca, ou comissário-geral da Bula da Santa Cruzada? Foi a Regeneração, filha sacrílega da Maria da Fonte e do cônego Montalverne, que o galardoou? Diga-me tudo o que souber desse homem que eu julgava morto, num silêncio mítico, numa espécie de transfiguração de Çakia-Muni ou de Apolônio de Tiana, desde que executou a façanha hercúlea de limpar de cabralistas esta cavalariça de Augeias!

No meu espanto, parece-me que ainda fui mais erudito; mas não me lembra o resto da apóstrofe.

Não era nada na escala das grandezas cívicas, nem na hierarquia sacerdotal, o padre Casimiro - informou Sena Freitas. Ia paliando a velhice com o estipêndio da sua missa e do ritual das festividades baratas. Não era nada mundanamente falando!

Assim devia ser nesta Bizâncio do Ocidente. Na outra, o general Belisário, depois de exterminar os Gados, vivia de esmolas do público. Aqui, o general Casimiro,

tendo expulsado da Lusitânia os Cabrais, quinta essência de godos, vive da esmola da missa.

Um seu colega, outro levita, caudilho também de guerrilhas transmontanas, escrevia panfletos incendiários no Porto quando o presbítero minhoto vibrava o bronze dos campanários. Um chegou a cônego, a bispo, a ministro do Reino; e o outro, Cincinato à força e romano antigo quanto se pode ser no concelho de Felgueiras, está em Margaride a plantar couves galegas e a podar as parreiras do seu quintal!

Como ele desceu, num enxurro de calamidades, desde os penhascos de Vieira, sua terra natal, até Felgueiras, é isso uma seção importante dos *Apontamentos.* A curiosidade do leitor malograr-se-ia, se eu apoucasse em breves períodos álgidos, sem as pulsações febris da paixão autobiográfica, as muitas páginas que o reverendo sacerdote realça com a odisseia da sua corajosa desgraça e honrada teimosia de caráter político. Pelo transcurso deste estudo, raras vezes trasladarei o que deve ser apreciado no livro que me vai espertando lembranças e notícias aproveitáveis para encher espaços vazios e dignos de serem enviados à posteridade com a plenitude possível. O dele e o meu são dois livros que se completam.

Da existência do manuscrito desta obra me falará o meu amigo Sena Freitas. Pedi-lhe que incitasse o padre a publicá-lo, ou, pelo menos, mo confiasse por alguns dias. Pude obtê-lo. Com prefácio à sua obra, o Sr. Padre Casimiro José Vieira publicou parte de uma correspondência que trocamos, respectivamente ao mérito das suas memórias, escritas sem desvanecimento, conquanto, uma vez por outra, nelas transluza o amor-próprio imodesto de César nos *Comentários*, de Chateaubriand nas *Memórias*, e de Lamartine na *História da Revolução de 48.*

Não achei então que aproveitar na contextura de um romance que eu andava esboçando - *A Brasileira de Prazins;* mas colhi sensações incomparavelmente mais deleitosas.

Os fatos daquela época atraíam-me pela magia da saudade. Havia um ressurgimento de mortos, o grupo dos meus amigos a reaparecer, como visualidades adoradas de Goethe, com a vida palpitante de há trinta e oito anos. Tudo me lembra, como se após um dormir de Epimênides, acordasse hoje em 1846. Era eu quem de pé, sobre o balcão do Zé-da-Sola, em Vila Real, um lojista de cabedais de bezerro e vaca, muito legitimista, declamava enfaticamente e com os gestos mais violentos as proclamações do padre Casimiro estampadas no *Periódico das Pobres*, e a carta, rica de conselhos em arte de reinar, dignos de Fênelon, enviada pelo correio à Sr.a D. Maria II.

Era uma carta convulsionada de profecias trágicas, às quais eu dava toadas funéreas, expedições guturais como diz Renan, valha a verdade, que faziam Ezequiel e Habacuc.

A turba que me escutava, toda orelhas, trovoava urros de um vandalismo que sobrepuja as minhas cordas vocais. Havia cabeças de granito que choravam como os penedos bíblicos; e velhos bacharéis formados, antigos juízes de fora, com o simonte engatilhado aos narizes e as mandíbulas num prolapso de espanto, diziam:

- Grande homem é o padre! é o segundo José Agostinho de Macedo!

E eu, na qualidade de declamador correto, prosódico e muito mímico, atribuía-me um quinhão daquelas ovações, muito menos explosivas quando o leitor era Antônio Tibúrcio, o meu amigo de infância que morreu há muito, depois de ter governado o distrito muitos anos, mantendo-se, com um grande tino, na média, entre a República e o Absolutismo.

Havia senhoras realistas, filhas de capitães-mores, de desembargadores, de brigadeiros e morgados em decomposição, às quais eu lia as peças do "General das cinco chagas". Em algumas casas brasonadas acendiam-se castiçais com bobeches de papel verde nos oratórios de talha dourada, e faziam-se preces votivas, bastante caras, a vários santos muito anteriores à formação do regime parlamentar, e por isso talvez indiferentes à Revolução de 1820 e à política de Vila Real. De permeio com as jaculatórias, bebia-se muita jeropiga capitosa para, por meio da eterização alcoólica, dar alor aos voadouros da esperança.

Que noites de alegria doida naquele Inverno de 1846!

Eu tinha um tio analfabeto a quem o padre Dr. Cândido Rodrigues Álvares de Figueiredo e Lima, lugar-tenente do Sr. D. Miguel I, prometera nomear corregedor da comarca, logo que se desse o grito em Trás-os-Montes. Ah! eu ainda me deliciei a ouvir o grito e o Rei chegou, mas os santos, domésticos das famílias heráldicas, caíram em um descrédito político que não há fusão possível que os reabilite no meu conceito e no daquelas famílias bigodeadas e céticas.

Mas que saudades! que relances de olhos marejados, no decurso da leitura deste livro do Sr. Padre Casimiro, eu lançarei àquele horizonte esvaecido para ver a minha sombra perpassar por entre os ciprestais onde se esfarelam os ossos de tanta gente querida que me levou para o seu podredoiro o melhor que eu tive - a minha tão curta mocidade! Ah!

Tomai-me a aparecer, entes imaginários, que me enchíeis outrora os olhos visionários.

São Miguel de Seide, 21 de Novembro de 1884

PARTE PRIMEIRA

MARIAS DA FONTE

Foi a Maria da Fonte a personificação fantástica de uma coletividade de amazonas de tamancos, ou realmente existiu, em corpo e foice roçadoura, uma virago revolucionária com aquele nome e apelido?

É o que vamos esmiuçar.

Mas, em parêntesis: acho que faltam condições épicas neste período que acabei de imortalizar e exibir à posteridade. Ao tratar das heroínas da revolução nacional de 1846, o meu estilo é lapantanamente grotesco. Demais a mais, confunde-me a presença de um brinde impresso, proferido então pelo maior orador que deu Portugal, João Baptista de A. Garrett, em um jantar oferecido aos proscritos, repatriados pela porta que as foices das mulheres de Lanhoso e Vieira estilhaçaram. Garrett exclamava: "...Muitas nações grandes e populosas terão de morrer sem deixar herdeiro do seu nome, nem legatário das suas obrigações na Terra. Mas nós não podemos morrer; não devemos morrer, enquanto entre nós houver homens como há pouco se manifestaram; muito menos ainda enquanto entre nós houver mulheres como agora as vimos (muitos apoiados), como essas que há pouco surgiram no norte de Portugal, renovando todas as glórias que pareciam fabuladas, de Aljubarrota, de Diu e de Chaul. Senhores, nós acabamos de presenciar uma grande revolução, uma revolução que tem (perdoe-se-me repisá-lo) que tem, além de todos os outros caracteres brilhantes, o magnífico, o transcendente caráter de ser verdadeiramente popular, porque começou pelas mulheres (apoiados). Quase que ainda não houve uma revolução verdadeiramente grande, verdadeiramente nacional que assim não começasse, desde a expulsão dos Tarquínios até hoje..."

Se eu assistisse no cívico banquete - onde a presença das senhoras, como diz Gomes de Amorim, explicava a feição que deu o poeta à parte da seu discurso - aplaudiria a gritos de alma essas frases eruditas e encomiásticas das mulheres viris do Minho, até para envergonhar os homens afeminados de Lisboa; porém, todo o meu entusiasmo esfriaria num sorriso zombeteiro das grandes mulheres e dos grandes oradores, quando vi, em Junho de 1849, o Sr. Conde de Tomar no Ministério e os obreiros dinheirosos da revolução do Minho compelidos, em 1851, a comprar sargentos e soldados do 18 de Infantaria. Os vencedores eram os cruzados novos de alguns burgueses da cidade heróica, distribuídos por Salvador França no quartel de Santo Ovídio, onde o aliciador penetrara com chaves falsas forjadas por Vitorino Damásio na fábrica do Bolhão. O extermínio do cabralismo não promanou da revolução do povo; foi da indisciplina militar. As balas que prostraram cadáver o coronel Cardoso pesaram mais na balança da

política portuguesa que os setenta e sete milhões desfalcados no capital do país com a guerra civil de 46 e 47. Depois, bem sabem, a espada do Saldanha também pesava mais que a de Brenno, quando o ouro se levantava na outra concha da balança. O conde de Tomar negociara-o indiretamente em 46 para a emboscada de 6 de Outubro, e vai ele depois em 1851... Ora esta! cuidei que estava agora a compor um artigo para um jornal eclético de há trinta anos!... Está fechado o parêntesis.

***

Sobre a personalidade única, singular e distinta de Maria da Fonte entre as mulheres amotinadas no concelho de Vieira, o depoimento do Sr. Padre Casimiro deve ser o primeiro neste processo de investigação.

Refere o minucioso historiador que um sapateiro de Simães, da freguesia de Fonte Arcada, o avisara de que lhe maquinavam a morte; e, na mesma ocasião, se mostrara receoso de que lhe matassem sua irmã Maria Angelina, a quem chamavam Maria da Fonte, e fora processada e pronunciada nos tumultos da Póvoa de Lanhoso. Perguntou-lhe padre Casimiro o que fazia ela para ganhar tal nome. - Nada, respondeu o sapateiro; apenas acompanhara as outras mulheres que arrombaram a cadeia da Póvoa para soltar as presas que primeiramente se levantaram contra a Junta de Saúde. Insistiu o padre em querer saber a causa por que a distinguiram das outras. Explicou o artista que Maria Angelina se estremava das mais por estar vestida de vermelho; e, por isso, o empregado, que fizera a lista das amotinadas, a pusera na cabeça do rol, com tal nome, por não lho querer dizer alguém que ele interrogara. Perguntou o padre Casimiro se havia alguma fonte à beira da casa de Maria. Que não. Chamavam-lhe da Fonte por ser da freguesia de Fonte Arcada. O interrogador ficou satisfeito, acreditou e felicitou o sapateiro por sua irmã ter conseguido nomeada tão distinta.

E, passados meses, indo ver a Maria da Fonte, encontrou uma mulher trigueira, de estatura mediana, desembaraçada, robusta, entre vinte e trinta anos.

Daí a pouco, terminada a revolução promovida pelos setembristas, uma doceira de Valbom, nas vizinhanças de Lanhoso, andava pelas feiras e romarias inculcando-se a Maria da Fonte. Padre Casimiro, estranhando naturalmente o duplicado, pediu informações ao abade de São Gens de Calvos, pároco e vizinho da doceira. O abade confirmou ser ela a célebre Maria da Fonte. Não obstante, o nosso autor, sem apoucar os serviços da doceira - pelo contrário, os encarece - entende que a verdadeira é a de Simães, por ser de Fonte Arcada, e não a outra, visto que o nome lhe não foi dado por ter prestado maiores serviços, aliás de direito lhe pertenceria. Acrescenta o monógrafo da revolução de 46 que Maria Angelina ou da Fonte, morrera, anos depois, em Vila Nova de Famalicão ou por ali perto.

Quanto ao óbito de Maria Angelina foi o Sr. Padre Casimiro incorretamente informado. É certo ter vivido e morrido em Famalicão uma endiabrada mulher, volteira e espancadora, a quem chamaram Maria da Fonte por analogia de bravura com a façanhosa revolucionária do Alto Minho. Em diferentes terras do país se chamaram antonomasticamente Marias da Fonte as mulheres valentes e decididas.

***

Outro testemunho importante de um coevo e vizinho das mulheres iniciadoras da revolução. Quem depõe é José Joaquim de Ferreira de Meio e Andrade, senhor da Casa de Agra, na Póvoa de Lanhoso, falecido em Novembro de 1881, com idade excedente a oitenta anos. Desde 1874 que conservo com muita estimação as notas verídicas que recebi diretamente daquele respeitável fidalgo. E textualmente sua a redação circunspecta e redondamente fraseada da biografia da mulher de ínfima condição cujo nome ficou perpetuado num levantamento nacional, e se leu estampado com assombro nos periódicas do Velho e Novo Mundo. Na exposição que vai ler-se há pormenores que não expungi. Quem os relata desapaixonadamente assistiu à irrisória iniciativa da revolução, e os jornais da época desconheceram-nos.

MARIA DA FONTE (1846)

"Na madrugada de 24 de Junho de 1822, Josefa Antunes que morava em uma casinha sobranceira à fonte do Vido no lugar do Barreiro, da freguesia de Fonte Arcada, levantou-se da cama, vestiu-se e correu pressurosa à fonte para colher água de S. João, antes do Sol nado, porque, dizia, era água de muito préstimo para todos os achaques.

Ao aproximar-se, ficou surpreendida, vendo à beira da fonte um embrulho de baetas sobre uma pedra. Pegou no embrulho; e, parecendo-lhe que encerrava coisa viva, voltou com ele para casa; e, passando a examiná-lo, achou uma menina recém-nascida e muito vivedoira. Aplicou-lhe logo os peitos (porque lhe tinha morrido, dias antes, uma criança); a menina mamou e adormeceu.

Sem lhe lembrar mais a água milagrosa, preparou-se e partiu com a menina para a Póvoa. Apresentou-se ao rodeiro, e este, depois de a examinar, disse-lhe que seria bom levá-la à igreja para receber o sacramento do batismo, para o que se ofereceu Josefa Antunes. O rodeiro então, lançando mão do capote, e mais a ama, marcharam com a menina para a igreja de Fonte Arcada. Lá, ao preparar a criança para receber o sacramento, acharam-lhe cosido, na fralda da camisinha, um bilhete que continha a seguinte copia:

Eis-me exposta junto à linfa

que aqui mana deste monte.
Serei dela a clara ninfa,
serei Maria da Fonte.

O pároco riu-se muito, riram todos, e a criança batizou-se com o nome de Maria da Fonte; e, depois de lavrado assim o termo, voltaram ambos para a Póvoa.

Fácil foi a Josefa Antunes obter aquela exposta para criação; por isso, depois do rodeiro fazer o assento do estilo, pôr-lhe o número ao pescoço, e ela receber dele o enxoval do costume, voltou para a Fonte do Vida, muito satisfeita portão depressa achar um lenitivo que lhe mitigava as saudades do seu menino que pouco antes havia perdido.

Nenhuma ama houve que maior afeição criasse à sua pupila, pois queria-lhe tanto como ao próprio filho; mas este excessivo amor foi a perdição daquela rapariga.

Já o tempo da lactação tinha passado e a criança medrava a olhos vistos, sempre sadia, rubicunda e travessa. A ama a quem ela chamava mãe olhava-a com a maior complacência como se nela se lhe encerrassem todas as riquezas do mundo; mas descurava totalmente de a educar.

Em 1828, quando se consumara a usurpação, cantava já a fanfarra do Rei chegou com tais arrebiques que atraía a atenção dos ouvintes; e não faltava quem por isso lhe dava alguns cobres que imediatamente ia gastar em vinho nas vendas do Cruzeiro, recolhendo-se sempre embriagada. A ama sabia tudo, mas não se dava por achada.

Em 1830 ainda ignorava a doutrina cristã e não sabia pegar na roca; mas proferia palavras obscenas; lutava com os rapazes da sua idade, e, quando os levava de baixo, a mãe adotiva ria que se consolava; e, se lhe trazia alguma fruta ou lenha das propriedades dos vizinhos, limitava-se a perguntar-lhe se lá ficou ainda mais.

Em 1840 havia chegado ao seu perfeito desenvolvimento. Não era baixa, mas refeita, madeixa comprida e bem povoada de cabelos pretos; olhos, sobrancelhas e pestanas negros; mas estas arcadas e salientes; nariz direito de asas folgadas; boca breve e sem riso; rosto afogueado e redondo; vista firme; voz algum tanto varonil, forte e sã; temperamento irascível; trato grosseiro; teimosa e ríspida nas respostas. Supunha-se invulnerável, e assim afugentava os admiradores e lisonjeiros; mas uma reverenda melúria venceu todos esses redutos, e, no fim de nove meses, a roda dos expostos deu mais uma volta.

Por este tempo Josefa Antunes, sendo atacada de uma febre escarlatina, em menos de treze dias rendeu a alma ao Criador; e Maria da Fonte, ou por

conselho alheio ou por deliberação própria, alugou uma pequena casa na mesma freguesia, sita no lugar de Valbom e transferiu-se para ela com todos os haveres que lhe ficaram da sua mãe adotiva que a levou para a sepultura, como se costuma dizer em tais casos, atravessada no coração: tanto era o amor que lhe tinha... nesse tempo foi que os missionários (prossegue o meu informador), como se estivéramos nos sertões da América, ou não houvesse párocos nem confessores, principiaram a cruzar por estes sítios, quais andorinhas em Maio, sobre os verdes linhares, ao avizinhar-se a trovoada. Maria da Fonte começou a segui-los por toda a parte, e a roda dos expostos deu mais duas voltas, apesar de ela se vestir de roxo e preto, despojar-se dos seus belos cabelos, deixando a clássica marrafa, cortada horizontalmente duas linhas acima das suas arqueadas sobrancelhas. Era este o decantado uniforme da milícia daqueles senhores que por aqui recrutaram a mãos largas, distinguindo-se assim dos mais fiéis principalmente dentro das igrejas, onde se assentavam sobre as sepulturas, com as testas pousadas nos taburnos e as garupas alçadas para o ar... como obuses; ou agrupando-se arrebanhadas no cocuruto da igreja, soltando uma ou outra, de quando em quando, em voz inteligível e de cabeça torta, o terno gemido: ai meu Jesus! Tudo isto se presenciava e Maria da Fonte sobressaia a todas. Os confessionários não criavam teias de aranha, nem ferrugem as chaves dos sacrários. Versinhos e jaculatórias não faltavam: tudo santidades e um céu coberto.

Começara o ano de 1846 docemente reclinado nos fagueiros braços da mais bonançosa paz. A agricultura prosperava, o comércio desenvolvia-se, as artes floresciam, o crédito público aumentava, a viação começava os seus primeiros ensaios e as contribuições não escaldavam. Mas o surdo mugir do touro do Minha, conquanto mal percebido, ouvia-se por toda a parte sem se saber da sua guarida: é que o incomodavam sonhadas visões no antro do seu repouso. O prurido da desconfiança principiava a inquietá-lo; e o hálito corrosivo, manando clandestinamente dos bons ministros da paz para os ouvidos das filhas de Sião, estas infeccionavam o ar que o touro, mugindo, aspirava. Por isso, viu-se em Março na freguesia de Garfe onde tinha estado o apóstolo de Leiria, uma nuvem de bacantes, todas de marrafa como a dos leigos da ordem beneditina, arrepanhar um esquife e conduzi-lo à igreja dando-lhe sepultura entre risadas e motejos, na presença da Deus vivo, ali sacramentado! A autoridade deu logo parte do sacrilégio, pediu providências, pediu força armada; mas nem resposta obteve.

Era a repetição do que pouco antes se havia praticado na freguesia de Travassós, no concelho de Guimarães, com os enterramentos. Nos primeiros dias de Abril repetiu-se igual profanação na freguesia de Fonte Arcada; mas debalde a autoridade participou ao Governador Civil. Quase no fim deste mês, no lugar de Simães, freguesia onde o hálito da corrupção mais tinha penetrado,

e a dourada nuvem de Londres havia assombrado um pouco, estreou-se nova companhia de bacantes, como se vai ver com pormenores.

Achava-se depositado na capela do lugar em ataúde fechado sobre eça enlutada de crepes uma defunta de família honesta. Chegou a hora de ser transferida para a igreja paroquial com acompanhamento de pessoas que ali tinham concorrido tanto para desanojar as doridos como para acompanhar à última morada os restos mortais daquela finada. Já o pároco se achava paramentado, já responsava a defunta e levantava o memento, já ondeavam as alvejantes sobrepelizes, repartiam-se as tochas acesas, e hasteava-se à porta da capela a cruz da redenção, quando, de repente, aparecem quatro bacantes, de cabelos cortados e amarrafados na testa debaixo de lenços brancos atados na nuca, em mangas de camisa, saias pelos joelhos, presas nas cinturas e descalças.

Entram na capela, arrebatam o ataúde, põem-no aos ombros e caminham a passa dobrado para a igreja, indo à frente Maria da Fonte com a cruz alçada e uma horda de Amazonas rodeando o caixão, umas de chuças, outras de ferrelhas e pás de enfornar, muitas com choupas e sacholas, algumas com forcados e espetos, e até uma com uma colher de ferro amassada, formando duas pontas com que ameaçava arrancar os olhos de quem se lhe pusesse diante.

Após este préstito burlesco, foi-se abalando em seguida o pároco, a clero, e no coice deste os concorrentes, muitos sem surpresa desta novidade, que até parecia à maior parte deles muito honesta e importante e para bem de todos, porque já a hálito pestífero lhes tinha eivadas as cabeças.

No meia do trânsito, as bacantes levantaram vivas, e seguiram até entrarem na igreja da paróquia. Elas mesmas enxotaram do interior sem exceção o sexo masculino, pondo guardas às portas, armadas de choupas e forcados; e, depois de colocarem o ataúde sobre a eça, levantaram a taburno de uma sepultura, despejaram-na, extraindo os restos das assadas com a terra, desceram novamente o ataúde ao fundo daquela sepultura, reenchendo-a de novo com a mesma terra e fragmentos humanos; e, depois de lhe assentarem o taburno, bateram palmas, deram vivas à religião e às leis velhas, morras às leis novas, levantaram as guardas e foram-se embora.

Ninguém ali foi testemunha disto senão a Sacramenta e as sagradas imagens dos altares, e mesma uns alhos que ficaram escondidos por detrás da tribuna do altar-mor, que desgraçados seriam, se fossem lobrigados pelas olhos que se aninhavam debaixo das marrafas beatas daquela súcia. Só então é que entraram na igreja o pároco, o clero e martirizado, embora o desejasse; mas que ainda não era chegada a sua hora. De tal sorte se fez acreditar perante aquela gente boçal que já o tinham em conta de grande santo, pois por onde passava deixava tudo fanatizado. Assim discorria pelas melhores casas; até que, tendo noticias

disto a autoridade administrativa, o mandou vir preso à sua presença, onde deu idênticas respostas, acrescentando que vinha em nome de Deus cumprir sua missão, e que para ele as prisões abriam suas portas de par em par; pelo que, nada receava. Mandou-o o administrador para o governo civil, mas aí foi posto em liberdade; e, passados poucos dias, voltou a Garfe, e de lá passou a outras freguesias, continuando sempre as mesmas práticas, até que saiu a campo o tumulto dos enterros, e então desapareceu".

Os seculares em limitado número porque os mais deles tinham retirado. Seguiu-se a missa e o oficia do corpo presente, posta que o carpo já estivesse sumido seis palmas debaixo da terra. E, afinal, recebendo o clero a colação e a esmola costumada, também retirou.

A autoridade administrativa deu logo parte de tudo por expresso ao Governo Civil pedindo pela terceira vez alguma força; mas nada de novo. Limitou-se então a mandar prender Maria da Fonte e algumas outras Amazonas que se tornaram salientes. Todas foram presas, exceto Maria da Fonte que se escondeu. O juiz de direito retirara-se para sua casa até ver no que paravam as modas. O ordinário, que nesse tempo era seu substituto nato, resolveu ir à igreja levantar auto do fato, procedendo à exumação da cadáver. Na sexta-feira próxima em que havia confessores para desobriga, dirigiu-se para lá com o delegada e escrivão da semana, oficial de diligências e mais adjuntos; porém, loga que ali chegaram e se soube o seu intento, foi como se estourasse uma bomba no meia da igreja. De repente, as Amazonas puseram-se todas em ação. Umas foram tocar os sinos a rebate, outras espalharam-se amotinando gente; muitas procuravam os da Justiça, como elas diziam; perguntavam pelo dos óculos, o delegado, outras deram sobre o juiz com uma pá do forno e ainda lhe descarregaram uma pancada nas costas; outras perseguiam o escrivão que por muito gordo cuidou de abafar quando fugia. Os oficiais de diligências ninguém mais os viu.

Continuavam as sinos a tocar a rebate nesta e noutras freguesias em roda. Já o adro e avenidas estavam cobertas de mulheres e outras vinham chegando. Foi então que apareceu a Maria da Fonte de clavina empunhada e duas pistolas no cinturão, gritando:

Vamos à cadeia tirar as presas! Viva o Sr. D. Miguel! E, senda entusiasticamente correspondida por toda a multidão, principiou esta a desfilar pelo caminho da Póvoa até ao Larga da Cruzeiro, ande fizeram alta para se juntarem todas em número talvez de 1200 mulheres! Surgiram pela estrada ocupando a sua largura e extensão de meia quilômetro, e assim foram caminhando já guardadas pelas lados, sabre os campos, por homens armados.

Chegados à Póvoa, Maria da Fonte, lançando mão de um machado, arrombou as portas da cadeia e os alçapões, e tirou as presas entre vivas ao Sr. D. Miguel e à

santa religião, voltando com elas em triunfa pelo mesmo caminha. A autoridade participou ioga por expressa ao Governo Civil; mas já sem lhe pedir nem forças nem providências.

Eram 4 horas da tarde.

Nesse mesmo dia, ao pôr da Sol, um destacamento de 50 praças do regimento, estacionado em Braga, comandada pelo tenente Taborda, entrou na Póvoa.

Mas para quê tão diminuta força, no estada a que as coisas tinham chegado?... e que comandante!... inteiramente desmemoriado e tão pusilânime que não descansou, enquanto não foi mudada para a freguesia de Galegos, que, dizia ele, era um bela ponta para uma retirada sobre o Santuário da Bom Jesus e dai para Braga!... Porém, como o foca da reação era toda do lado do Nascente, tornou-se indispensável remover aquele destacamento para a freguesia de Oliveira.

Eis que se dá outra enterro tumultuoso na freguesia de Galegas, onde apareceu Maria da Fonte e suas Amazonas! O enterro fez-se, cama nas mais partes, com a diferença da clero estar funcionando dentro da igreja.

Foram presas depois, pela polícia, um homem e uma mulher que mais se distinguiram naquele motim e logo enviados para Braga; mas, ao passarem na serra do Carvalho, lá vão tirá-las à escolta os moradores das próximas freguesias de Ferreiros e Geraz. Estava visto que o vulcão se ia espraiando, e sufocá-lo com pequenas forças - já era tarde.

Maria da Fonte tornou a esconder-se.

Em consequência de tudo isto, numa manhã, ainda que tardiamente, chegou à Póvoa outra força de 250 baionetas do regimento 8, comandadas pelo major Malheiro; a qual fazendo junção com a do primeira destacamento, ficaram às ordens daquela patente superior. Foram aboletadas na freguesia de Oliveira e parte oriental da de Fonte Arcada, onde se conservaram poucos dias; até que vindo da administrador da concelho de Vieira uma lamentosa requisição, por se ter ali sublevada o povo, marchou para lá toda a força.

Ao mesmo tempo, foi novamente ocupada a freguesia de Galegos por outro destacamento, do regimento nº 9, composto de cinquenta praças, cujo comandante não só fraternizava com o povo, senão mostrava as confidências que recebia!... por isso, foi dali transferido para Guimarães, onde o povo das freguesias do Norte, conduzido pela padre José das Caldas, no dia 15 de Abril, tentou entrar. Houve tiroteio entre ele e a tropa, ficando com um quarta quebrado por uma bala aquele comandante.

No mesma dia os povos de Prado, depois de queimarem o arquivo da administração do seu concelho, capitaneados por outro padre, avançaram a Braga e atacaram de surpresa os quartéis do regimento 8... Foram, porém, repelidos e perseguidas até ao rio Cávado, deixando bastantes mortos e feridas: pela que foi mandada recolher o major Malheiro com toda a força do seu comanda que se achava em Vieira.

Também, nesse mesmo dia, os povos da freguesia de Souto, Donim e Briteiros, do concelho de Guimarães, homens e mulheres, invadindo o concelho da Póvoa de Lanhoso, pela freguesia de Santo Emilião entraram em São Martinho do Campa, atravessaram Vilela e foram pernoitar nos lugares de Quintela e Parto de Ave, na freguesia de Taíde, obrigando a segui-las todas as pessoas que encontravam. Aqui se lhes uniu Maria da Fonte com as suas pistolas e clavina.

Ao outro dia, 16 de Abril, tocando todos os sinos a rebate, era pavoroso ver, ao som deles, coma se abalava aquela mole de povo, a qual subiu com toda a lentidão às freguesias de Travassós, Brunhais e Esperança, desceu a Oliveira, baixou a Fonte Arcada, deixando queimadas, na regedoria, todos os papéis, e fazendo junção com os povos de Galegas e Lanhoso. Outro tanta praticou no arquiva da administração, sem se importar dos prejuízos que nisto iam. Era triste ver, em roda, tudo alastrada de papéis rasgados e queimados: uns redemoinhando com o vento e outros servindo de joguete, nas mãos dos rapazes, que os apanhavam às rebatinhas.

A noite veio pôr termo a este vandalismo e evitou igual catástrofe nos cartórios dos escrivães de direito, e mesmo no arquivo municipal, que só por esta razão escaparam...

Então Maria da Fonte, julgando terminada a sua missão, recolheu-se à choupana de Valbom - já sem receio de ser presa, porque a autoridade administrativa cessou de funcionar; até que, no Outono seguinte, voltando de Vieira o conde das Antas, com a sua divisão de 3000 homens, onde fora tentar um convênio com o padre Casimiro (!), e, pernoitando em Fonte Arcada, Maria da Fonte afeiçoou-se a um tambor; e, acompanhando-o na divisão, desapareceu, sem que mais se soubesse noticias dela.

Tal foi a carreira e fim da cara Ninfa da fonte... Que a terra lhe pese na alma.

***

Conjecturo ser esta a lídima e autêntica heroína com as suas intermitências de borrachona e malandra. Também me quer parecer que o Sr. Padre Casimira José Vieira não conheceu exatamente aquela Maria da Fonte, a garantida, ou pelo menos ignorou a sua fecundidade e outras costumeiras pouco austeras, quando lhe chama biblicamente a Judite portuguesa. Acertou melhor chamando

Holofernes ao Sr. Conde de Tomar, cuja cabeça - retoricamente, graças aos Céus! - andou pendurada nas roçadouras das matronas e das donzelas do Minho. Quanto a donzelas, o Sr. Padre Casimiro não precisa ser mais rigorosamente clássico e técnica que mestre Camões para quem Inês de Castra, mãe de alguns filhos, era a "...pálida donzela."

Elas eram, pelos modos, como as donzelas virilmente experimentadas de Horácio, na Ode 14 do Livro III:

..... Et puellae
Jam virum expertae.

Seja como for, labora na incerteza de que Maria Angelina, irmã da sapateiro de Simães, donzela talvez menos problemática, se encabeçasse, com incontroversa direito, nas tradições castas e bastante carniceiras da Judite da Escritura Sagrada. Eu também, venerando a sagrada poesia da Mãe de Jesus, não acredito sem discussão que a genuína Maria da Fonte se pronunciasse no Minha contra os ímpios, obedecendo a sugestões da candidíssima Maria de Galileia. Veja pelo meu prisma da infância a Rasa mística, a Consoladora dos aflitos, a amantíssima inspiradora da Ladainha, onde salmeiam os hinos das estrelas e gemem as elegias das angústias humanas. Duvida que Maria Santíssima se entendesse com Maria da Fonte pela maneira cama o Sr. Padre Casimiro o formula nestas palavras de pág. 208:... Lembrai-vos do castigo com que a Virgem Santíssima principiou a atormentar os ímpias em 1846, pelo insulto que então lhe fizeram na Igreja dos Congregados do Parto, e de que ela começou a desafrontar-se por meio do seu mesmo débil sexo no mesmo mês do seu insulto, animando as matronas do Minha armadas do forcado, da foice e do chuça a arrostar contra as autoridades desses monstros, etc. E possível que as negócios assim tenham corrido entre o Céu e a Póvoa de Lanhaso; mas a mim - ouso insistir - repugna-me aceitar a confederação da Rainha das anjos com qualquer das duas Marias discutidas, e muito menos com a legítima, a da Fonte dai/ido, que, depois de passear, espetada no chuça, a cabeça de Tigelino Holofernes da Costa Cabral, se foi embora com o tambor da divisão do Antas.. Acho mais natural que ela, tenda estado em relações tão particulares e confidenciais com a Esposa do Padre Eterno, em vez de se ir à gandaia com o tamborileiro por aí fora, aspirasse à canonização, depois de ter sofrida nas roliças nádegas o martírio de alguns pontapés do regedor e de outras carnífices da sua freguesia. Lembra-me agora a Sátira VII de Juvenal: Dar-se-á caso que deus (Osíris) esteja relacionado com tais parvoeirões? Em tal caso no Céu não há que fazer, e vós, ó deuses, viveis numa calaceirice.

Isto não é querer armar à polêmica; mas talvez não se desse positivamente, como a historiador inculca, uma coalisão das forças celestiais com os forcados minhotos contra os empregados de Vieira e Lanhoso. Pode admitir-se

ortodoxamente, se não me engano, que o Sagrada Coração de Maria, ultrajada no templo das Congregados, por irrigações de assa-fétida, pudesse punir o Almeida Penha e outros ateus sem recorrer à intervenção armada da Maria da Fonte, nem ir castigar tão longe os inocentes plumitivas da Cadastro, estranhos de toda aos sacrílegos fedores aspergidos na igreja. É notória que os empregados das administrações sertanejas levaram a sua dose, sem cumplicidade nas irreverências feitas à pituitária das senhoras Cirnes, das senhoras Farias Regras, do limpo e místico autor das Viagens a Leixões, Alexandre Garrett, parente de S. Gonçalo de Amarante, esbofadas, de roldão, com as narinas calafetadas, e os seus ventres ofegantes numa grande emprenhidão de flatos e angústias inenarráveis - tudo sem metáfora. Jésus, mon Sauveur, sauvez-nous de la métaphore, como disse o cauto Paula Luís Courier.

Verdade é que os celerados que deram o ímpio escândalo também foram punidas.

Afirma-o a págs. 35 o Sr. Padre Casimiro... E que tremendo castigo não principiaram a ter já cá na Terra aqueles doidos furiosos, aqueles monstros desenfreados, morrendo todos os doze principais influentes naquele motim infernal dentro de um ano, parte rebentadas, parte secos pela tísica, e parte com sangue pela boca, coma me cantou anos depois lá mesmo no Porto Alexandre Garrett, homem da maior probidade, ilustração e firmes crenças nos dogmas católicos e um dos principais promotores e diretores daquela festa soleníssima. E que pulas (calcula o historiador) não têm dado desde então até hoje esses malvados nas labaredas do Inferno?!!

Dos que morreram rebentados no ano econômica de 1848-1849 não tenho suficiente notícia, talvez por não ser vulgar nos obituários e necrologias das pessoas a uso da terminologia patológica dos alveitares. Provavelmente morreram de indigestão ou de timpanites explosivas os sujeitos que Alexandre Garrett capitulou veterinariamente de rebentados, salvo seja. Um desses doze, o capataz do desacato, Almeida Penha, sei eu que morreu tísico, muito seca; mas dessa morte muita gente boa tem falecido, e os hagiológios mencionam predestinados que os tubérculos secaram.

Bem seco estou eu, e mais não promovi nem aplaudi o escândalo; pelo contrário, caustiquei com ventosas de adjetivos os ímpios, e nem por isso engordei. Não me quer parecer, pois, que a maior ou menor espessura do tecido celular regule nos desacatas feitos à metafísica. Ora agora, quanto à tísica, santa Alderede abade (Acta Sanctorum, 1 de Janeiro) morreu tísico, e por isso é advogada contra a tosse. Morreria algum dos doze monstras paralítica? Também S. Sérvulo, confessor, assim acabou (Surius, tom. VI). A gastralgia dilacerou as entranhas de algum dos tais? Foi a sorte funesta de S. Gregório Papa. Se é provável que morresse aneurismaticamente algum dos suspeitos

rebentados, assim morreu Santo André Avelino, confessor (Brev. Rom. 10 de Novembro). Repita que não pretenda armar à polêmica. Exponho as minhas dúvidas; retira-as, porém, se estou arranjando com isto a dar, na frase coreográfica da Sr. Padre Casimiro, alguns pulos no Inferno com os outros doze.

***

Outra estampa de Maria da Fonte nos oferece a lenda. Encontra-se nas Memórias Biográficas de Garrett. Citando-se esta abra, nunca vem inoportuno o aplauso. É um obelisco imperecedouro que Francisco Gomes de Amorim erigiu à glorificação do culminante escritor português deste século - e a si própria - sem receio de que lhe agourentem o legítimo direita à admiração com as reservas que em Portugal é costume ressalvarem-se os que admiram.

A si próprio, repito: porquanto, se a admiração dos coe-vos e vindouras sair restrita e imperfeita para o biografado, é e será sempre incondicional e perfeitíssima para Gomes de Amorim. Jamais se escreveu com tanta coração e com tanto juízo. Eu nunca vi a exegese de um talento abalizado cama o de Garrett desfiada em fios tão subtis, em modalidades literárias tão acentuadas e congêneres do seu caráter. Assim, compreende-se Armand Carrel: *La vie d'un grand écrivain est le meilleur commentaire de ses écrits; c'est l'explication et pour ainsi dire l'histoire de san talent.*

***

Gomes de Amorim viu em 1846 o palco da guerra e ouviu os coros das várias Marias da Fonte, cantando ora o Bendito, ora o Rei chegou. “No mês de Abril, escreve o biógrafo, a província do Minha, mais insofrida sempre que as outras do Reino, começou a insurgir-se, alegando ser vexatória a lei do imposto e protestando que não pagaria o cruzado para as estradas. Afirmou-se que uma camponesa chamada Maria da Fonte soltara o primeiro grito revolucionária, correndo sobre os exatores do governo, armada de foice roçadoura. Juntaram-se-lhe outras mulheres igualmente armadas, e quando a força pública se lhes quis opor, acudiram os maridos, os filhas, os irmãos e os pais, e travou-se a luta. Verdade ou mito, chamou-se a esse movimenta Revolução da Maria da Fonte. A musa popular consagrou-lhe cantos, e fez-se-lhe um hino”.

Gomes de Amorim, mais inclinado à realidade que ao mito, acrescenta em nota:

“O autor viu tantas Marias, brandindo foices, forcados e outras armas, que julga possível ter sido alguma delas a heroína citada. Em toda o caso, parece que a revolução se não inspirara num mito, como depois se asseverava. No Comércio de Portugal, de Lisboa, de 15 de Março de 1883, se lia o seguinte no noticiário: MARIA DA FONTE.

Fez no dia 12 do corrente cinquenta e seis anos que nasceu em São Tiago de Oliveira (Póvoa de Lanhoso) Ana Maria Esteves, muita conhecida no país pela denominação de “Maria da Fonte”. Esta famigerada mulher faleceu na noite de 7 para 8 de Dezembro de 1874, na freguesia de Verim, naturalidade de seu marido Antônio Joaquim Lopes da Silva que provavelmente ainda vive”.

Gomes de Amorim, deplorando a morte obscura da heroína que Almeida Garrett defrontara com as mulheres de Diu e Chaul, escreve: “Os políticos que se aproveitaram e colheram os frutos da insurreição, deixaram a iniciadora dela morrer esquecida, e consentiram que fosse enterrada em campa obscura sem lhe darem sequer um padre-nosso por alma! Avisa a revolucionárias minhotas.

“Que exemplos a futuras lavradeiras!”

A reflexão é patriótica e judiciosa; mas, se os políticos tentassem recolher a ossada da Maria da Fonte genuína, os crânios apócrifos seriam tantos como os de algumas santas que têm sete e mais caveiras em diversas igrejas.

Aqui apresento à contemplação dos políticos outro exemplar não garantida.

Havia-me dito Pinha Leal que possuía apontamentos sobre a verídica Maria da Fonte.

Quando em 1877 lhos pedi, respondeu: Tenho remexido toda a monstruosa papelada e não acho os malditos apontamentos com respeito à Maria da Fonte. Parece-me que os dei há anos, ao J. L. Carreira de Melo. Eu sabia o sobrenome da Maria da Fonte e de seus pais e do homem com quem casou, depois da guerra. Tudo se desencaminhou ou não sei o que lhe fiz. Do que estou lembrado é de dizerem as folhas, aqui há coisa de um ano, que a Maria da Fonte veio a Lisboa esperar o marido que regressava do Brasil; mas isto são notícias de jornais.

Esta Maria da Fonte que esperava em 1876 a marido em Lisboa, não podia ser a que morreu em 1874. Já temos por consequência cinco, incluída a que faleceu em Vila Nova de Famalicão.

Em um livro de superior merecimento e moderníssimo na sua contextura, a Jornada dos Séculos, escreve o Sr. Alberto Pimentel: “Sabe-se com que facilidade se forma uma legenda, sobretudo quanta mais notável for o personagem que desperte a imaginação popular. O elemento poético apropria-se desse personagem, para fazer dele talvez um deus, depois da morte, segundo a teoria de Evêmero ressuscitada por Herberto Spencer, quando pretende sustentar que as religiões históricas não são mais que a evolução do culta dos mortos; para fazer dele um santo, como acontece entre nós com Frei João de Neiva, o fradinho de Braga, cuja canonização tem apenas por ora o caráter popular, mas fortemente acentuado; para fazer um herói como na legenda

patriótica de Martim Moniz, que não tem melhor abonador que uma frase vaga atribuída ao conde D. Pedro; cama na legenda política da Maria da Fonte, personificação mítica da célebre revolução da Minha...”

Alberto Pimentel tem, portanto, coma fábula a personalidade da Maria da Fonte.

Presume talvez que as gazetas cabralistas de 1846 adataram um nome bem aldeão e labrega para envilecer a coletividade do mulherio amotinado. E certo que o cartista alcunhava de pé-fresco o sans-culotte da setembrismo. De pata ao léu suspeito que deriva o patuleia. A Academia Real das Ciências parece que tem dormido sabre esta etimologia. Pelo desdém com que se tratam nomenclaturas de fatos contemporâneas há de resultar, daqui a dois séculos, a revolução do Minha ser considerada um mito, e o Sr. Padre Casimiro um moderno Orfeu que engodava as massas como o antiga os monstros dos matagais. Mas da personalidade da Maria da Fonte não há que duvidar, visto que o seu nome estava inscrito na cabeceira do rol das processadas por arrombamento da cadeia.

O Sr. Oliveira Martins, no Portugal Contemporâneo, está perplexo entre a realidade da mulher revolucionária e a divisa simbólica da revolução. Escreve o meu amiga: “No lugar da Fonte, concelho da Póvoa de Lanhoso, no coração do Minha, existia a que foi a Joana d'Arc da setembrismo”.

Singelo repara: no concelho da Póvoa de Lanhoso não há lugar algum chamada Fonte. A freguesia de Fonte Arcada compreendia então o vilar chamada Póvoa de Lanhoso que hoje está independente. Mas pode ser que a Maria Angelina, irmã do sapateiro, e natural da freguesia de Fonte Arcada, seja a que o excelente escritor adatou coma hipótese. Demorei-me nesta incorreção topográfica para obstar a que os historiadores futuros, pelo fato de não encontrarem no concelho da Póvoa o lugar da Fonte, se decidam pelo mito da Maria.

Oliveira Martins, para insinuar-nos etnicamente a compreensão da índole varonil, intrépida, das mulheres do Minha, simbolizadas na valentia de uma, escreve páginas elegantíssimas: “No Minha, como em todas as regiões de estirpe céltica, a mulher governa a casa e o marido; excede o homem em audácia, em manha, em força; lavra o campo, e jornadeia com a carrada do milho à frente dos boizinhos louros. Requestada em maça nos arraiais e romarias pelos rapazes que a namoram, conversando-a com as suas caras rapadas, basta ver um desses grupos para descobrir onde está a ação e a vida: se no olhar alegre, quase irônica da moça garrida, luzente de ouro, se na mole fisionomia do rapaz, abordoada ao cajado, contemplativo, submisso, como diante de um ídolo... Quando se casam, as moças conhecem o valor do dote que levam, e os casamentos são negócios que elas em pessoa debatem e combinam.

Não é uma esposa, quase uma serva que entra no poder do marido, à moda semita que se infiltrou nos costumes do sul do Reino: é uma companheira e associada em que o espírito prático domina sobre a moleza constitucional da homem desprovido de uma inteligência viva.

A mulher parece homem; e nos atritos da dura vida de pequenos proprietárias, quase mendigos, se as colheitas escasseiam, cercados de numerosos filhos, apagam-se as lembranças nebulosamente doiradas da luz dos amares da mocidade, e fica da antigo ídolo um rude trabalhador musculoso, com a pele tostada dos sóis e geadas, os pés e as mãos coreáceos das ceifas e do andar descalça ou em socos nos caminhos pedregosos ou sobre a bauça de urzes espinhosas. Não se lhe fale então em coisas mais ou menos poéticas: já nem percebe as cantigas da mocidade no desfolhar dos milhos! A vida cruel ensinou-a: é prática, positiva, dura. Odeia tudo, que não soa e tine, e tem um culto único - o seu chão. Vai à igreja e venera o "senhor abade", mas com os idílios da mocidade a sua religião perdeu a poesia: ficou apenas um seco rosário de superstições, funda, tenazmente arraigadas. Ai de quem lhe bulir ou nas interesses ou no culto! ou na igreja ou no chãozinho!... O sentimento inato da rebeldia (que não deve confundir-se com a independência...) existe no minhoto - com o lastro de presunção e manhas de onde saem os nossos palradores do Norte e os astutas emigrantes da Brasil; com a segurança que a vida responsável e livre de proprietárias, não assalariados, lhes dá".

Inquestionavelmente, pitorescamente belo, mas, em parte, na etnografia que afirma a dignidade da mulher minhota, há aí pontos de vista envoltas nas neblinas prismáticas de uma rica imaginação. A mulher do Minho não rege o marido, nem é árbitra no governo da casa, nem na gerência das negócios externos. É uma besta de carga que encontrareis no trânsito das feiras, vergada sob o peso dos sacos e dos bailéus, enquanto os maridos endomingados se encovam nas tabernas do mercado, ganhando brios para à noite lhes quebrarem os ossos em casa - exercício auxiliar à digestão do seu verde. Quanto a venerarem o vigário as mulheres, dá-se o caso de o venerarem a ele e mais aos coadjutores, algumas, com excesso, se o abade e a clerezia circunjacente não têm na bexiga ou nas articulações a pedra e a reuma que os tornem mais castos que a fantasia de Jocelyn. A devassidão das minhotas, alternada com intermitências de beatério quando os missionários urram, tem sida para mim um objetivo de contemplações de que não pude ainda atingir o grau de alienação mental a que pode levar a estupidez. Os solteiros aceitam, sem biocos de honra, as mulheres infamadas que lhes estimulam o cio ou o interesse. O brasileiro, o argentário que fechou a loja nas extintas Congostas, desonra e dota raparigas com uma quantia sabida; de moda que os candidatos à datada disputam a pau de choupa o gozo legítima da maça habilitada para noiva. O Sr. Oliveira Martins, depois das duas páginas transcritas, está comigo com uma condescendência que me regala. Diz o eminente crítico: "Mas o minhoto,

naturalista, não é suscetível nas pecados da carne: fraquezas humanas! Muitas, muitas raparigas casam sem ser virgens e isso, apesar de sabido, não escandaliza". Com certeza, não; e eu mesma me apressa a declarar que não pretendo que a rubidez do meu pudor vá purpurejar as faces cândidas de quem me lê, nem levante aí a celeuma dos peitas indignados pela libertinagem da Minha. O que eu pretenda é demonstrar que a sublevação da gentalha da Póvoa e de Vieira não promanou de nenhum sentimento nobre de rebeldia ou reação às exações cabralistas: foi sugestão de um ou dais cônegos setembristas, influentes em alguns padres que veremos figurar nas páginas deste livro.

Aí não houve rebelião por atavismo céltico, nem borrascas de fanatismo, nem a bravura que virilizava os pulsos das mulheres de Diu e Chaul. A turba das sequazes da Maria da Fonte nunca se arrostou com a tropa; a sua façanha, além das fogueiras dos cadastros, foi dar uma pazada nas costas de um juiz ordinário, e investirem atrás de um escrivão obeso a termos de por um triz o asfixiarem numa agonia arquejante. O que esbravejava aí era uma alcateia de crapulosas muito cabeludas, convulsionadas pelo espírito das tabernas e das sacristias. Dos documentos coevos não se liquida mais nada para os Anais do século XIX; porém, o rodeiro dos enjeitados da Póvoa poderia completar os fastos da corja que, durante as armistícios, ia fecundando pequenitos heróis com sangue céltico na guelra e uma marca de chumbo no pescoço. Os poetas nebulosamente ossiânicos da Rua das Flores, daquele tempo, célebres bizantinos, figuraram aquelas Maritornes encodeadas de esterco umas Dianas de perna lisa e vibrátil lavada com oriza-láctea, de madeixas ondulosas engrinaldadas de boninas, manilhas de ouro nos braços alabastrinos, narinas aflantes de cólera, a romperem dos seus bosques com os venábulos atrás dos janízaros. Foi assim também provavelmente que as idealizou o divino Garrett, no brinde, através do cálice opalizado; mas ninguém as figurou tão carnavalescamente como o Sr. Padre Casimiro, vestindo-lhes a túnica de Judite, e dando à Póvoa de Lanhoso a importância de Betúlia ameaçada pelo José dos

Cônegos, lugar-tenente da Coroa.

***

"A Maria da Fonte - diz Oliveira Martins pendendo para o mito - tornou-se o símbolo dos protestas populares. A imaginação coletiva provou ter ainda plasticidade bastante para criar um mito, uma fada - Joana d'Arc antidoutrinária. O herói da revolução minhota devia ser uma mulher, não um homem; devia ser desconhecido, lendário: mais um nome do que uma verdadeira pessoa."

Não obstante, o mesmo historiador, exercitado o seu formoso estilo no vago do mitologismo tão querido dos espíritos reconstruintes e avessos à naturalidade chata das coisas, afinal acentua deste modo a existência da heroína em carne e

osso e foice roçadoira: “Entretanto, parece que de fato houve uma certa Maria da Fonte que soltou o primeira grito de sedição”.

***

Em remate desta Parte Primeira do livro, monótona e enfadonha de pesquisas para restituir à história um nome que ia delir-se sob o esmeril dos mitólogos, eu tenho para mim como certo que a genuína Maria da Fonte é a enjeitada da Fonte do Vida, que em menina cantava bebedamente a Rei chegou e era ladra - que em mulher deu alguns filhos à roda e o seu nome à revolução de um pais; e que afinal, já muito sovada, se foi à vida da caserna com um tambor da divisão do conde das Antas. A sua paragem derradeira deve ter sido a enxerga de uma enfermaria especialista.

O meu prezado Gomes de Amorim queria que os políticos que enceleiraram o fruto das searas semeadas por ela, lhe mandassem rezar uma missa por alma. Ah! a alma da Maria da Fonte adeja por aí, paira sobre este povo lusitano, para quem é forçoso que vigore sempre uma tolice messiânica ou revolucionária, quer ela se chame D. Sebastião ou Maria da Fonte.

NOTA

A justiça reclama esta Nota, seriamente lavrada como um corretivo disciplinar, ao tom galhofeiro, herói-cômico das páginas escritas.

O fermento azedo que fez levedar a revolução de 1846 - as assuadas das mulheres à volta de cadáveres exumados - seria irrisório, se não fosse bestialmente repugnante. O setembrismo, bordando no seu estandarte vitorioso o moto “Maria da Fonte”, resvalou dos seus briosos princípios avançados. Passos Manuel devia indignar-se! Qual indignação! Ele propôs em 46 que se dispensasse a província do Minho de pagar subsídio literário como galardão aos serviços prestados à causa nacional. Não seria isto uma ironia do poeta de Bouças? Considerando que a província do Minho era analfabeticamente selvagem, acharia Manuel Passos absurda iniquidade obrigá-la a subsidiar coisas literárias? Eu bem queria escapulir por esta espirituosa evasiva aquela estátua encasacada que está em Matosinhos invocando a piedade da Arte.

Preconizarem os setembristas um tumulto fanaticamente alarvejado como estimulante de evolução progressista foi descaro que transcende todos os maus costumes da devassa Política. Arguiam a Rainha e os seus ministros prediletos de retrógrados, escarneciam a religião nos prelos e nos templos, e ao mesmo tempo insinuavam no clero miguelista do Minho que acirrasse a plebe boçal contra a lei ímpia que proibia as inumações na terra sagrada das igrejas. Os de

Setembro, espíritos fortes e demolidores dos preconceitos inveterados, desonraram-se legitimando o canalhismo do motim popular nos adros e o incêndio dos arquivos nas regedorias e nas câmaras.

Um momento houve, todavia, em que a rebelião atingira proporções heróicas: foi quando se generalizou, sem repetir as brutas tropelias praticadas no foco da insurreição.

Então se viu, a peito descoberto, sem a tonalidade ridícula das mulheres, o grande partido nacional em que a parcela setembrista influiu menos que a poderosa e válida facção do regime absoluto. Porém, esse heroísmo, liberal estreme, realçou em Torres Vedras e no Alto do Viso onde se barateararam vidas tão preciosas que seria opróbrio acamaradá-las na hoste da Maria da Fonte. Quem mordeu o pó lá em cima nas batalhas das montanhas de Vieira e Pico de Regalados? Honradamente o confessa padre Casimiro, o "General das duas províncias". Ninguém. O sangue derramado nas guerras civis espirra de peitos escandecidos pela paixão generosa de um princípio. As asneiras disfarçadas em zelo da religião, que incitaram as aldeias do Minho, quem primeiro devia refugá-las do seu credo eram os revolucionários da Belenzada.

Tenho dito, penso eu, o bastante para que me não arrolem no catálogo dos fósseis remanescentes ao dilúvio que subverteu a camada dos Cabrais. Repito: eu não quis desluzir a coragem do povo de 46: mas pretendi joeirar no crivo da peneira histórica a Maria da Fonte que os progressistas chamam sua mãe, e os republicanos sua avó.

PARTE SEGUNDA

CASIMIRO, O PRESBÍTERO

Em Março de 1846 estudava retórica em Braga padre Casimiro José Vieira, habilitando-se para pregador. Tinha vinte e nove anos, donosa presença estatura mais alta que regular, plástica delicada, um pouco pálido, semblante prazenteiro e irônico.

Um dos seus correligionários e camaradas nos desastres da facção miguelista em Dezembro de 1846, o finado Augusto Barbosa de Pinho Leal, meu saudoso amigo e autor do Dicionário Antigo e Moderno, em carta de 22 de Outubro de 82, lembrava-se do belicoso levita nestes termos: Em Braga estive aquartelado com o padre Casimiro, com o padre Manuel das Agras e com o abade de Priscos em casa do prior de S. Vítor.

Gostei muito do padre Casimiro; era boa figura, tinha um lindo bigode preto, era muito pândego. Olhe que, se tivesse mais sólida educação, não havia de ser tolo de todo.

Há de ser da minha idade com muito pouca diferença.

O aluno de retórica era estranho à origem dos motins populares de Vieira; e ficaria decerto afastado do teatro da guerra, se a sua família não fosse vitimada a velhos ódiosfermentados por questões de dinheiro - uma herança ultramarina de 200 contos em que ele tinha com suas irmãs uma oitava parte. Declara o padre que a guerra não era a sua vocação; e, todavia, manifestou exuberantemente que o direito das represálias lhe aguerrira uma segunda natureza formada com o cheiro acre da pólvora que ele fabricava primorosamente, e com os rebates elétricos dos campanários de vinte e duas freguesias.

Padre Casimiro exercitou primeiramente no seu concelho o ministério da paz, evitando incendiarem-se as casas das famílias liberais, e salvando da morte, com engenhosos disfarces e proclamações comoventes - ensaios felizes da retórica de Frei Miguel - alguns empregados públicos infamados de cabralistas. Não obstante, comprometeu-se em extremo desde o momento que os amotinados, pelo fato de lhe obedecerem, o constituíram seu chefe, aclamando-o intendente-geral da comarca da Póvoa. Esta magistratura imaginosa, abrangendo os negócios militares e administrativos, diz o historiador que era uma autoridade arbitrária; mas que ele a exigira para produzir o efeito desejado. A fim de legalizar este sufrágio popular, o cauto intendente, muito legalista, quis que se renovasse na Póvoa, cabeça de concelho, a aclamação. Mandou, pois, lá reunir o povo no dia seguinte e que o esperassem. Ele foi, e

não achou lá viva alma. Voltou para casa muito desanimado: e, num ataque de bílis, disse, pouco retórico, ao seu camarada Pereira: Daqui por diante onde quer que apareçamos temos de ouvir a irrisão dos nossos inimigos Cabrais de menos juízo, e ocorre-me que o remédio melhor e único para a evitar e aniquilar (a irrisão) é andar constantemente armados de cacetes seguros de cerquinho ou lodo e prová-los a miúdo nas costas deles sem prometimentos prévios (pág. 24). Isto alegrou-os como um alvitre eficaz em último recurso. Semelhante projeto de pancadaria, sem programa enviado aos interessados, era o romper da aurora da segunda vocação.

Desde que um destacamento do 13 foi a Vieira para capturar o intendente-geral da comarca, principiam as façanhas militares do padre Casimiro, com a sua hoste de seis rapazes na peugada de 170 praças de Infantaria e 20 cavalos. Nessa primeira evolução, travou-se o fogo fronteiro entre as duas margens de um regato; e a tropa, esquivando-se a uma batalha decisiva, sumiu-se. Daí avante as proezas desta espécie, relatadas pelo valente caudilho, seriam menos dignas de crédito, se a alta intervenção divina se portasse estranha aos ataques e escaramuças que padre Casimiro narra sem bazófia, atribuindo os triunfos prodigiosos ao Senhor Deus dos exércitos ou das guerrilhas – que importa o mesmo. -Houve, pois, grande mortandade? - pergunta o pálido leitor. Não, não morreu ninguém, e o autobiógrafo explica luminosamente em nota de pág. 28: Não se pense que eu, nesta narração dos acontecimentos passados, procuro engrandecer-me, porque eu mesmo confesso que, embora os ataques produzissem o efeito desejado, foram quase insignificantes. E acrescento mesmo que me não consta ter morrido ninguém nos ataques comandados só por mim, provavelmente por Deus querer mostrar com mais clareza que a Ele e só a Ele que dá e tira a coragem como lhe apraz, e que é Ele e só Ele que dá a vitória a quem quer e como quer, sem se importar com os conhecimentos de arte da guerra, ou com os petrechos bélicos, etc.

Destarte explicada a incruenta vantagem da guerrilha sobre o exército, não temos obscuridade nenhuma a dilucidar. Trocavam-se saraivadas de balas a distância de tiro de pistola com a pontaria certeira do ódio entre soldados disciplinados e caçadores dos desfiladeiros do Gerês - pois, senhores, não morreu ninguém.

Exemplo, uma vez, padre Casimiro, com dois homens, sai à frente da tropa, e, ao alcance de um tiro de caça, exclama: - “Rapazes, aqui está o padre Casimiro, comandante do povo de Vieira, a quem procurastes para prender. Ou vos rendeis, ou nenhum de vós fica hoje vivo!”

A soldadesca, que estava deitada, levanta-se, mas não se rende. O padre aponta-lhe e desfecha uma pistola de cavalaria. A tropa responde-lhe com uma descarga cerrada. O padre carrega de novo e atira. A tropa carrega e desfecha

outra descarga. Pois das 340 balas não houve uma que acertasse no padre nem raspasse pelos dois guerrilhas invulneráveis. Diria Boileau:

Le vrai peut quelque fois n'être pas vraisemblable.

Mas, para evitar polêmicas convém saber que o modelo adotado pelo Sr. Padre Casimiro, no seu método de historiador, é Bossuet, o autor do Discurso sobre a História Universal. Segundo o sábio prelado, o gênero humano, no seu progredir para a possível perfectibilidade, é dirigido por Deus que o submete aos seus misteriosos desígnios.

Deus é a lei oculta e impenetrável dos fatos. Os sucessos, embora nos pareçam ilógicos e disparatados, mais tarde se manifestam em concerto maravilhoso, estampilhados com o sinete da presciência divina. Frisa nesta escola o livro do Sr. Padre Casimiro; porém, não se combinam em tudo os dois historiadores. O bispo de Meaux, na sua obra Política, provando a aliança dos preceitos da Escritura com as monarquias despóticas, reconhece o poder absoluto dos príncipes e permite aos vassalos, não a rebeldia, mas a súplica humilde aos déspotas e a oração a Deus. O Sr. Padre Casimiro Vieira não está com Bossuet quanto a súplicas submissas aos reinantes e preces pacientes à Divindade.

Revolta-se contra o poder estabelecido, convicto de que o Senhor ordena que ele se insurreccione contra D. Maria li, a favor de D. Miguel I.

E o certo é que o nosso historiador tem jeito de ser mais coerente que a excelsa águia de Meaux. Se os atos humanos obedecem a um programa divino, cessa o livre arbítrio, não é assim? A revolta é a manifestação, na criatura inconsciente, da vontade do Criador, ao passo que a submissão aconselhada pelo bispo é uma violência imposta a um direito que se revoluciona por incitação do motor supremo dos atos humanos; e a prece a Deus é uma inutilidade afrontosa, senão blasfema, porque pretende corrigir os planos do Incognoscível tão inalteráveis como a rotação do mundo planetário, não é verdade?

“O movimento popular do Minho, diz o Sr. Padre Casimiro, não foi um acontecimento natural: foi um plano da Providência”. E na mesma página fortalece a tese: “Este plano passou à França, e de lá a todas as nações da Europa, como um castigo visível de Deus; e assim como em Portugal foram precisos três meses para suplantar o governo cabralista, em França bastaram três dias para suplantar o governo de Luís Filipe”. E desta concomitância de tempo, de lugar e de reformação política evidenciou o solerte escrutador do divino Revolucionário da Europa não poder-se duvidar que o movimento popular do Minho foi feito por plano de Deus, e foi por Ele determinado, dirigido e protegido. E Mazzini? e Kossuth? e Cavour? e Garibaldi? e o teólogo Doellinger tão hostil como Lutero ao papa infalível? Se Deus suscitou aqueles flagelos dos reis e das teocracias, parece-me que Sua Divina Majestade está

muito comprometida politicamente e teologicamente. A metafísica, no método histórico, sinca nestas incongruências.

Mas que diferença de exórdios revolucionários entre França e Portugal! Aqui era a Maria da Fonte nas tabernas de Fonte Arcada a envinagrar a pimponice do mulherigo com borbotões de tolices avinhadas. Em França era Afonso de Lamartine, nos facciosos "banquetes da Reforma", a fazer "toasts" com girândolas de figuras sentimentais, excedendo o que há mais detestável nos maçadores poeticamente políticos. Não importa. Lamartine recebera da nossa Maria a primitiva corrente elétrica. A isca de bacalhau e azeitona das bodegas da Póvoa desdobrara-se nos opíparos banquetes de Autun.

No transcurso da volumosa obra do Sr. Padre Casimiro hão de entrever-se as melhorias que a revolução de Fonte Arcada e de Paris, planeada por Deus, surtiram em prol de Henrique V, de D. Miguel I, de Carlos VII - os reis ungidos - do clericalismo decadente e do papa destronado, quando um concilio ecumênico, acordado ao cabo de trezentos anos, o decretava "infalível" - uma irrisão melodramática às portas do século XX.

***

Percebida a índole filosófica do nosso historiógrafo, volvamos a procurá-lo nas batalhas sob a estratégia marcial da ciência que o dirige por infusão do Espírito Santo.

Nunca deixarei na sombra os vestígios lúcidos que manifestam, desde Vieira até à Ponte de Cavez, a assistência das potestades olímpicas ao início da revolução da Europa. No descritivo, padre Casimiro faz, a relanços, lembrar o dominador das Gálias nos Comentários, ou, melhor comparado, Idácio, cronista visigodo, historiando com as primitivas energias, como em escultura de bronze, as pugnas dos bárbaros assoladores da Ibéria. Eis como o cronista português descreve os prelúdios de uma das suas cargas à tropa: "Ao amanhecer, mandei Procurar buzinas grandes, para se tocarem pelas montanhas acima, e apareceram três buzinões como eu nunca tinha visto, nem tornei a ver. Saiu a tropa ao romper do dia, e eu mandei tocar os sinos a rebate, e marchei com o povo pelas escarpadas montanhas a cortar-lhe a passagem no caso de ela se dirigir para Chaves. Fiz tocar por todas as montanhas acima em diversas distâncias e mui retirados uns dos outros os três buzinões, atroando aquelas escarpadas serras, ao longe e ao perto, com som horrível muito parecido com o do trovão, que fazia arrepiar os cabelos aos mais corajosos! Naquela ocasião era já muito o povo e como todos corriam com vontade, e cada qual segundo suas forças e agilidade, formavam uma coluna mui extensa, de vista impotente e em conformidade com a música sonora dos buzinões ou cometas bélicas... Porém, como eu corria mais que os outros, etc.".

Novo e terrível!

Como se vê, a linguagem rítmica, nervosa, colorida e rotunda não tem a barbaria estridente dos buzinões. Flaubert na Salambô - episódio das lutas de extermínio entre Roma e Cartago - tem capítulos formidáveis com adjetivos crepitantes que não desdenhariam aquela passagem dos buzinões. Parece que assistimos, no 2º século, a uma aluvião torrentuosa de hérulos que se despenham sobre Trebizonda; ou escutamos o mugido das trombetas dos ármatas que irrompem dos sertões incógnitos do coração florestal da Rússia. Padre Casimiro, a correr mais que os outros, traz à lembrança espavorida o mavórcio caudilho Fridigern na vanguarda dos visigodos, varrendo através da Trácia as legiões romanas desmanteladas. Portugal, em 1846, teve aquele atavismo de uma selvajaria simpática; mas aquilo dos buzinões não podia durar. Estávamos de mais amolentados em corrupção de ouvidos e do resto para podermos prescindir das charangas do nosso exército, ricas de fadinhos, do Cana-verde e Pirolito. Pois os buzinões éramos nós, eram Portugal, assoprado sinfonicamente; e, se já houve música étnica, nenhuma raça a teve tão característica, em búzios, buzinas e buzinões, como nós.

Por isso, Fétis queria que se distinguissem as raças consoante as variantes da música. Ah! como o Sr. Padre Casimiro, talvez impensadamente e por acaso, conquistou 30 000 homens arrebanhados por um transporte de orelhas, e arrastados pelo som horrendo dos bárbaros instrumentos!

Porque não há de o rugido atroador desse marisco sonoro, assoprado nos grandes centros dos pecados, na Praça Nova e no Rossio, ter sempre as almas alerta a cismarem na trombeta do “Dia de Juízo”, o último, que há de ser talvez o primeiro e único em Portugal - quanto a juízo? E se atirássemos de cima da galeria ao grêmio dos deputados um buzinão com o feitio da bota de Carlos XII? E se atirássemos à Câmara dos Pares outro buzinão com o feitio da trombeta de Jericó?

***

E os pretorianos de Costa Cabral a fugir sempre, nas asas do pavor, as mochilas a ringir com atritos ásperos do correame, e a trapejar nas costas contra as patronas. Eis senão quando, outra vez lhes surge pela frente o padre, à entrada de Fafe, com um só homem à sua beira, e de novo lhes proclama que se rendam. Como não lhe respondessem, o padre esfogueteia-os com a pistola, e os janízaros não lhe atiram, por já estarem por experiência escarmentados e desconfiarem que o padre ou é santo ou incombustível; e além disso não tinham cartuchame para descargas meramente teatrais.

Depois, no trânsito de duas léguas entre Fafe e Guimarães, um tiroteio fulminantíssimo.

As massas juncavam os serros e desenrolavam pelos desfiladeiros num grande estrupido de socos ferrados. Um fogo do Inferno, uma granizada de balas sibilantes, extermínio à outrance, em que não morreu um só guerrilha, porque Deus os resguardava, diz o livro; mas como também não faltasse alguma praça, é de fé que Deus se houve entre os dois partidos com uma honrada imparcialidade.

Não aconteceu o mesmo com certas pessoas estranhas às duas facções. Por exemplo, a tropa matou um mendigo, e um lavrador que estava cavando o seu campo.

Estes dois inocentíssimos defuntos, a descoberto da proteção divina, é que pagaram as favas. Verdade é que o lavrador assassinado tinha morto, em 1808, em igual dia e hora, um soldado francês da invasão. Assim reflexiona, com ardo de latim do Gênese, o Sr. Padre Casimiro Vieira, o generalíssimo de uma guerra fratricida que, poucos meses depois, ladrilhava com duzentos cadáveres as ruas de Braga. Quem várias vezes descarregou a sua pistola, em luta civil, sobre os seus conterrâneos, entendo eu que, por caridade, devia dar-se de suspeito como juiz na causa determinante da morte do português invadido que matara o francês invasor. De resto, tudo muito bem.

Pairou então sobranceira uma catástrofe, não obstante o olho vigilante da Providência estar sempre fito e prospérrimo sobre os seus diletos minhotos. Um oficial militar caíra ferido. O Pereira, camarada do padre, despojou-o da barretina, encaixou-a na própria cabeça, e assim avançou triunfalmente através de Guimarães, caminho da sua terra; mas como a nevrose da glória lhe multiplicasse a força motriz das pernas, ia muito adiante dos seus camaradas. Ao atravessar a ponte de Bouças, o povo armado, vendo cintilar as lâminas metálicas e o oleado da barretina, cuidou que o homem era um tropa a fugir ao padre; e, nesta persuasão, tamanho fogo lhe fez que o infausto Pereira, a fim de tornar-se refratário às balas, atirou-se ao rio e aí se deixou estar de cócoras, qual outro Mário no charco de Minturnes, até se desfazer o equívoco. Neste conflito, o rio, panteisticamente falando, foi a Providência disfarçada em protóxido de hidrogênio.

Não foi menos visível a intervenção dos Céus, quando o padre Casimiro, chegando descalço a Fafe, arranjou uns tamancos e demais a mais uma cavalgadura em que foi para casa, constipado e mais o do semicúpio fluvial, a fim de tomarem um caldo de galinha bem quente para suarem. Aqui o estilo esmorece e descai na prosa derreada, correspondente à situação anormal de dois guerreiros encatarroados, a espirrarem, com muco nasal, dentro de cobertores de papa.

De madrugada, ainda sob a influência diaforética do caldo de galinha, recebe o enfermo aviso da aproximação da tropa. Ergueu-se a tiritar, mandou tanger a

rebate, e foi, de arrancada, ao encontro do inimigo. Era falso o boato. O exército, encurralado no castelo de Guimarães, foi cercado por uma grande brigada de guerrilhas confluentes de vários concelhos; mas, exaustas as munições de guerra, o padre retirou sem desaire.

***

É necessário ter sido contemporâneo desta paródia melodramática do Cabrera espanhol - sem batalhas, sem ambulâncias, sem uma defunção - para acreditar seriamente que o padre Casimiro, antes de ser aclamado general das províncias setentrionais, com três ou quatro buzinas incruentas por uma corda de serras, e com meia dúzia de arrobas de pólvora de fábrica sua, encartuchada por suas irmãs – duas fortes e desempenadas raparigas que velavam de clavina em punho enquanto ele dormia - demais a mais sem auxílio de dinheiro nem seu nem alheio, em tais condições, deflagrasse o pronunciamento geral do Pais! Aquele pacato aluno de retórica do púlpito foi o determinista automático das Juntas reagentes que se instauraram nas províncias.

Manuel Passos no Sul, e o conde de Vila Real ao Norte saíram das trombetas do padre, umas cornucópias de Décios e Espártacos. Dado o primeiro grito em Vieira e na Póvoa, se o medo sofreasse as doidas petulâncias de Casimiro, o presbítero, a revolução não vingaria. Essas correrias e algaras nas pegadas da tropa, comandada por uns majores que hoje fariam indignar a coragem disciplinada de um furriel, vingaram então desabar um governo duro, e cimentado na confiança de uma rainha enérgica, e escorado em lâminas (sem equívoco) dos velhos generais e barbaçudos coronéis que vinham cicatrizados da Terceira e dos baluartes do Porto.

Este nome Casimiro, aureolado pela coroa sacerdotal, levantou muitos milhares de braços que largaram a enxada e expuseram o peito. Não foram as proclamações dos jornais, nem as lojas dos pedreiros-livres que puseram em poucos dias 30 000 homens à volta de um rapaz de 29 anos sem o prestígio dos apelidos nem da riqueza. O seu poder magnético era a petulância desorientada, o atroamento dos buzinões nos nevoeiros das côncavas montanhas, o calafrio entusiástico nos rebates das torres. Poderia o fanatismo explicar esse arranque de força brutal que tirou a lume os Fomentistas, os homens iniciadores do progresso pela exploração das forças naturais igualmente brutas?

Fanatismo, não. Padre Casimiro, em 1846, não era fanático: era um alegre, um pândego, como dizia Pinho Leal, o seu companheiro de quartel em Braga. Não julguem o rapaz do belo bigode e das negras melenas de 46 pelo velho cenobita de Margaride que hoje poda o seu vinhedo, e divulga impressas as suas memórias dissaboreadas, descoloridas, estragadas pela piedade. É que a vista retrospectiva lançada da beira do túmulo para os atos da juventude é uma falsa miragem sem a poesia das grandes rapazices, sem naturalismo, coisa inválida

como documento humano, sem os toques de uma idiossincrasia pitorescamente selvagem. Aquela índole vulcânica de um Masaniello, à portuguesa, está hoje filtrada pelo gelo dos anos. São cinzas apagadas com água benta, em que não lucila faúla do antigo homem. Se ele escrevesse sinceramente as suas memórias sob a inspiração emotiva dos 30 anos robustos, e as publicasse sem comentários ascéticos, alheias a teologias mistagogas, teria interposto um livro sério na estante dos volumes que nos abalizam o itinerário da jornada - avanços e retrocessos - da Civilização. Todavia, se padre Casimiro, alguma vez, foi um inconsciente humorista na sua obra, quando queria ser circunspecto, a pena que essa penúria de criticismo me faz não implica de modo algum com o justo juízo que formei da utilidade do seu livro.

***

Demitido o ministério Cabral (10 de Maio), os setembristas cogitaram no processo mais decente de se desfazerem do poderoso e intransigente caudilho dos 30 000 homens. O horizonte político do padre era mais largo que a substituição de um grupo de liberais, e dos respetivos convivas à mesa onde o povo era cozinhado e engolido em vários menus chamados orçamento. Ele o declarava em brados e gestos no Bom Jesus aos de Setembro que davam “vivas” à Carta: Que de Cartas e escritos estávamos nós muito cheios; que era essa peste que tinha produzido a nossa desgraça, etc.

Não obstante, no programa do padre, a proscrição de D. Maria II não era ainda então coisa decidida. Bem claro o disse à multidão: que à rainha embora dessem “vivas”, por não poder ser por outro modo; mas nunca à Carta Constitucional. Era um oportunista. E eu tenho presentes documentos impressos e por ele assinados que muito abonam a sua sagacidade. Mas ainda concebido que houvesse manha e fraude nessa interina condescendência em conservar-se a rainha, sem carta, absoluta, com as leis do tio - por isso que volvidos alguns meses, o ouvimos aclamar D. Miguel - essa elasticidade de política externa não lhe macula o caráter, visto que a Junta Suprema do Porto, decretando em nome da soberana coacta, punha generais miguelistas, Póvoas, Guedes, Vitorino e Bernardino - os que a tinham combatido - à frente das colunas das suas legiões. A um trono despótico, o direito de D. Miguel é melhor, escrevia O Espectro com gramática bastante espectral.

Como quer que fosse, o expediente mais comezinho era suprimir o padre pela morte. A preponderância do guerrilheiro em milhares de homens irreconciliáveis com os corri-lhos liberais periclitava a vitória dos setembristas. Outro ministro do manso cordeiro, o cônego Montalverne, comandante de um batalhão de voluntários, chamados “Sirzinos”, fardados de ganga e estopa, era o contra-regra da tragédia. Foi ele que induziu o ingênuo colega da aldeia a parlamentar com as autoridades civis e militares, em Braga.

Desceu o intendente comarcão do santuário do Senhor do Monte à frente de 30 000 homens que desbordavam na longa estrada e espavoriam as aves com o estridor dos tamancos. Chegados à Senhora-a-Branca, propôs-lhe o pérfido cônego que entrasse na cidade somente com dez homens armados para evitar provocações à soldadesca. Condescendeu o caudilho sob cláusula de que o povo tornearia a cidade em atitude de fogo.

O Montalverne anuiu.

Na extrema do Campo de Sant'Ana, ele e a sua escolta de dez homens viram as espingardas de um piquete a alvejá-los. O capitão Lacueva conteve os soldados, e intimou o padre a desarmar-se. Transigiu; mas os dez homens apossaram-se do capitão como refém. - E nem pio! aliás é defunto! O capitão efetivamente não piou, e ficou no acampamento do povo. Um ato de juízo! E, como ele talvez assim praticasse muitos, veio a falecer em Braga, por Novembro de 1884, reformado em general. É doce morrer assim velho, na pátria, dando e legando lições de prudência e de higiene. Foi Horácio quem inculcou as doçuras de morrer pela pátria. Olhem quem o disse! O intrujão que fugia sempre; e, na batalha de Filipes, atirou o escudo para as costas, único lado que ele mostrava, e de longe, ao inimigo. Temos tido generais que parecem Horácios Flacos... nas batalhas.

O préstito seguiu pela Rua do Souto; e, quando chegava à quina contígua ao paço arcebispal, um segundo piquete mete as espingardas à cara, provavelmente, para arcabuzar a pólvora seca o parlamentário. A respeito deste segundo insulto, padre Casimiro, numa explosão de cólera e justiça, escreve: Comecei então a dar um grande cavaco contra as autoridades e oficiais militares, etc.

Quem não daria um grande cavaco em tais circunstâncias?

Foi à presença do general. Disseram-lhe os do estado-maior que não tivesse medo, que não o matavam. Ele então com hombridade: “Que não cuidassem que a morte o assustava: que lhe era indiferente morrer na cama de uma febre, no campo de uma bala, ou de uma punhalada traiçoeira; porque, no instante em que o matassem, subiria à bem-aventurança celeste, etc.”. Uma alma em arroubos de mártir a saudar o Empíreo.

Depois, no aprumo solene de profeta, inflexionando a garganta em tons minazes, expediu do peito estas e outras vozes: “...Mas saibam que, se eu aqui for morto, nesse mesmo instante, começará Braga a arder em altas labaredas por todos os lados até ser reduzida a um montão de ruínas para ser vingada a minha morte!”

E num crescendo de solenidade trágica: “As massas enormes de povo que se apinham em volta da cidade, e das quais muitas já entopem as bocas das ruas, avançam com tal rancor e tal desespero contra todas as autoridades, que, se elas bem o conhecessem, por certo não se julgariam seguras, nem mesmo nas mais profundas cavernas da terra... E talvez já as grandes colunas de povo estejam rompendo pelas ruas de Braga dentro, e, vendo-me, neste lugar, eu seja também vítima do seu furor, por se persuadirem que eu me vendi e as atraiçoo”.

Havia um terror no pálido auditório. Amarelos como defuntos, diz o padre.

Depois, aproveitando aquele parêntesis de susto, pediu papel e tinteiro para fazer sustar as colunas incendiárias de povo. Postilhões de cavalaria, com velocidade elétrica, afirma o historiador, levam as ordens; e as massas param.

Não posso suspeitar da veracidade da apóstrofe que transladei incompletamente.

Aqui não há os discursos fantasistas de Tito Lívio e Jacinto Freire. O autobiógrafo produz a sua alocução de memória, com certeza: mas eu me recordo de a ouvir quase literalmente de um dos seus ouvintes aterrados. Não tenho igual crença nos discursos de Napoleão I ditados, a sangue-frio, em Santa Helena.

O general, visconde de Valongo, safara-se. Levaram ao coronel o parlamentário.

Ia pelo braço do jovem e delicadíssimo secretário do Governo Civil Marques Murta a quem padre Casimiro, a pág. 46 do seu livro, desfecha uma nota azeda. O coronel era o Ferreira, o Trinta-diabos de alcunha, que lhe deu vinho e biscoitos e larachas – uma reinação; e mandou-o acompanhar por uma patrulha de cavalaria. Os sicários tinham gizado matar o padre nos antros dos Biscainhos: mas o generoso Ferreira repeliu a cobarde infâmia. Padre Casimiro saiu, montou a cavalo e logo teve denúncia de que o matariam. Desconfiou que os cavalarias lhe desfechassem as clavinas pelas costas, ficando eu defunto para sempre, diz ele deplorativamente. Esta ideia incômoda de uma defunção perpétua fez que ele metesse a galope a toda a brida, sem nunca olhar mais para trás nem tornar a saber do destino dos cavalarias. Andou muito bem, quero dizer, pensou muito bem. Quem andou igualmente bem, e muito, foi a burra que por sinal era branca.

Entrou incólume no seu acampamento, no Campo de Sant'Ana. Aí o cônego Montalverne, tomou-lhe a rédea da cavalgadura, como para dizer um segredo ao cavaleiro. O celerado queria aproximá-lo disfarçadamente do piquete e pô-lo ao alcance de uma descarga; mas um dos dez guardas que mostrava dar sem prometer, abocando ao peito do cônego o bacamarte: Nem mais um passo! E o

cônego raspou-se para não sentir o desgosto de ver o ventre furado. Frase realista e pitoresca que ainda não está muito poída.

Neste comenos, estoiram alguns tiros nos telhados da casaria do Campo de Sant'Ana, coalhado por 30 000 patuleias. As massas consideram-se atraiçoadas, apanhadas num fojo sem saída. Desvairados de terror, os 30 000 desatremam num pânico de fuga. Empurram-se, tropeçam, bracejam, escorregam, escoiceiam-se, escabujam engalfinhados uns nos outros; os que vêm atrás desabam sobre os dianteiros; e, por não poderem aguentar-se de pé, os grupos agatanhavam-se em epilepsias de pavor, estorciam-se em vascas de moribundos varados de balas. Os tamancos alastrados no acampamento podiam pesar-se às toneladas como se mediam aos alqueires os anéis dos cavaleiros de Pompeu no morticínio da Farsália. Pode ser que eu exagere a profusão dos tamancos; mas para estes lances épicos é que Aristóteles e Longino estatuíram a hipérbole.

O padre, apossando-se dos mesmos sentimentos dos 30 000, como ele modestamente confessa, apeou abandonando a besta, enfiou por uma taberna na Rua da Água, marinhou até à trapeira e passeou felinamente vários telhados. Depois, de salto feliz, pinchou ao peitoril de uma janela traseira. Foi espreitar por outra da frontaria e viu, relíquias dos 30 000, apenas o intrépido João Corneta a fazer fogo e simultaneamente a dar os toques de avançar e retirar a que obedeciam o Batoca e poucos mais.

Desceu o padre à rua, inerme, com um chapéu de castor emprestado. Afora o chapéu, tinha perdido a égua, o gabão e a pistola de cavalaria. Não obstante, foi animar o fogo na Rua do Souto; mas como a tropa o atacasse de flanco para lhe cortar a retaguarda, fez dar o toque de retirada pela Rua da Água; e, atalhando por vielas, saiu à Senhora-a-Branca. Aí, fustigado pelas balas, meteu-se por uma porta, subiu a uma sala e desceu a um quintal. O regimento 13, que o avistara do Adro da Senhora de Guadalupe, granizou-lhe algumas descargas que não o feriram por ele ter adotado certo sistema de defesa de uma simplicidade prodigiosamente exótica. Ouvindo cada descarga, refere a vítima escapada à carnagem, deitávamo-nos no chão por detrás das pequenas paredes de divisão entre cada dois quintais de altura de 3 a 4 palmos, marchando ligeiros depois de passarem as balas, de quintal em quintal, até outra descarga, e continuando neste gosto o divertimento até S. Vítor. Tal qual como os índios quando ouviram assombrados as estranhas detonações dos arcabuzes portugueses: atiravam-se por terra; mas, de ordinário, quando se atiravam já iam atravessados. Porém, que ricas pontarias, que boa escola de tiro a do 13, e que benigna pachorra a dos projéteis que, depois do estampido, esperavam que o padre se agachasse atrás das paredes, para passarem!

Saltando quintais, o fugitivo foi bater à porta de uma velha surda que, muito martelada, veio abrir. Saiu por outra porta, achou-se na rua, e debaixo de um dilúvio de balas, a descoberto. Chegou aos Peões, subiu ao Bom Jesus, e foi para

casa são e salvo, com o prejuízo da égua, do chapéu, da pistola e do gabão. A cavalgadura, que tomara o freio nos dentes espantada pelo tiroteio, rompeu em desapoderada fuga, homiziou-se em Guimarães e Fafe por alguns dias, e voltou à corte do dono, durante um armistício. O garnacho e o chapéu, também lhe foram restituídos. Este garnacho não andaria sovado aos pés da tropa, se o dono, à maneira de S. Goard, o dependurasse num raio de sol; ou, sentando-se nele na corrente do rio de Este, se safasse à injúria das balas como S. Raimundo de Penaforte: mas a fé neste atribulado sacerdote manifestou-se toda na energia dos membros locomotores e na volatilidade dos pés que perlustraram os telhados escorregadios da Rua da Agua como se fossem os macios e surdos tapetes de um boudoir. E, quanto à pistola, essa foi apanhada por certa meretriz na rua, debaixo de fogo; e, como conhecesse de quem era, escondeu-a entre os saiotes e levou-lha ao acampamento do Bom Jesus. Vê-se que a panóplia do pugnacíssimo padre era assaz conhecida e que não é mau estar a gente relacionada em todas as casas sem exceção.

Este incidente é uma reminiscência juvenil que o velho revolucionário nos conta com grande secura de estilo em uma nota magra de pág. 52. A pistola de cavalaria, conhecendo-a uma prostituta, apanhou-a no meio das balas da tropa, ocultando-a debaixo da saia, e ma foi levar ao Bom Jesus. Nesta mulher, repulsa do grêmio das boas, das fiéis e das dedicadas, dera-se um feito arrojado de desprezo da vida e um lance primoroso de afeto. Apanhara a pistola por entre balas, porque a conhecera, escondeu-a em perigo de ser vista e espingardeada; foi levá-la ao dono quando os facínoras polacos e sirzinos espionavam as pessoas que comunicavam com o campo do padre rebelde.

Esta mulher não tinha nem já agora terá nome. Será simplesmente e cruelmente – a prostituta.

Deste assunto podia extrair-se ideal bastante para duas páginas de sensação; mas por aqui me cerro. Temo abrir a válvula do meu velho sentimentalismo feito nas Damas das Camélias e das Pérolas. Que emocional romance, há vinte e cinco anos, poderia arquitetar-se nas travessas, em Braga, intitulado A Dama da Pistola! Se um talento de raça, tendo entre os seus personagens um gardingo presbítero, não conseguiria virginizar o coração daquela dama até à pureza estética de uma Hermengarda! Hoje, seria tarde. Já se não restauram literariamente criaturas assim. Será sempre a prostituta.

E aquela Maria da Fonte, a enjeitada ébria e franduna, a cantoneira do tambor, enquanto houver linguagem portuguesa, será sempre a heroína. É o feitio do mundo.

***

Capitaneava então uma guerrilha patuleia estreme, no Bom Jesus do Monte, um Bento José Gomes, esturrado setembrista, que depois foi despachado escrivão de direito para Braga. Este sujeito, exercitando-se em uma espécie de concurso documental ao ofício que depois lhe deram, apossara-se ladravazmente de um cavalo e duas vacas avaliadas em 60 moedas.

O presbítero, depois da perfídia grega das autoridades bracarenses, genuínos cavalos de Tróia sem obra de carpinteiro, resolveu acampar também com a sua guerrilha no Bom Jesus, a ver se a "comissão de fornecimento" representada pelo Pinto Basto, do Porto, lhe distribuía munições e pré. Nunca lhe tinham dado vintém os setembristas; mas, desta feita, e visto que a sua causa ia triunfar, o Pinto Basto, rebentando de prodigalidade, deu ao padre, comandante das duas províncias do Norte, vinte pintos para fardar e sustentar as legiões populares. Havia no acampamento uma banda musical que fazia reboar o Rei chegou e o hino da Maria da Fonte por aqueles ecos da montanha sagrada. Era forte em caixas de rufo e serpentinas de colmilhos assanhados que expediam mugidos incomparáveis. Quando todos aqueles metais e peles estrondeavam, esfuziava uma alegria, uma crise furiosa de entusiasmo que faiscava eletricidade na espinha dorsal; na espinha, porém, estavam os músicos, anêmicos, debilitados pelo passadio flatulento do arroz e do caldo verde com feijão galego. Uma noite, a bárbara orquestra desertou, e foi para a sua terra. Padre Casimiro, amantíssimo de música, sentiu amargamente esta elipse dos filarmônicos, e mandou quarenta homens agarrá-los à Feira

Nova. A escolta retirou sem a música, e muito aflita, a gritar que o povo se levantara contra ela, julgando-a parceira de um exator de contribuição forçada que Bento Gomes, o guerrilheiro setembrista, lançara e mandara cobrar. Para não perderem de todo a diligência, os emissários prenderam o cobrador, e apanharam também um cavalo que o Bento mandara tirar a certo proprietário. A escolta queria espingardear o futuro escrivão de direito e mais o cobrador; mas o camarada do padre, bom homem, escondeu o Verres e mais o cúmplice debaixo de uma banca de pinheiro que tinha as quatro pernas vestidas de chita, sob a ramaria da carvalheira. Padre Casimiro, irreconciliável com ladrões, abandonou o acampamento, levando consigo todo o povo, e mais o bacalhau, o arroz e munições que eram do Gomes, e bem assim as tais gentilíssimas vacas. Andou muito bem. Nada de ladroeiras.

As vacas deste episódio, são muito mais autênticas que as do sonho do Faraó do Egito; mas encontro-lhes umas obscurezas que os exegetas da história lusitana, os futuros Gibbon, Niebuhr e Mommsen dificilmente hão de clarificar de entre os nevoeiros da lenda.

Conta o Sr. Padre Casimiro que as vacas eram do coronel do 8, Xavier Ferreira, o Trinta-diabos e lhas enviara ao quartel, depois de proclamar ao povo contra o roubo da propriedade. Segundo os Apontamentos, o coronel agradeceu ao

padre as vacas em uma longa carta, brindando com generosas gorjetas os portadores. Escreve-lhe de novo padre Casimiro admoestando-o a que se renda e lhe entregue as armas do regimento; e, no primeiro período dessa carta, deixa perceber que o Ferreira declinara de si o domínio das vacas: ...Quanto às vacas (escreve padre Casimiro) deve conservá-las em seu poder até que o dono as procure, para que não aconteça extraviarem-se. Afinal, de quem eram as vacas? Em Braga reina profunda escuridão a tal respeito. Ninguém diz positivamente quem era o dono ou dona das vacas. É um fato de ontem que caiu na insondável treva dos mistérios históricos como o Homem da Máscara de Ferro. É certo, porém, que o coronel reconheceu por escrito a honra do padre, bem como o perigo em que ele esteve de levar uma descarga geral do povo como traidor, bem semelhante à do Agostinho Freire na Igreja Nova na ocasião da irrupção francesa.

Subscreve-se na referida carta o padre Casimiro José Vieira Protector das cinco chagas e comandante das Massas populares. Ele usou diversos títulos conforme a aclamação popular o ia promovendo. Escreve o padre Manuel Bernardes: "É próprio de ânimos altivos tomar títulos e apelidos arrogantes, que são uns como penachos, cujos canhões estão arraigados na vaidade do seu cérebro". Títulos pomposos do padre notei os seguintes: Comandante das três províncias em nome da santa Religião; depois, Intendente da comarca de Lanhoso; em 31 de Maio, quando escrevia ao coronel, era o Protector das cinco chagas; e em Julho, quando escrevia à rainha, era Defensor das mesmas, e General comandante das forças populares do Minho e Trás-os-Montes. Mais tarde, em Abril de 47, foi confirmado por diploma régio Comandante-geral de todas as forças populares ao norte do Minho com honras de brigadeiro; e, finalmente, em 1850, foi agraciado com a Comenda de S. Miguel da Ala. José de Sousa Bandeira, com o pseudônimo de Brás Tizana, anunciou no Periódico dos Pobres que D. Miguel fizera conde de Vieira o padre. Este título, conquanto não exceda os outros em fantasia, não tem um fundamento igualmente sério. O que D. Miguel lhe deu por intermédio do seu ministro e lugar-tenente Dr. Cândido, foi a Comenda de S. Miguel da Ala. Esta graça, posto que irregular, é mais lucrativa que as conferidas pelo rei legítimo, porque não paga direitos de mercê. Como quimera, está sempre dentro das fronteiras do Ideal, e nunca esbarra na matéria bruta da tabela dos selos.

Em uma proclamação mandada aos habitantes do concelho de Vila Chã, recomendando-lhes que não larguem as armas até acabar com todos os mações (Periódico dos Pobres de 25 de Agosto de 1846), assina-se o Sr. Padre Casimiro - Defensor da Pátria.

Otimamente. Seguiu o patriótico exemplo do mestre de Avis e do prior do Crato, que ambos se aclamaram Defensores da Pátria. Está na tradição dos grandes homens modestos ou cavilosos, mas sempre bem intencionados. Todavia,

nenhum desses aspirantes à soberania se denominou Defensor das cinco chagas, como o Sr. Padre Casimiro. Das chagas trataram eles de se defender o melhor que puderam. O prior do Crato, na batalha de Alcântara, assim que lhe fizeram uma escoriação muito superficial na cara, fugiu à rédea solta e foi curar-se em Aveiro. O mestre de Avis defendia-se das chagas tão destramente que nunca foi ferido. Padre Casimiro também saiu invulnerado das pelejas, podendo com razão intitular-se defensor estrênuo, mas de si mesmo, do seu corpo ileso de chagas.

Isto quanto a Defensor; mas a respeito de Protector das cinco, parece-me pior ideia. É um titulo assaz pretensioso, imodestíssimo, irreverente e não sei se um pouco sacrílego. Oliveira Cromwell também foi Protector, mas não das chagas divinas do Criador do Universo. O mais a que a sua missão de protetor podia aspirar, em alçada de feridas, era proteger as chagas humanas dos seus fracionários da influência do ar nocivo, ministrando-lhes ceroto e ligaduras. A proteção é um favor do maior ou menor, beneficência que denota superioridade - força concedida a uma fraqueza suplicante. As chagas de Cristo adoram-se, não se protegem. Não duvido que a teologia mística rejeite estes argumentos de livre-pensador; eu, porém, se pudesse conceber a plástica patológica de um Deus perpetuamente ulcerado por causa do gênero humano morfético e incuravelmente podre, pediria aos sagrados estigmas que me protegessem, e nunca me proclamaria Protector das cinco chagas. Modos de ver as coisas, os deuses e as feridas.

***

Padre Casimiro, rota a aliança com o corrupto Bento, foi acampar nas Sete Fontes.

Aí se confederou com outro chefe, o destemido padre João do Cano de quem darei notícia em parte mais competente deste livro.

A propósito de clerezia, nomearei agora os padres mais ou menos militantes na epopeia da revolução à volta dos protagonista de Vieira. Contra ele, degladiam-se no campo o cônego Montalverne, comandante do Batalhão de segurança mural; no gabinete, o egresso Francisco José Alves Vicente. A seu favor, o padre Antônio Teixeira, das Quintas, do concelho de Montalegre, que ali aclamou D. Miguel I em Julho de 46; o padre José Soares Leite, chamado o da Laje, um barra; o padre José das Taipas, o padre Gomes, do Prado; o façanhudo padre Luís Antônio Pereira, abade de Priscos, o pimpão padre Manuel da Agra; finalmente o padre Joaquim da Costa, puxador de muito pulso. Havia outros que batalhavam na cadeira da prática dominical, no púlpito, no confessionário e nos comícios das tabernas de aldeia. Eram quase todos.

Chegados às Sete Fontes, o general mandou ir do Gerês três peças de ferro, roídas de ferrugem, e abandonadas desde a luta da independência com Filipe IV. Pelo feitio pareciam ser três das dezesseis bombardas que os castelhanos em 1635 trouxeram e perderam em Aljubarrota. Montou-as em carretas novas, fez outras três carretas para os petrechos, formando um comboio respeitável... imponente que atraiu o povo na circunferência de mais de dez léguas.

Quando esta notícia estoirou em Braga, várias famílias, receando ser bombardeadas do alto das Sete Fontes, fugiram. Era um terror de Numância que poderia justificar-se, se o padre soubesse como as peças funcionavam. Estava eu senhor das peças, diz ele, mas sem saber como carregá-las, porque não tinha pólvora, nem balas, nem até artilheiro que soubesse servir-se delas. Depois apareceu um artilheiro, e de vários pontos rolaram balas de todos os calibres. Apesar disso, nunca se ouviu o estampido destes velhos monstros porque ainda não tinha soado a hora da assolação de Braga. Assim mesmo a cidade confrangia-se de pavor quando lia proclamações desta laia:

HABITANTES DE BRAGA!

É chegado o dia de vos unirdes às Massas Populares para repelir esse punhado de soldados que só tem por divisa o atropelar as leis da honra, da humanidade, e (por desgraça) da Religião. Bracarenses, ou nos ajudais a desterrar de entre vós esses monstros sanguinários, ou vedes hoje dentro de vossos muros a infausta cena que há pouco teve lugar em Santiago da Galiza. Habitantes de Braga, é chegado o dia dos abraços ou das vinganças. Bracarenses, escolhei - ou unir às Massas Populares ou ver a cidade em chamas. O padre Casimiro José Vieira.

Das Sete Fontes, na véspera de um ataque decisivo, segundo os cálculos do Protector das cinco chagas um pouco precipitados, dizia ele aos bracarenses que ia resgatá-los: que o ajudassem; senão, o sangue inundaria toda a cidade. Que era chegada a hora de estimarem as pedras e as garrafas. As garrafas! a quem ele o dizia!

Convidava-os a defender a religião, e a augusta rainha D. Maria II para que ela pudesse espalhar livremente a par das Máximas Evangélicas leis do Céu aos valentes portugueses. Chamava-os às armas, enfim, para poderem com gosto entoar como dantes cânticos do Céu. E concluía num rapto de Pedro Eremita em frente de Jerusalém:

É chegado o tempo da inocência, a idade de ouro, corramos à vitória!

***

Não se realizou o “ataque decisivo” porque alguns padres, mais transigentes com os setembristas, lhe faltaram com as suas guerrilhas; mas, não obstante, os

valentes de Vieira escaramuçaram com o piquete do 8. As peças conservaram a sua virgindade bicentenária em matéria de fogo. Duas, receosas de serem apanhadas pelo inimigo e expostas à troça dos bracarenses, fugiram nas suas carretas; a terceira ficou com as goelas negras e fuliginosas abocadas contra a cidade; mas, à falta de pólvora, fugiu atrás das outras, cheias de óxidos e de nostalgia do seu Gerês onde tinham logrado dois séculos de paz desde que varejaram os sórdidos galegos em 1645.

Estava destinado novo dia de ataque decisivo, quando o visconde da Azenha escreveu ao padre Casimiro, felicitando-o "pela coroa de louros que adquirira" e considerando-o como o maior herói de Portugal daquele tempo. Depois, pedia-lhe que depusesse as armas, e não desfizesse a composição que estava feita.

Foi o padre a Guimarães, e o visconde levou-o pelo braço a parlamentar com o general da província barão do Almargem. Repicavam os sinos: garotos entusiastas esganiçavam-se a berrar os "vivas"; três fogueteiros à compita estrelejavam girândolas; enxames de bêbedos esfervilhavam nas tascas pedindo meias-canadas e capitães-mores; das janelas choviam açafates de flores sobre o gentil rapaz de bigode negro e barbas intonsas trajado à caçadora, japona curta, boné de peles de toupeira abotoado à frente por um grande botão amarelo da mesma pele, com a sua clavina de cavalaria, canana com cartuchame à cinta, correão a tiracolo. Era o Protector das cinco chagas, aquele esbelto homem de olhos ardentes, e tão fina mira de pontaria que, afirma ele, com aquela sua clavina, a sessenta passos, metia uma bala em 10 réis. Por isso, as donzelas de Guimarães, devotas das cinco chagas, lhe tapetavam os ladrilhos de pétalas de camélias, enquanto as mães se abriam em jatos de lágrimas exultantes.

***

Não se reconciliaram os dois generais. No palacete do Almargem assanhou-se uma altercação política de péssimos sintomas para a vida do barão. O povo chegou a aperrar as clavinas para lhe atirar quando ele assomasse a uma das janelas do salão em que o padre, com a sua forte laringe, afeita a vibrar as colunas do ar das serras, golfava catadupas de frases no tom declamatório dos missionários. Afora a política, a religiosidade e a retórica, compeliam-no a essa formidanda solenidade de gesto e voz o hábito de proclamar ao ar livre e de ler as suas cartas enviadas às autoridades, e as proclamações funéreas, "de terror", em presença de milhares de ouvintes, tendo por supedâneo as musgosas penedias druídicas.

Ficamos desmanchados, depois de puxarmos muito um pelo outro, diz o "General-Protector". Ao outro dia submeteu o visconde da Azenha ao seu hóspede uma proclamação a ver se ele se conformava. Não conformou, por causa de um defeito capital: - não se davam "vivas" à Religião. Replicaram-lhe que não era preciso, porque isso se entendia.

- Pois então, retrucou o padre, também não é preciso dar “vivas” à rainha, porque isso se entende.

O Pinto Basto, do Porto, que assistia ao diálogo, mandou imprimir novo papel com os “vivas” à santa Religião. Ainda assim, o padre não subscreveu. Queria a tropa desarmada, mudança de autoridades e oficiais, leis antigas, capitães-mores, etc.

- Isso é trabalhar contra a rainha, e chamar sobre nós a França e a Inglaterra - contravieram os liberais.

E o padre retorquiu:

- Tanto trabalhamos contra a rainha desarmando a tropa e mudando de sistema, como obrigando-a a mudar de ministério e a aceitar as autoridades que lhe querem impor, porque tudo isso é contra a vontade dela...

Não era de todo tolo - diria o meu saudoso amigo Pinho Leal. Os setembristas deviam sentir arder-lhes a cara debaixo da máscara de respeito à rainha.

Padre Casimiro podia exprimir mais lisamente o seu pensamento deste teor: “Eu quero que a rainha governe absoluta, e vocês querem que ela reine coacta. Eu posso ser um absolutista retrógrado: vocês são uns refinadíssimos velhacos. A rainha para vocês é simplesmente um real espantalho com que pretendem afugentar da painçada os pardais daninhos dos outros partidos. Eu quero uma pátria para todos, governada pela rainha absoluta: vocês querem uma rainha constitucional a guardar-lhes o exclusivo da gamela”. Reconheço que o padre não podia descer ao raso desta linguagem com tais interlocutores; mas, sem a retórica do Frei Miguel Justino, de Braga, ele teria assim falado pouco mais ou menos.

Afinal o presbítero, estirando pelo ambiente o braço exicial como Coriolano à saída de Roma, rematou desta arte a tumultuosa sessão: Agora é que vai correr sangue, porque nem eu nem o povo queremos saber de tal composição, e ou havemos de morrer todos, ou dar cabo da tropa e da chusma de ladrões que nos roubam.

E, montando a garrana, foi para o arraial das Sete Fontes. Malogrou-se, outra vez, o “ataque decisivo” a Braga, porque todos os chefes de guerrilhas se apresentaram pacificamente ao general Almargem e receberam à boca do cofre as faturas que apresentaram das despesas feitas com as massas. E que faturas! Contas de Gonçalo de Córdova, o grão-capitão, mestre em ladroeira daqueles capitães pequeninos. Ficou o padre sozinho em campo, sem recursos nem aliados, resistindo às seduções e às ameaças. O coronel do 8 e o governador civil Lopes de Azevedo empenharam-se diretamente, por meio de cartas, em convertê-lo ao setembrismo triunfante. Resistiu, atormentado de privações, de

populares impacientes e famintos, de pérfidos e sicários suspeitos que o traziam em contínuo receio de ser assassinado. O coronel Ferreira avisava-o de que se acautelasse. O generoso e bravo soldado de D. Pedro IV sabia que de Braga tinham saído assalariados no propósito de remover a punhal o único estorvo à transação dos revoltados com o ministério.

Percorriam então as aldeias os inimigos do padre rebelde a combinações políticas, acusando-o aleivosamente de crimes hediondos, tais como ter espancado o próprio pai.

No adro da igreja de Oliveira esta proterva calúnia inflamou as mulheres, que se armaram de pedras para endireitar os queixos aos caluniadores; e acrescenta o padre com algumas metáforas de força: e fugiram eles a unhas de cavalo para não passarem pelo desgosto de verem o miolo das tripas. Locução naturalista com cheiro e cor local, portuguesa de lei, sem o "tempero de gergelim e papoilas" que Petrônio, o Árbitro, reprovava nos escritores peralvilhos do seu tempo - verva sisamo et papavere condita.

E ajunta que eles, feita a exibição do referido miolo - um hopoponax não garantido por Lubin - iriam dançar como diabo às "escuras" nas felugentas cavernas do Inferno.

Tem este escritor predileção por aquelas figuras acrobáticas dos pulos e danças infernais, cambalhotas eternas no fogo, às escuras. Ficou-lhe talvez este jeito da literatura dantesca, dos macabrismos dançantes medievais, e das telas sinistras de Hans Holbein, o coreógrafo dos mortos.

Em tão desanimadora crise espanta a pertinácia do padre, e a sua boa fé epistolar na pachorra teimosa com que escreve a dois governadores civis impondo-lhes sob penas severas o aderirem ao povo, como se dispusesse de batalhões bem municiados e das três peças de artilharia para sempre caídas no abismo da história, e talvez a esta hora desfeitas em enxadas e tachas para tamancos. Em 5 de Junho enviava ele à autoridade superior do distrito, em nome do povo, o seu definitivo e inalterável programa. A saber:

"Religião católica romana como estava dantes. D. Maria II rainha. Carta Constitucional acomodada ao governo antigo. Capitães-mores, juízes de fora, corregedores, recebedores gratuitos. E tudo mais como dantes. Tropa licenciada ilimitadamente. General da província, Gaspar Leite, fidalgo do Cano. 1º subalterno visconde da Azenha, 2º Nicolau de Arrochela. Empregados nos concelhos, à vontade do povo. Que o participasse à rainha para que ela nomeasse um ministério católico e honrado. Assim terminaria a guerra: aliás, .efusão de sangue".

No dia imediato, em nova missiva, queixava-se da falta de resposta. Aquele meu querido governador que morreu conde de Azevedo, era supremamente civil. Talvez não respondesse por suspeitar que a proposta do "Protector das cinco chagas" era o pródromo de um atonismo cerebral, a crise mórbida de alguma célula funcional das indispensáveis ao siso comum. Só assim se explica o silêncio do urbaníssimo fidalgo; porquanto, sendo ele muito católico e sequioso da bem-aventurança celestial, padre Casimiro seria um desses com quem não queria corresponder-se nem ir para o Céu.

Parece provável que o padre Casimiro padecesse de militofobia, uma raiva implacável à tropa - ódio que decerto não deriva de Jesus, compassivo com os soldados do Pretório, nem das congregações religiosas que iam, durante as batalhas, ao campo e aos hospitais socorrer tanto o soldado da pátria como o estranho. Esses homens de piedade sabiam que o escravo da bandeira levado de rojo ao sacrifício fora um trabalhador alegre a quem violentamente tiraram a enxada, deram uma espingarda e ensinaram a pontaria ao peito de outro homem. Não duvido, pois, que o encéfalo do violento presbítero em continuada fosforescência ígnea de raiva aos janízaros, sofresse intermitências de desequilíbrio que o não deixassem funcionar normalmente a todos os respeitos. Talvez também desconfianças desta natureza científica justificassem o silêncio do tão delicado quanto erudito Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca.

Entretanto, enviou-lhe um próprio a dizer, de viva voz, que se aquietasse, que pedisse alguma coisa e seria atendido pelos seus serviços prestados à causa nacional. O padre responde em larga escritura "que não quer empregos nem dinheiro. Que despreza a morte. Que não o desfeiteia quem lhe tirar a vida; mas que o injuria quem lhe oferecer empregos ou dinheiro. Que o respeite como comandante de duas províncias.

Que exponha à rainha o conteúdo da sua carta, para que ela entre no conhecimento da mortandade que vai começar. Que se retira das Sete Fontes; mas que espera em breve as duas províncias em massa".

Naquele tempo ainda faiscavam esporadicamente indígenas assim desinteresseiros; hoje, porém, apresentem a qualquer alienista, ao Sena, ao Júlio de Matos, ao Craveiro um sujeito a bradar que não quer dinheiro nem empregos, e que oferecerem-lhe essas coisas é pior desfeita que a morte, e hão de ver como os especialistas os mandam sumariamente recolher a Rilhafoles ou à Cruz das Regateiras, onde com certeza não entrou ainda um exemplar desta espécie teratológica. O certo é que este padre foi prelucidamente idealizado na epopeia do Cantor do Gama. Cant. X, est. CL:

Que o bom Religioso verdadeiro
.....Não pretende... dinheiro.

***

Refere o Sr. Padre Casimiro que desacampara das Sete Fontes e marchava para Vieira coberto em todo o trânsito de flores e “vivas”, músicas e foguetes, festejado com, cânticos populares, e aclamado como o Salvador de Portugal, à semelhança de David no meio das canções das moças de Israel na volta de matar o gigante filisteu, o opróbrio e terror do seu povo israelita. Uma invejável jornada, vamos lá, no meio das moças de Israel, com música - e que música! Mas ia triste, pelo pesar de não haver conseguido algum beneficio para o povo, e com o pressentimento de ser assassinado ou pelos israelitas ou pelos filisteus. Flutuações geniais dos homens excêntricos. Ou padre Casimiro descreu da intervenção divina no pronunciamento nacional, ou deixa perceber que Jeová, Deus de Israel; se enganou nos seus cálculos. É o que depreendo desta nota de pág. 73, escrita sob um desalento consternador: Apenas lucrou o povo evitara perseguição terrível que tinha a sofrer dos Cabrais, e o demorarem-se por algum tempo as contribuições pesadíssimas que agora o sobrecarregam, e que já desde então tinha de suportar sem remédio algum. Logo, a revolução não foi remédio a nada, antes agravou a desgraça dos que morreram na luta e a dos que ficaram oprimidos pelas contribuições aumentadas. Intervalo lúcido que talvez confirmasse as suspeitas do Sena, do Júlio de Matos e do Craveiro. Foi a reação da militofobia que tolheu o efeito da sensata reflexão sobre si mesmo e sobre o crescente infortúnio da pátria. Fulgiu-lhe a consciência os funestos resultados da guerra civil; e, não obstante, voltou a encartuchar pólvora e balas com duas das suas valorosas manas. É que os azedumes devorados no arraial das Sete Fontes haviam-lhe escandecido a índole contra os seus conterrâneos adversos. Fez decretos desterrando alguns sujeitos de Vieira e da Póvoa. Contaram os jornais que ele prendera alguns no seu espigueiro, com sentinelas à vista.

Provavelmente calúnia; mas, quanto às proscrições, há documentos que as não desmentem.

No dia 18 de Junho recebeu padre Casimiro a fausta notícia, enviada pelo padre Antônio Teixeira, das Quintas, de ter sido aclamado o Sr. D. Miguel I em Montalegre, com Te Deum, e o competente auto camarário. Respondeu-lhe o prudente colega que se defendesse como pudesse, que ele estorvaria a tropa de marchar para cima; porém, que não faria a aclamação sem ter dinheiro e munições.

Em cumprimento da sua promessa ao padre Antônio das Quintas, preparou-se padre Casimiro para embargar a passagem de 170 praças do 13 e vinte soldados de cavalo que saíam de Braga para Trás-os-Montes.

Vai agora o leitor assistir ao último milagre, evidenciado em Portugal, no campo da batalha.

O “Protector” saiu de Vieira com dez rapazes, para cortar a vanguarda à tropa e deixou o camarada a encaixotar uma carga de pólvora. Andadas três léguas de noite, chegou a Moreira de Rei, e aí arranjou mais vinte homens. Daqui mandou duas forças à descoberta. Cada força tinha seis homens. Parecia uma fraqueza. Recolheram as duas forças, anunciando que a tropa ia meia légua adiante, caminho de Basto. Saiu-lhe o padre no rastilho. Os pacatos habitantes da terra de Basto receberam-no friamente, sepulcralmente tristes. Conjecturou racionalmente o padre que aquele povo devia ser todo maçônico. Na Raposeira, desconfiou que lhe faria fogo a plebe. Estava no centro de Basto, uma terra hostil; e, ali perto dele, no Arco, 170 soldados de Infantaria e 20 cavalos, a cortarem-lhe a retirada para Vieira. Desviou-se da estrada; mas resolvido a não retirar sem ataque e sem despejar a carga de pólvora. Preferia morrer a fugir como cobarde, heroicamente o diz. Mandou-lhe perguntar o administrador do concelho, um cabralista, o que queria daquela terra. “Quero as armas dos soldados que estão no Arco”.

Respondeu com arrogância; mas, se eu dissesse o que sentia (corrige o historiador em uma nota ingênua) devia responder que queria retirar; mas não sabia por onde. E todavia, como não se lhe ajeitava a fuga, antes queria morrer que fugir: É o paradoxo a preparar o milagre.

Aparece então um guerrilheiro de Basto a bradar que estavam perdidos - que o povo e a tropa marchavam sobre eles. E as noticias de terror multiplicavam-se cada vez mais aflitivas. “Eram os mensageiros de Job - escreve orientalmente o presbítero – a dar-lhes umas após outras as alegres noticias de que tinham rompido os sabeus e levaram os bois e jumentos de seu filho, e passaram os criados à espada, e que os caldeus lhes levaram os camelos e também passaram à espada os criados, e mais algumas no mesmo gosto”. Neste gosto estava também o infeliz Protector das 5 e mesmo os seus 30 em maiores apertos que o espartano rei Leônidas com os 300 na passagem das Termópilas.

Que quer o povo de Basto? - perguntou o padre severizando o aspeito. Que o povo queria, mas que os fidalgotes não queriam D. Miguel, informou o indígena dando as suas razões. Então Casimiro, com o gesto largo e profetista: “...É possível que eu seja morto nesta terra, porque as balas não escolhem em quem se empreguem; mas saiba o povo de Basto, que, se eu aqui for morto, não se saberá para o futuro onde existiram as casas desta gente, porque a minha morte será vingada pelo povo do Minho e Trás-os-Montes, e não ficará aqui pedra sobre pedra, porque virá todo furioso reduzi-las a um montão de ruínas!”

- Olhe lá no que se finta... - redarguiu ceticamente, com um sorriso velhaco, o guerrilheiro de Basto.

- Espere um pouco... - disse num tom de inspirado o general das duas províncias representadas por 30 homens.

Esperar o quê? Ele confessa que, naquela crise, só Deus ou Nossa Senhora podiam acudir-lhe; mas como contar com tal milagre? pergunta o homem de pouca fé.

O padre sentia um fastio de morte. Fumegavam na mesa as viandas crassas que lhe faziam náuseas. Tudo negro pela sombra imensa da asa da morte. Eis que, de golpe, aparece um garoto a dar parte que chegara ali o Batoca, de Vieira, à frente de cento e tantos homens. E então o presbítero, num arrebatamento de exaltação mística, disse ao guerrilheiro que esperasse mais um pouco; e, antes de dar graças ao Senhor que secara o mar Vermelho para passar o seu povo a pé enxuto, sentou-se à mesa e comeu com o apetite de Ugolino, se o transferissem da Torre da Fome ao restaurante do Café Anglais.

Efeitos miraculosos de quássia sobre a mucosa das vísceras digestivas.

Na categoria dos milagres históricos em batalhas nacionais, Batoca perfila ao lado de S. Bernardo em Aljubarrota, de S. Jorge, no cerco de Mazagão, e de um certo cavalo branco no cerco de Pegu - milagres que ficam lançados à conta de Frei Luís de Sousa, de Fernão Mendes Pinto e do Sr. Padre Casimiro José Vieira.

Cumpria, pois, bater a tropa. Destacou-se uma força de 4 homens para as Barcas de Mondim. Quatro homens, com o milagre, eram uma legião. O exército já estava formado na margem esquerda para vadiar o rio. Da margem de cá, os 4 deram-lhe a primeira descarga. As mulheres da tropa, avistando horrorizadas cardumes de povo a ruir pelos despenhadeiros das serras, desataram numa choradeira consternadora. Os soldados, cuidando-se espostejados num descalabro de foices, pegaram de quebrar as barretinas contra os rochedos e fugiram para o Arco. E então, padre Casimiro, recolhendo o espólio das 8 barretinas amolgadas, regressou a Vieira.

Aqueles soldados sem barretina eram a preexistência de outros igualmente portugueses que no Alto Minho em Dezembro de 1884, fugiram aos lobos, uns com espingardas incombustíveis, outros com elas rebentadas. Com um exército assim armado, a defesa da autonomia será melhor confiá-la aos lobos nacionais.

No trânsito por Basto, abriram-se aos triunfadores os tonéis, homenagem cobarde dos vinhateiros ao guerrilheiro que escarneciam pouco antes. As massas davam muito fogo; mas sem saber a quê - observa padre Casimiro. Não atiravam a nada. Uns leões, uns raios da guerra! Pôde o general acomodá-los, retirando-os das adegas. Chegados em tumulto ao convento de Refojos, aclamaram o padre Defensor das cinco chagas e comandante do Minho e Trás-os-Montes. Um vinho generoso.

***

Regressando a Vieira, depôs o Defensor a clavina e empunhou a pena para escrever a Senhora D. Maria II. Desta memoranda carta, impressa nos jornais do tempo, e nos "Apontamentos" a pág. 165, apenas respigarei algumas linhas que acentuem o perfil de padre Casimiro um pouco vago em política. Participa a Sua Majestade que todos os paisanos do Minho, homens e mulheres de todas as idades, e mesmo os padres, pegaram em armas e saíram a campo para mostrar o seu antigo valor português.

Lamenta que, depois de aparecidas as malditas seitas de setembristas e chamorros, todo o povo deixasse de cantar. Está nesta afinação lírica. Imputa aos chamorros e aos outros incontinentes de bexiga a afonia do povo. O bucolismo virgiliano dos 29 anos! Diz à rainha que, se o povo português não fosse verdadeiro cristão, o sangue transbordaria em quantos charcos tem Portugal. Que ele é ministro de Deus vivo, e, como tal, encarregado de espalhar a paz na Terra. Sim, ele espalhava a paz. Sob pena de morte, fora obrigado a bater a tropa. Parece querer assim honestar o absurdo da sua missão pacifica; mas acrescenta, com bazófia, que a sua coragem fizera aterrar todos os militares, e que brevemente acabaria com eles, se o Almargem e o Basto, do Porto, não induzissem o povo a desobedecer-lhe. Não sabemos que conceito Sua Majestade ficou formando do Basto; - mistérios da Casa de Bragança. Admoesta a rainha a que nomeie empregados que aborreçam os empregos, escolhidos pelo povo, inocentes, puros nos costumes, virgens talvez, e sobretudo que não sejam mações. Quer tudo à antiga.

Consente na conservação da Carta, com algumas emendas. Pensa num Ato Adicional.

Explica à soberana como há de ser isto de recebedores gratuitos. Parece que era este o processo a seguir para que os empregados aborrecessem os empregos: serviço gratuito.

Único expediente. Conta-lhes que uma escritura que dantes se fazia com 16 vinténs, ou um pinto o muito, já chegara a custar uma moeda de ouro. Quer que haja deputados, e que se lhes faça o gasto da comida e das jornadas, mas que não embolsem uma de X.

Quer talvez que nos Dois Irmãos Unidos, se lhes forneça cevadeira nutriente e modesta de cozido abundante, um prato de ervas, e um quartilho, medida velha - um menu de luxo para uns sujeitos que em suas casas não passam de Nababos de orelheira de porco e feijão branco. Macho e alquilaria ou vapor de ida e volta por conta da nação, e que se vistam à sua custa, no aljubeta Nunes, um Pool de estatura correspondente aos Mornys de Braga e Montalegre. Lembra à rainha que a revolução foi miraculosa, feita por Deus que nos lançou ao mundo. Não lhe conta o milagre Batoca por modéstia; mas sempre vai insinuando no régio peito que Deus não parece estar disposto a fazer milagres como se tem

observado principalmente no Minho, para se mudarem somente os empregados.

Anuncia-lhe, como profeta, um medonho futuro e as contas que Sua Majestade tem de dar ao Deus vivo. Não se sabe que desmaios anestesiaram os nervos de Sua Majestade neste lúgubre presságio. Segredos insondáveis do Paço.

Finalmente, particulariza miudezas do processo eleitoral, questões de finanças, guardas nacionais, etc., e conclui queixando-se do Governador Civil, o meu santo amigo Lopes de Azevedo. Assina-se Defensor das cinco chagas e general, etc.

Fora promovido a general por aclamação quando acabou de ler a carta à rainha.

Mais uma apoteose literária do que um plebiscito militar à imitação do Baixo Império.

Porém, o promovido sustenta ainda agora que foi legitimamente general pela seguinte razão de pág. 84: Nas circunstâncias em que se achava o Reino parece que era esta aclamação a mais legal e autorizada por ser feita por quem havia de obedecer, e por isso fui general de direito e de fato. Esta patente, com uma pequena modificação, foi confirmada pelo Sr. D. Miguel, em "brigadeiro", por decreto de 7 de Abril de 1847; mas como os brigadeiros passaram a generais de brigada, está o Sr. Padre Casimiro, de fato e de direito, militarmente compreendido na reforma.

Alguns periódicos escreveram seriamente irritados contra a patente que o padre aceitara. Como eu na carta que escrevi a D. Maria da Glória (refere o Protector) me assinasse "general" começaram todos a dar por isso um cavacão. Um cavacão que realmente não tinha lugar, e muito menos o ingranzeu que aí fez a imprensa liberal à conta das barbas do padre. Ele as cortou e depôs na ara da opinião pública escandalizada. Fez às barbas o que o divino Mestre mandou que fizéssemos ao nosso olho escandaloso. O Evangelho e o barbeiro colaboraram nesta exemplar tosquia. Até o Governador Civil o fez intimar para que não se assinasse com algum titulo, sob pena de ser processado e punido como cabeça de motim. Nenhum caso fiz de tal intimação, diz o impertérrito ameaçado - porque bem sabia que mesmo não me assinando com título algum, sendo apanhado à unha por eles, me punham infalivelmente de escabeche.

Sempre imagens pitorescas metaforizadas.

Ameaçaram-no com a ida do general conde das Antas agarrá-lo a Vieira.

Respondeu: A vinda do Antas nada me assusta; tenho visto muitos militares, e nunca me fizeram tremer; eu, em Vieira, sou melhor general que ele; e, se cá vier, hei de sacar-lhe todas as medalhas do peito. Não o fazia por menos.

Entretanto, acautelava-se. De toda a parte lhe convergiam denúncias preventivas do movimento da tropa. Eram vigiadas de noite as estradas por amigos gratuitos que o defendiam de alguma surpresa.

Com efeito, o conde das Antas entrou em Vieira no dia 15 de Setembro, às 11 horas da manhã, acompanhado do Silvério, Governador Civil e do cônego Montalverne.

Sozinhos os três temerários? Ia mais alguém. O batalhão de Caçadores 7 entrou de manhã a sondar o terreno. Depois, o batalhão de Infantaria 6, Caçadores 2, Cavalaria Municipal e uma légua à retaguarda ficou Infantaria 7. Ao todo 1600 praças para parlamentar com o Protector. "Foi o Antas (escreve ufanamente o padre) o que de todo o reino me honrou mais, indo visitar-me a Vieira com tamanha força, e tomando todas as precauções militares, como se tivesse a bater-se com um grande exército, no tempo em que eu passava em Vieira acompanhado por dois ou três rapazes".

Padre Casimiro, reconsiderando o plano de arrancar as medalhas do peito do conde, fugiu para a crista de um outeiro chamado Cortegaça, onde o foram chamar amigavelmente para conferir com as autoridades militares e civis; que descesse do alto para eles não subirem a íngreme ladeira. Respondeu: "Eu não os chamei cá; nem tenho o menor empenho em que eles cá venham; por isso, tanto se me dá que subam como que desçam". Parece uma passagem romana formulada no estilo concreto de Tácito.

E eles subiram, o Silvério, o administrador e uns familiares do padre. Rogaram-lhe que se apresentasse ao conde, e pedisse o que quisesse. Repeliu a proposta de despacho, e discursou largamente contra o estado das coisas, prometendo levantar todo o país contra o exército, e destrui-lo, se o Antas permanecesse em Vieira.

O Governador Civil então, o sensível Silvério, começou a verter lágrimas, condoído da desgraça do povo. Depois foi chorar outra vez no seio do camarada do padre; e afinal, mais lágrima menos lágrima, convenceram-no a apresentar-se. Queriam que ele se vestisse seriamente de casaco para a conferência. Disse que apenas tinha um casaco velho; mas, ainda que o tivesse novo, não largava a clavina e a cartucheira, para, sendo preciso, se divertir com a tropa um pouco. E entrou armado e mais o camarada no quartel do conde, que o recebeu urbanamente sublinhando as cortesias com o riso sarcástico de quem ali se via, por ordem superior, face a face de um guerrilheiro tonsurado. Padre Casimiro prometeu despedir as massas, expatriar-se de Vieira e não permanecer em Braga.

Desde o instante da concórdia, um pressentimento de morte próxima e violenta, punhal ou veneno, alanceia o padre, pusilânime diante do martírio.

Tem as síncopes da carne frágil que desmaia. Em três páginas dolentes do seu livro soluçam umas plangências das “Flores dos Mártires”:

...E neste tempo vieram alguns soldados ver-me, e, passados dias, disseram-me que viera um entre eles que saíra vertendo lágrimas, e dissera consternado: “antes eu não te vira!” porque provavelmente sabia ou supunha a sorte que me esperava, isto é, que estava decidida a minha morte...

Se a pacificação do pais impendesse da decapitação deste sacerdote, seria ele capazmente idôneo para se dar em holocausto à Pátria aflita? E prudência duvidar, embora ele haja dito que não o desfeiteava quem o matasse. O seu chauvinismo bem puxado não daria talvez uma 2ª edição de Codro nem Cúrcio, ouvido por espanto.

Idiossincrasia de bode expiatório não a tinha. Nos seus diálogos com as autoridades a respeito de miguelismo, denota muita manha, de que se gaba, para poder escapar ao arsênico administrativo ou à navalha de ponta dos janízaros.

Em conversação com o irmão do Antas e outros oficiais mostrava grande repugnância em envolver-se nos motins, e um forte desejo da paz e do seu repouso.

“Todo o meu fim, porém, nesta conversa, diz o finório, era fazê-los convencer de que eu estava morto por que terminassem os meus trabalhos, e que não queria meter-me mais em outros, para ver se conseguia o não me propinarem eles o veneno, que eu pressentiacomo certo”. Os velhacos não se convenciam da emenda do padre, e ele então sentia-se cada vez mais triste pela lembrança do fim trágico que o esperava. Com medo da morte já pensava em não ir a Braga e fugir para o Brasil; mas receava que o matassem cá no embarque ou lá ao desembarcar. Quando o levavam a Braga, palpitou-lhe que ia ser assassinado, que o levavam à força para o matadouro. Parece pois que o matarem-no já se lhe figurava, pelo menos, uma desfeita.

Enfim, o leitor destes comentários verá na obra emendada, se ainda a não viu, a pertinaz sombra espectral da morte a perpassar diante do padre atribulado que já tinha, pelos modos, perdido a confiança na proteção divina.

1846, aquele ano trágico, apenas deu à pintura histórica um falso retrato da Maria da Fonte, com pujança de seios de vaca barrosã, pantorrilhas bojudas escarlates, dentadura anavalhada em atitude de morder, olhos assanhados, e nádegas esferóides como a hipertrofia gordurosa de quadris semelhantes à esteatopigia das fêmeas boxímanes da África. E o mais que podia engenhar um pintor de história portuguesa, em eterna infância da arte, à razão de dez-réis por cada exemplar litográfico.

Padre Casimiro, com um pouco de desprezo da vida, podia ter conquistado a imortalidade do pincel do Roquemont ou dos irmãos Correias. Era deixar-se traspassar por uma selva de baionetas no ato de arrancar os hábitos do peito do conde das Antas.

Desta arte, ao mesmo passo que cumpria a promessa, granjearia uma celebridade talvez mais duradoira que o seu livro.

O Remexido nada escreveu; e todavia tem uma página indelével na história das dedicações desgraçadas até ao heroísmo. Foi a sua impavidez em frente do pelotão que o arcabuzou. Ele tem tido a consagração da história, do drama e do romance.

***

Eram corridos vinte dias de Setembro - um dia sem sol, nuvens cinzentas conglobadas como fortalezas de gigantes pelos espigões das serras, uma névoa espessa ondulando, arrastando-se, de sobre os rios pelos almargeais lamacentos, os sinos dobravam a finados nesse dia, como é costume dobrarem todos os dias em Braga - vingança dos mortos sobre os vivos! O presságio da morte, agravado pela tristeza lugente do céu e da terra e do bronze, deu novos rebates de amargura no diafragma do padre. Levado à presença do conde das Antas, que acabava de jantar, comeu arroz-doce, com a agonia do duque de Bragança, quando ao pé do cadafalso comeu figos lampos.

Depois pediu vinho verde, verdadeiro vinho de enforcado para matar a sede da aflição.

Foi-se buscar o vinho; e, como não viesse logo, a vitima receou que lho estivessem empeçonhando. Bebeu impunemente, conversou com o conde, e foi dali para o Governador Civil que lhe disse estar preparada a cama. O padre desconfiou que o leito fosse o patíbulo. Desculpando-se o melhor que pôde, passou a visitar o general Almargem, um dos príncipes da Sinagoga, diz o mártir vendo em si os passos da afrontosa paixão do Galileu em Jerusalém. Feita a visita ao general, saiu a recolher-se, para pernoitar em casa do chapeleiro Lopes Leiria, e não conseguiu comer de entupido pelo pavor da morte. Pesava na casa o terror mudo de um jazigo de família, quando bateu à porta o amigo Amorim.

Ia alta a noite, como nas baladas. O amigo vinha arrancá-lo à morte - que fugisse sem demora. Fora da porta estava um sombreireiro que o foi esconder no palheiro de um surdo. Ao meio-dia, deram-lhe um frango cozido que ele não pôde engolir porque o queria guisado. À noite mandou comprar um arrátel de bolinhos e meia canada; mas ainda não pôde exercer esse ato insubstituível da assimilação. Depois, chegou o Amorim e disse que estavam salvos os irmãos do padre que o tinham acompanhado, e a família do chapeleiro onde ele se

hospedara. E então, numa guinada de gáudio, tragaram os dois o cálice da meia canada de amargura. Depois, caminhando à margem do ribeiro de Este, recolheram-se em Braga, nos Pelames, em casa de um realista, ao mesmo tempo que o Antas arrancava as barbas de desesperado porque tinha mandado dizer para Lisboa que estava o melro na rede, afirma o padre zombando.

Constou-lhe no seu esconderijo dos Pelames que o conde, para o aviltar, divulgava que o fugitivo lhe oferecera a correspondência que tinha dos realistas. Padre

Casimiro desmentiu-o em uma carta impressa no Periódico dos Pobres, escrita nos Pelames e datada artificiosamente no Porto. Falta nos APONTAMENTOS este documento que encerra dois períodos honrosos para o signatário.

Além deste documento, existe outro, também não inscrito nos APONTAMENTOS, de mui decoroso desinteresse e rara honestidade. Como lhe constasse que o arguiam de extorquir dinheiro e gêneros que convertia em proveito seu, publicou nos jornais, e nomeadamente no P. dos Pobres de 28 de Julho de 1846, uma declaração sob o título de Anúncio para beneficio meu e do povo. Aí se demonstra que ele recebeu:

No acampamento do Bom Jesus 9$600

No acampamento das Sete Fontes 14$400

Do recebedor da décima de Vieira 30$000

Do recebedor da câmara 18$000

Soma 72$000

E acrescenta:

Nada mais tenho recebido em dinheiro nem mandado pedir; portanto, se qualquer pedir dinheiro em meu nome sem levar carta escrita toda pela minha letra, prendam-no que é ladrão.

Notem. Cinco meses de manobras, de avanços, de retiradas, ora com um, ora com seis homens, já com trinta mil, de uma extremidade à outra de duas províncias, composição de estradas abandonadas na Geira para transitar a artilharia, pólvora, balas, munições dê boca e de pés para as massas, bebidas nervosas, aguardente, genebra, licores - tudo por 15 moedas! - isto é prodígio que transpõe os limites da frugalidade econômica e penetra pelo supernaturalismo na região do milagre muito superior ao aparecimento metafísico do Batoca em Basto.

Oliveira Martins, na História da Civilização Ibérica, escreve que a ninguém é lícito já acreditar em milagres; e eu digo ao incrédulo publicista que a ninguém é licito duvidar deste milagre das 15 moedas, réis 72$000, e muito menos ao meu douto amigo que lida com dinheiros prática e teoricamente.

Eu, para a minha canonização, antes queria este milagre que o do Batoca; e talvez aquela factura de réis 72$000 em cinco meses de guerra bastasse como documento extra-humano para, no futuro, se instaurar o processo da beatificação do Protector, se ele, em um trasbordo de atrabile contra os cabralistas, não se responsabilizasse por sustentar à custa deles o 8 de Infantaria - proposta realmente cerebrina e atacante da propriedade. Bem sabe o reverendo Casimiro que uma venialidade de orgulho prelatício de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires bastou para impedir que ele fosse santificado.

Contra o acutiladiço Dom Lourenço da Chamusca, também arcebispo primaz, alegou na Cúria “o advogado do Diabo”, que ele na carta ao Geral de Alcobaça se gabara de ter matado em Aljubarrota o castelhano que o ferira. Pedro Arbuez, o inquisidor, tinha tido costumes mais inocentes e impolutos de sangue, por isso está santificado. Padre Casimiro não matou ninguém, honra lhe seja; mas o Batoca não lhe será suficiente recomendação no Colégio dos Cardeais.

PARTE TERCEIRA

O MIGUELISMO

Deixemos o padre Casimiro salvo e alapardado nos Pelames em casa do alferes Custódio, por uns vinte e tantos dias. Aí se fica restaurando a sua quebrantada energia para um novo êxodo às batalhas do Senhor, cujas chagas protege. O sangue depauperado por jejuns violentos regenerar-se-á pela endosmose quilífera de glóbulos rubros, graças à copiosa alimentação plástica, azotada e fibrinosa, fornecida pelo dono da casa, um anjo Custódio garantido - com o auxílio do bizarro farmacêutico da Rua do Souto, o capitalista Sr. Pipa. Que os vindouros não desconheçam o nome do outro sócio alimentício. Logo volveremos a encontrar o padre no teatro da guerra, representando papel mais frisante com o seu gênio político.

***

São ignorados os exórdios do pronunciamento miguelista de 1846. Os comparsas dessa comédia, tragicamente finalizada, são quase todos mortos; e entre todos houve um apenas que escreveu, já velho, as suas vivas reminiscências dos trinta anos. Foi Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal, falecido em Lordelo do Ouro em 2 de Janeiro de 1884.

Em 10 de Junho de 77 me enviou de Pedrouços aquele infatigável trabalhador notícia particularizada, que eu lhe tinha pedido, da origem da revolta absolutista de que os historiadores impressos ou nada sabiam ou romanceavam a capricho. No seu estilo corrente, chão e desataviado - imagem genuína da sua alma - dizia-me o prestante amigo, depois da miúda história: “Pus-lhe tudo isto o mais bem explicado que pude para daqui extrair o que lhe fizer conta; mas como provavelmente V. não aproveita a centésima porção da estopada, se ela, depois de concluída a sua MARIA DA FONTE, lhe não servir para mais coisa alguma, peço-lhe que ma devolva; porque, se Deus me der vida e saúde, hei de escrever a história da revolução miguelista em 1846, e escuso de estar a puxar pela memória. Com estes apontamentos vão-me lembrando outros fatos menos importantes e arranjo um livrito de 200 páginas. Mas, tome sentido: se faz tenção de aproveitar tudo ou a maior parte, não é preciso recambiar-me o langaré. Se mesmo quiser escrever de fio a pavio a tal história do Macdonell, com as suas antecedências e consequências, dou-lhe todos os mais pormenores que eu souber. Dou-lhe a minha palavra de honra que não tenho desejo algum de escrever a tal coisa; e só pelo gosto que eu tinha de que nada a tal respeito ficasse ignorado, como tem estado até hoje, V. fazia-me grande favor se quisesse escrever o tal livro; mesmo porque eu é mais provável que nunca o chegue a escrever. Se houver 2ª edição do Portugal Antigo e Moderno, todo o

restante da minha vida será pouco. Escreva, escreva, meu filho, que pela sua pena

.....

Viveu ainda seis anos; mas, antes do repouso necessário para esse trabalho, descansou na benigna podridão dos corpos alanceados pela dor.

***

Na vasta bibliografia de opúsculos relativos à revolução de 1846-47, principiada com a Maria da Fonte e concluída com o padre João do Cano, último que depôs o bacamarte, nenhum monógrafo verídico ou testemunha presencial deu notícia do misterioso advento de Reinaldo Macdonell e da farsa representada por tão extraordinário patife; porque só um dos inconscientes personagens da peça, Pinho Leal, podia escrevê-la com um franco e desassombrado sorriso da sua boa fé. Só ele nos podia contar como dois cônsules ingleses em Portugal receberam a bordo e agasalharam um súbdito da rainha Vitória, um assalariado que veio a Portugal engodar alguns padres, capitães-mores e uns pobres parvajolas famintos de Évora Monte, enquanto Guisot, amalgamado com Costa Cabral, expunha às nações aliadas o perigo da dinastia reinante.

Conheci, no Porto, há quinze anos, Pinho Leal, com uma família numerosa, a batalhar com a desgraça na primeira linha dos mais avançados para a indigência.

Escrevia ele o Portugal Antigo e Moderno, com escassos elementos arqueológicos, ligeiro tirocínio desses estudos, sem expositores, vacilante no método, excursionando pelas bibliotecas e amontoando notícias topográficas, anedóticas, genealógicas. Não achava, porém, no Porto quem lhe editasse a sua obra de fôlego muito avantajado à afoiteza e aos cabedais dos livreiros portuenses para quem a editoração aventurosa de um romance de 300 páginas, mau papel, era um arrojo que fazia chamar ao editor benemérito das letras - o Michel Levy português, e protetor indefeso da literatura nacional.

Afora o minério estéril da inteligência, Pinho Leal explorava e vendia veios metálicos mais ou menos problemáticos, de onde não auferia nenhum metal cunhado.

Andou em negociações com um empreiteiro de Lisboa, o Caldas Aulete, homem de letras menos falidas que as minas, porque era um sujeito solerte, crítico e de muito espírito. Se lhe pagassem, Pinho Leal seria um milionário aí até quatro contos, que ele chegou a imaginar realizáveis para publicar a sua obra redentora.

Eram, pois, mais que precárias as condições do seu viver; e, assim mesmo, aquele inquebrantável ânimo, trinta anos acalcanhado pelo infortúnio, nem para falar da sua dissimulada miséria usava adjetivos dolorosos. Alegre, sempre um alegre conversador, no estilo dessa carta que aí está, e por onde quem não conheceu Pinho Leal lhe entrevê a índole lhana e folgazã. Sempre honesto, verdadeiro e incorruptível à ação dissolvente da desgraça sobre as mais rijas almas. Pôde aguentar-se sem uma baixeza, sem um resvalo da honra - essa máxima santidade do pobre. Tinha apelidos de nobre estirpe, e conhecia-se que os prezava sem jactância, escorando-se neles para se manter no aprumo da honra com hombridade estóica.

Depois, como granjeasse editores em Lisboa, aí o conheci vivendo em abastança relativa; mas sob encargos de trabalho intelectual que lhe enervavam as forças pela inação da vida sedentária. Ainda assim, jovialíssimo, abraçando com efusão de lágrimas exultantes os seus amigos, convidando-os para a sua farta mesa - que não era a somenos das suas delícias quando mais lhe cumpria contemporizar a atonia gástrica com a higiene da sua antiga e abstêmia temperança. Pois, apesar de lhe serem avaras as horas da escrita, dia e noite, para satisfazer às exigências dos editores, assim mesmo escrevia aos seus amigos cartas da extensão desta que forma as páginas menos fastidiosas do meu livro:

***

"...Vamos agora à história da revolta puramente miguelista. Tanto os realistas como os republicanos queriam especular com os tumultos do Minho, que em breve se estenderam a todo o Reino, e puxar a brasa à sua sardinha; mas os setembristas andaram mais depressa e foram mais finórios, atraindo ao seu partido bastantes realistas gordos.

D. Miguel I, na esperança de se pôr à testa do seu partido em Portugal, veio para Londres, onde nunca o deixava Antônio Ribeiro Saraiva, que se tornou o seu braço direito. Foi este quem, nos fins de Julho de 1846, nos mandou para cá a bela prenda do decrépito imbecil e borrachão escocês Reinaldo Macdonell.

Macdonell veio para a Península no mesmo vapor inglês em que veio o Saldanha para se pôr à testa dos cabrais. Este teve medo de fazer o seu desembarque nas costas portuguesas e foi desembarcar a Gibraltar, e de lá veio por terra para Portugal, mas disfarçado, porque já todo o pais estava revoltado. Macdonell desembarcou no Porto, a 6 de Agosto, indo buscá-lo a bordo o cônsul inglês no Porto (Edwin Johnston), e um cônsul inglês da Figueira a quem a gente chamava Lourenço Fuque (Fook), e que tinha um armazém de vinhos em Vila Nova de Gaia. Já se sabe - ninguém soube que era o Macdonell, senão os da panelinha, e foi habitar em casa do cônsul inglês. O Antônio Taveira (que V. certamente conheceu) tinha em seu poder 50 contos de réis para o primeiro rompimento

realista; e, se é certo o que ouvi dizer, foi a infanta D. Isabel Maria quem deu este dinheiro - esta grande fartura para uma revolução!...

Padre Luís de Sousa Couto, paleógrafo da Misericórdia, grande amigo do Ribeiro Saraiva, era um dos principais maquinadores da revolta. Era natural do Torrão (Entre-os-Rios) e morava na Rua de S. Sebastião nº 1, quase vizinho do bom padre-mestre Baltasar Veloso (que também V. devia conhecer, e até, se me não engano, foi um dos seus mestres, não sei de quê, quando constou que V. queria ser padre e mais o Câmara Sinval). Padre Luís tomou conta da situação fazendo-se o totum continens da brincadeira.

No dia 6 de Agosto veio o Macdonell a bordo de um escaler inglês, acompanhado do tal Fook e do padre Luís até Gramido - isto pelas 8 ou 9 horas da noite. Em Gramido estava um rodeiro (barco rabelo sem apegada) tripulado por quatro estafermos. 1º, o morgado de Pé de Moura, Manuel Ferreira dos Santos, que depois foi tenente-coronel comandante dos voluntários realistas de Paiva; 2º, Manuel Vieira de Andrade, de Fulgoso, que depois foi capitão do mesmo batalhão; 3º, um fulano Mendes, alferes de Évora Monte, que morreu no combate de Braga, em 20 de Dezembro de 1846, sendo ajudante do referido batalhão; 4º, este seu criado que, no 1º de Dezembro do mesmo ano, foi feito capitão da companhia de atiradores do batalhão de Infantaria de Braga - que depois de ser regimento e se unir à Junta, teve algum tempo a denominação de Fuzileiros da Liberdade, e por fim Regimento de Infantaria 9; e que, por ser organizado no quartel do Pópulo em Braga, nunca perdeu o título de Regimento do Pó pulo.

Não nos fiamos nos marinheiros e nós mesmos levamos o barco, arrastando-o com um cabo pelo rio, que estava muito baixo; pois, dos quatro só o morgado de Pé de Moura era o único que sabia náutica.

Quando chegamos a Melres, estava no areal à nossa espera, Frei José da Graça, grande amigo de padre Luís, e ali estiveram em combinações (e que combinações tão tolas!), enquanto descansávamos nós, os barqueiros. (Destes 4 parvos só existo eu e o Manuel Vieira de Andrade. Os outros dois, assim como padre Luís, Fook, Frei José da Graça e Macdonell tudo já está a fazer tijolo!).

Pela madrugada no dia 7, chegamos à Quinta de Linhares, na freguesia da Sardoura, concelho de Paiva. Esta quinta era e ainda é de Custódio Monteiro de Magalhães, que também foi depois capitão de voluntários realistas de Paiva, e as casas erguem-se sobre uma penedia às cavaleiras do Douro. Nós, os barqueiros, chegamos mais mortos que vivos, e eu estive uns poucos de dias sem saber dos ossos nem dos membros.

Note que com o Macdonell vinham dois respeitáveis caixões de conhaque, aguardente magnífica, vinhos especialíssimos da Hungria e França, e ótimos licores.

Vinhos dos mais escolhidos do Douro principiavam a chover em Linhares, assim como outros presentes. Mas não choviam só presentes: choviam pretendentes. O padre Luís e Frei José da Graça queriam ser bispos; o abade de Boaças (irmão do capitão-mor Luís do Amaral Semblano, de Nespereira) queriam ser capitão-mor de el-rei; o dono da casa contentava-se em passar de coronheiro a correio-mor do Reino; finalmente, aquilo eram avalanches de aspirantes a empregos gordos e catadupas de ambiciosos de toda a casta.

Basta dizer que um diabo muito estúpido, chamado Manuel Antônio de Carvalho, de Lamego (da família dos Cacos, nome bem cabido, porque ele era um refinadíssimo patife e ladrão), casado com a filha de um tal Freitas, funileiro da Banharia do Porto, e irmã de outro funileiro também muito tratante de apelido do pai, não queria senão ser diretor da Alfândega de Lisboa, e que o traste do cunhado tivesse idêntico emprego na do Porto. O caso é que, apesar do tal Carvalho ser um chapadíssimo tolo, teve artes de chupar ao Antônio Taveira 600$000 réis para comprar todos os oficiais e sargentos de Infantaria 9, pois que os soldados esses estavam às ordens dele Carvalho. E lá alvorou com os 600$000 réis, que não o tornamos a ver. O 9 de Infantaria, esse vimo-lo algumas vezes, mas a dar-nos fogo. Dinheiro para compra de armas que nunca apareceram, de cometas, 7 por junto, chumbo para balas, e pólvora para cartuchos andou a rodo, e cifra vale 10.

O alma do diabo do Macdonell estava por tudo, mandava dar dinheiro a todos, e fazia bispos, capelães-mores, correios-mores, e diretores das alfândegas... o diabo! O José Maria de Abreu (irmão de Francisco de Abreu), e eu, que estávamos feitos alquitetes do Macdonell, morríamos de riso; mas eu achava graça àquilo porque nunca na minha vida bebi tanto e tão bom.

A vida de Macdonell em Linhares era isto: pelas 9 horas da manhã berrava lá do quarto - Damian! Damian! Era o criado dele. Vinha o Damian e ia vesti-lo. O escocês tinha no seu quarto certo número de garrafas escolhidas; e, quando aí pelas 10 horas, saía do beliche, já trazia o conteúdo de uma no papo, e vinha vermelho como um tomate maduro. Ia para a varanda da casa, que abria sobre o Douro, e ali dava audiência aos pretendentes ou lia o The Tablet, jornal do tamanho de um lençol, com matéria para um livro de 400 páginas. Ao meio-dia, almoçávamos; e ele durante o almoço contava suas anedotas, que julgava engraçadíssimas: porém, era a coisa mais insulsa do mundo.

Nunca falava senão espanhol (e muito bem, isso é verdade). Dizia o brigadeiro Vitorino José da Silva lavares, de Fagilde, que depois foi quartel-mestre general dele, que o maroto sabia, mas não queria falar português, só para não dar

senhoria nem excelência a ninguém. Parece-me que sim. O que é verdade é que ele tratava o visconde de Montalegre (único titular que lá foi), os fidalgos do Covo e o Bernardino de Lama, e outros figurões e todos por usted.

Depois do almoço até ao jantar, às 6 da tarde, outra vez varanda, The Tablet, e audiência às partes. Foi esta a sua vida até 12 de Novembro - três meses e cinco dias!

Nesta conjuntura, chegou a Carvoeiro o capitão da Mota, patuleia, com 75 armas e competente correame. Fui lá com uns poucos de peludos, roubei tudo aquilo de noite, e fui esconder-me em um areal da margem direita do Douro. Mas isto foi feito sem barulho, sem vivário, sem nada. Estavam lá 16 cabos de polícia, futuros voluntários da Mota, que todos me conheciam, de guarda às armas. Mandei à casa que servia de trem o tal Mendes que morreu em Braga, ordenando-lhe que dissesse à guarda que nos entregasse aquilo por bem, aliás haveria pancadaria. Ele não disse isto. Chegou e disse aos marmanjos: “Eu sou o administrador do Bairro de Santo Ovídio, do Porto, e venho, por ordem da Junta, buscar o armamento e correame que para aqui veio hoje que é lá preciso; por estes dias virá outra partida”. E os peludos comeram-na e deixaram ir as armas.

Em outra ocasião, poucos dias depois, fui lá (a Carvoeiro) por me dizerem que tinham chegado mais armas. Era peta. Para não perder tempo, passei revista às armas da guarda, e a todas as que levavam bala de onça, deitei-lhes o gatázio e desandei. Na noite de 10 de Novembro soube que tinham vindo 100 armas, 100 correames, muitos cartuchos, pederneiras e mais trapalhadas para Cabeçais, a fim de armar e municiar uma companhia franca nacional, que não passava de uma quadrilha de ratoneiros bêbados e poltrões. Fui com outro futuro oficial e 100 futuros soldados de voluntários realistas de Paiva, na manhã do dia 11; mas as armas já estavam distribuídas e o maior número dos que as tinham passaram as palhetas. Só pilhamos 43 espingardas, não me lembra quantos maços de cartuchos, um alguidar de pederneiras, duas cometas, uma espada e um terçado. Tornamos a Cabeçais pelo vezo; e, no dia 13, muito em segredo, chegamos ao romper do dia. Éramos ao todo 76. Mas nós a chegarmos, e a chegar do Porto o batalhão nacional de Francisco da Rocha Soares e 60 soldados do 6 de Infantaria. Ao mesmo tempo chegou da Vila da Feira o administrador patuleia José Soares Barbosa, da Arrifana, com mais de 200 cabos de polícia, e de Oliveira de Azeméis Antônio Bernardo Pinto Basto com o batalhão nacional da sua vila que tinha mais de 300 homens. Já se sabe, largamos a fugir para Paiva, mas fazendo sempre fogo. Não matamos, nem ferimos, nem aprisionamos ninguém, e safámo-nos muito frescos, porque os patuleias faziam-nos fogo de fuzil de onde até estávamos fora do alcance da artilharia de 48. Apesar disso, o Eco Popular, o Nacional e o P. dos Pobres do dia 14 disseram

que fomos completamente derrotados, perdendo, além de cento e tantos mortos, grande número de prisioneiros

.....

Como os patuleias berravam Viva a Junta! Viva a causa popular! Viva o Antas!

Viva o Passos!, e era preciso que déssemos vivas a alguma coisa, entramos também a berrar Viva o Sr. D. Miguel II. Viva a Santa Religião! Viva o general Macdonell! Viva o Mimoso! etc. Descobriu-se a meada, e o Macdonell não pôde conservar por mais tempo nem o incógnito, nem - o que lhe era mais custoso - o dolce far niente. Pôs-se pois de nariz torcido, chamando-me estouvado, à frente de 470 homens que constituíam o batalhão de Paiva e Fermedo, uns de tamancos, outros de chinelos, uns com armas de caçadores, outros com reiunas ferrugentas. Todos sem sapatos, sem bornais, sem mochilas, sem guarda-fechos; mas em desforra levávamos sete cargas de cartuchame.

Em Cinfães soubemos da derrota do Sá da Bandeira em Valpaços, dos tiros que o major realista Figueiredo lhe tinha dado na Régua, e que vinham de escantilhão pelo Douro abaixo os restos da coluna do Sá da Bandeira.

Macdonell mandou acelerar a marcha, e fomos dormir a Boaças, sobre a margem esquerda do Douro. Já ali achamos em armas ao sul do rio o capitão-mor Luís do Amaral Semblano com uma forte guerrilha, e um tal Lobo com uns 40 homens da Gralheira e de outras aldeias vizinhas da serra de Montemuro. A gente do Lobo era pouca, mas valia por muita pela sua excessiva coragem e certeza dos seus tiros. Eram verdadeiros descendentes desses hermínios indomáveis que tanto deram que fazer às legiões romanas, e talvez descendentes do famoso Geraldo Geraldes e dos seus que eram desses sítios, e aí construíram o famosíssimo Castelo da Chã (veja o 3º vol. Do Port. Antigo e Moderno, pág. 178, col. 2ª). Se se conseguisse formar um batalhão desta gente - o que não era fácil por serem de terras pouquíssimo populares - e discipliná-lo - o que ainda seria mais difícil - era com toda a certeza um corpo temível; mas, se não tinha rigorosa disciplina a guerrilha do Lobo, eram bravos e fiéis, e nunca em toda a guerra praticaram o menor roubo ou malefício.

Ao norte do Douro estavam também já em armas um tal Montenegro com o chamado batalhão de voluntários realistas de Bem-Viver, composto de 120 homens, e o chamado batalhão de Baião composto de 200 estafermos da pele de seiscentos diabos comandados pelo coronel Medeiros, convencionado de Évora Monte. Mas tome sentido, tanto o Semblano, como o Lobo, como o Montenegro, como o Medeiros puseram-se em campo porque souberam que nós estávamos em armas na vila de Sobrado, e não porque tivessem para isso ordem de pessoa alguma. Sempre será bom dizer-lhe, para lhe contar a história com a máxima exatidão: - Quando nós (quando digo nós, entenda-se a guerrilha

do Macdonell) atravessávamos a freguesia de Cinfães, fomos mimoseados com uma descarga que não feriu ninguém, pelos sete irmãos, os Suíços. Eram patuleias.

Dois formados em Direito (Vitorino e Higino), e os mais eram... nada. Foram corridos.

Estávamos em Boaças, no dia 18 de Novembro de 46. Ao amanhecer, vimos subir o Douro um barco com tropa. Eu estava de dia. Mandei esconder atrás de paredes, arbustos e silvedos os piquetes que na véspera tinha colocado na margem do rio e as suas respectivas sentinelas com ordem terminante de não darem um só tiro sem aviso.

Escondi-me na praia atrás de uma barraca de pescador. Do barco saiu um oficial e alguns soldados da Guarda Municipal do Porto e estes principiaram a acender lume para fazer o almoço. Saí do esconderijo e fui ter com o oficial. Era o coronel Gromico Couceiro, de Artilharia, que mais tarde foi ministro da Guerra. Disse-lhe que estava ali uma força realista de 500 homens comandada pelo general Macdonell; que, pouco mais acima, estava o capitão-mor de Nespereira com 200 guerrilhas, e pouco mais abaixo o Jerônimo da Escaleira com 100, e na margem oposta as guerrilhas de Baião e Bem-Viver.

Contei-lhe a derrota de Valpaços, que ele ignorava, e disse-lhe o mais que havia.

O homem ficou tão surpreendido da derrota dos seus, e da traição do 3 e 15 de Infantaria, como de estarem em armas os miguelistas e que ali estivesse Macdonell. “V. Sª vai desenganar-se já - disse-lhe eu - pois vou apresentá-lo ao general”. - “Então, visto isso, estou prisioneiro dos realistas?” - e ia entregar-me a espada. “Não, senhor; nós não fazemos prisioneiros, porque não temos por enquanto onde os guardar, nem nos faz conta andar com empecilhos. Tenha a bondade de conservar a sua espada e venha desenganar-se”.

Fomos para casa do abade de Boaças, e apresentei o Couceiro ao escocês, que o tratou com as mais delicadas atenções e deferências. Convidou-o a tomar o partido do Sr. D. Miguel I. Couceiro respondeu com desassombro, dignidade e cortesia de um soldado português, pouco mais ou menos o seguinte: “Não tomo o partido do Sr. D. Miguel por duas razões: 1º, porque sou republicano; 2º, porque entendo que é uma imprudência pôr-se em campo o Partido Realista, e isso só fará com que os Cabrais triunfem, pois que a Espanha, França e Inglaterra intervirão forçosamente, por se dar o caso previsto no tratado da Quádrupla Aliança de 22 de Abril de 1834. Se quer que lhe fale com franqueza, estou mesmo convencido de que esta revolta miguelista foi sorrateiramente promovida pelos irmãos Cabrais e pelo Saldanha, na esperança de abafar o movimento popular com a intervenção estrangeira”. Macdonell não insistiu.

Convidou o coronel a almoçar, o que ele recusou delicadamente. Disse-me então o Macdonell: “Vá pôr este senhor a bordo e veja lá que a nossa gente se porte com o respeito devido a tão distinto oficial”. Couceiro, agradecendo, acrescentou: - “Parece-me que não é precisa a recomendação de V. Exª, todos os homens armados que encontrei no caminho me trataram com o máximo respeito, e por isso lhes dou a minha palavra de honra que, nesta guerra, qualquer que seja o tempo da sua duração, não combaterei contra os realistas”.

E cumpriu a sua palavra.

Mesmo assim, pelo que desse e viesse, pedi ao José Maria de Abreu, ajudante-de-ordens do Macdonell, que viesse comigo, e levamos entre nós o coronel até ao barco.

Ele pelo caminho disse-nos: “Os senhores andam aqui a ser o joguete dos Cabrais, da Rainha, do Saldanha, do Vila Flor e de outros que tais. O Macdonell veio de Inglaterra de súcia com o Saldanha, e muito provavelmente combinados para meterem os realistas nesta arriosca e assim levarem a água ao seu moinho...”.

Em vista da traição e derrota de Valpaços, Couceiro foi para o Porto no barco em que veio.

Da uma para as duas da tarde, começou a ver-se descer o Douro alguns barcos carregados de tropa, que era o 13, restos da coluna do Sá da Bandeira. Macdonell mandou passar para a margem direita a gente de Paiva, Fermedo e Gralheira, e ficar na direita Semblano e Jerônimo da Escaleira com os seus.

O batalhão de Paiva foi tomar posição em Ancede e Porto Manso, estando na nossa frente, na margem oposta, as guerrilhas do Semblano em Porto Antigo. O rio ia de monte a monte, e ali, que é muito apertado, corria com a velocidade de mais de 10 milhas por hora. Não queríamos fazer mal aos patuleias, o que queríamos era desarmá-los.

Bem nos esganiçávamos a berrar-lhes: “À terra! à terra!” Pois sim! Ainda que eles quisessem, não podiam por causa da rapidez da corrente. Então principiamos a fazer-lhes fogo; os barqueiros saltaram das apegadas e deitaram-se no soalho dos barcos, e quase todos os soldados fizeram o mesmo, de maneira que os barcos voavam ao sabor da corrente. Parece-me que a sua velocidade era superior à das nossas balas. Quando passou o barco que levava o Sá da Bandeira, vimos distintamente este velho, trôpego, surdo e maneta, empunhando o óculo com a mão esquerda, a examinar-nos com o maior sangue-frio. Mas aquilo era um quadro dissolvente - era a passagem das régias sombras de Macbeth. Poucos instantes eram passados, e dos 13 barcos nem rasto! Pouca gente lhe ferimos e não matamos ninguém. Tivemos um homem

morto, nenhum ferido, e um capitão e dois guerrilhas prisioneiros. O morto não pertencia a nenhuma das guerrilhas: era um pobre diabo de Ancede que não tendo que fazer, se sentou numa fraga, mesmo à borda do rio, a divertir-se atirando aos barcos. Estava com um chapéu de palha, cercado de uma larga fita de lã encarnada. Vi-o morto. Era homem dos seus 30 anos. Veio uma bala e furou-lhe a testa, e nem disse boas-noites.

O aprisionamento do tal capitão e dos dois guerrilhas, teve muita graça. Estavam na margem direita, abaixo do ponto que eu ocupava. Eram finórios porque escolheram um sítio onde o rio formava uma revessa, e os barcos passavam mais devagar, rentes à terra. O capitão entrou a berrar que varassem, aliás lhes meteria os barcos a pique. Um barco que vinha a mais distância dos outros, teve medo e parou, ou os barqueiros, por serem realistas, fizeram varar o barco.

Saltaram em terra os patuleias para deporem as armas; mas, não vendo senão três homens, agarraram neles e levaram-nos para o Porto. Custou a levá-los inteiros e sãos até à Casa Pia; mas ali, o Couceiro mandou-os à tabua fazendo-os esgueirar pelas traseiras, por causa da grande multidão de canalha que estava em frente da Casa Pia.

Macdonell e o seu estado-maior, que era o seu quartel-general-mestre Vitorino José da Silva lavares, o José Maria de Abreu, seu ajudante-de-ordens, o morgado de Pé de Moura, e o major Antônio Luís Moreira, não fizeram caso dos seus que ficaram a fazer fogo nos barcos nem nos disseram para onde iam, nem nos deram a mínima instrução. Ao Sol-posto, como não víssemos barcos, nem tropa, nem inimigos por terra, fomos por ali fora perguntando pelo Macdonell até que, de madrugada, chegamos ao Marco de Canaveses onde o general e o seu estado-maior e a gente que não tinha entrado em fogo dormiam muito descansados da sua vida. A música do batalhão de Paiva, não sei porquê, tinha-se perdido do corpo, e foram encontrar uns poucos de machos carregados de sapatos (2000 pares) pertencentes ao Sá da Bandeira. Agarraram aquilo e trouxeram-no para o Marco, com dois soldados prisioneiros, porque o resto da escolta fugiu. Foi bem bom, porque a maior parte dos nossos soldados vinham de tamancos e chinelos, e alguns descalços. Ficou tudo calçado de sapatos brancos. No Marco apresentou-se-nos um sargento e mais dois soldados de Cavalaria 7, aos quais nunca se deu cavalos, e acompanharam o farrancho a pé, até que, depois da nossa junção com os patuleias, se passaram para estes. O Macdonell e o Vitorino eram tão imbecis que nunca tiveram uma única ordenança, podendo ter um bom esquadrão de cavalaria corno tinha o Bernardino, que o arranjou num instante.

Tornemos atrás - ao dia 18 de Novembro. O Alberto Ferreira Pinto Basto, ou por falta de barcos ou por ordem do Sá da Bandeira, para proteger a gente que trazia embarcada, vinha por terra pela margem esquerda do Douro com o seu

batalhão da Vista Alegre, que eram uns pobres vareiros, armados e fardados, mas trazendo ainda carapuças pretas, em vez de bonés.

Foram cair nas garras do Semblano, que os desarmou com a maior facilidade, sem ser preciso um sopapo. Apanhou 2 cavalos ao Alberto; um deles morreu poucos dias depois, com uma dor - talvez dor de se ver com tão maus donos; e o outro, que era muito bonito, foi para o José Maria de Abreu que até ali andava montado num cavalicoque que não valia 4 libras.

Chegamos ao Marco uns 600 homens; estivemos ali e em Canaveses três dias, e quando saímos para Guimarães já levávamos mais de 1000 homens, advertindo que tínhamos mandado embora muito maior número que se tinha apresentado sem armas, por as não termos para lhas dar, nem que lhes dar de comer, nem dinheiro para lhes pagar. As praças de pré do Macdonell venciam 160 réis por dia. Os oficiais, nada.

Estivemos dois dias em Guimarães, e apesar de deixarmos ali ao brigadeiro Luís Leite de Castro mais de 600 homens, chegamos a Braga com 2500. Se tivéssemos armas, dinheiro e cartuchos, dentro de um mês tínhamos 100 000 homens; mas nada tínhamos - nem sequer um chefe que prestasse.

Em Braga, juntaram-se-nos as guerrilhas do padre Casimiro (mais de 2000 homens), as do abade de Priscos, as do padre Manuel das Agras, e outras. Com gente de Braga também se formou um batalhão que verdadeiramente nunca passou de relações; porque, em 20 de Dezembro, tendo já mais de 400 homens, nem um único estava fardado ou armado. Com a charrafusca desse dia deu o tal batalhão em água de bacalhau. A Braga foi dar também o Antônio Carlos de Castro, do Covo, que foi feito ajudante-de-ordens de Macdonell. A poder de muitas teimas com o general e com o Vitorino organizou-se no 1º de Dezembro, no quartel do Pópulo, um batalhão de infantaria de linha com praças de pré apresentadas ou prisioneiras, de cabrais e patuleias, tendo por alferes rapazes de boas famílias, e daí para cima oficiais da Convenção de Evora Monte. Eu fui feito capitão de atiradores deste batalhão.

Daqui por diante sabe tudo V....”

***

Estando padre Casimiro ainda escondido, foi aclamado D. Miguel em Vieira pelo padre João do Cano, cuja bravura o Protector encarece; mas esta não se esquiva a censurá-lo pelo arrojo intempestivo da aclamação, sem autoridade nem influência pessoal.

O ousado guerrilheiro não era padre. Chamavam-lhe padre porque fizera alguns estudos preparatórios para esse oficio. Quanto ao cognomento de Cano, isso

ajoujaram-lho por ele morar em Guimarães na rua daquele nome nada higiênico, e que está reclamando um município desinfetante.

Chamava-se João Baptista Rebelo Pereira.

Na sua primeira mocidade, tinha sido aprendiz de penteeiro. Era um modo de vida bastante duro como a matéria-prima dos seus artefatos para quem tinha aspirações às moles suavidades de mais lustrosa carreira. O Leite, fidalgo do Cano, simpatizando com o moço, abrira-lhe a vereda das letras sagradas, preparando-o para o sacerdócio. Porém, como se interpusessem estorvos, que ignoro, à continuação dos estudos, o João limitou a sua hierarquia eclesiástica a fazer-se nomear sacristão da Igreja de S. Domingos; e, como soubesse latim sobejo para afuguentar demônios, deu-se ao exercício dos exorcismos com grande reputação e bons emolumentos.

Neste útil e rendoso mister o encontrou a revolução do Minho. Pôde tanto com ele o patriotismo que, abrindo mão dos demônios, voltou-se contras os malhados. A mesma coisa, pouco mais ou menos, lá para ele. Enorme devia ser, porém, a exultação no Tártaro, quando as legiões de Lúcifer se viram desafrontadas do sacristão de S. Domingos, e conseguiram assim tomar posse de Guimarães desassombradamente!

Este guerrilheiro foi o último cabecilha a largar as armas, como depois veremos.

Decorridos poucos anos, sucedeu na Casa do Cano João Peixoto de Borbom da Silva Almeida Macedo e Carvalho, atual visconde de Lindoso, que veio de Alenquer residir em Guimarães. João Baptista continuou a frequentar a casa do defunto fidalgo que o tinha levantado do inglório fabrico dos córneos pentes de 30 réis, e pela porta da sacristia o guindara, como um personagem de Milton, até às arcangélicas batalhas com o Inferno, e daí à comandância de guerrilhas não menos infestas ao Demônio daliberdade.

João Baptista começou a requestar a fidalga Borbom, irmã do visconde; e, dominando triunfalmente o anjo amado, segurou-a pelo coração como agarrava o Diabo pela cauda. E casaram-se. Depois, João do ex-Cano retirou-se para Alenquer com a esposa, e lá vive no gozo dos seus haveres, anistiando os velhos demônios que o temiam, e que ele execrava, talvez por lhes ver na cabeça as excrescências odiosas de que fazia os pentes na sua reles juventude.

***

Outro general.

Entre 15 e 18 do mês de Outubro apareceu em Braga um sujeito espanhol, da província da Galiza, que dizia ter tido patente elevada no exército de Carlos V capitulado em Vergara. Chamava-se D. Santiago Garcia y Mendoza. Ele, fugindo

de Espanha, desembarcara em Lisboa por Outubro de 1846. “Achamos (escreve D. Santiago) este reino desde as floridas margens do Tejo às saudosas do Minho, convertido num campo de batalha. Os nossos antecedentes de soldado carlista, a veneração pelos princípios que tínhamos regado com o nosso sangue decidiram as nossas simpatias pela bandeira da legitimidade...”.

Em Lisboa, ao que parece, lhe pediram que servisse a causa de D. Miguel: “Pediu-se-nos que auxiliássemos aquele movimento com o nosso apoio: não nos recusamos”; e explicando com grande fôlego a sua condescendência: “Jovem, amando a atividade dos grandes sacrifícios, dotado de uma natureza expansiva, que nos impulsa a combater os grandes obstáculos, sentindo em nós a alegria da recompensa pelo ardor do risco dos perigos - profunda a nossa convicção que entre a causa carlista e miguelista existe uma solidariedade de princípios e deveres - solidariedade tanto mais justa quanto que, sendo a Espanha a única potência da Europa que tinha reconhecido o Sr. D. Miguel de Bragança, que lhe tinha mostrado as suas simpatias a ponto que o ministério Lea Bermudes, tendo reunido nas fronteiras deste pais um exército comandado pelo general Rodil para proteger o Sr. D. Miguel e hostilizar o Sr. D. Pedro, esse mesmo exército converteu as suas operações nos mesmos contrários desígnios, favorecendo o Sr. D. Pedro e hostilizando o Sr. D. Miguel...”. Acrescenta o sectário de Carlos V outros argumentos a favor da legitimidade dos seus princípios e da coerência com que os exercita em país estranho. “Fomos pois soldado miguelista oito dias, sem receber um real nem recompensa, sem se nos confiar emprego nem posto, sem se nos tomar filiação nem juramento: voluntária e generosamente quisemos servir aquela causa; decorosa e publicamente deixamos o seu serviço”.

Saiu para o Norte D. Garcia. Parte dos realistas bracarenses aceitaram-no como enviado de D. Miguel, e alguns mais pataus, em Guimarães, onde ele primeiro estivera, beijaram-lhe a mão na hipótese de que fosse o rei disfarçado. Contava D. Santiago esse caso cômico e verosímil na Guimarães de há quarenta anos, onde a Idade Média, foragida do restante da Europa, exalava, numa caquexia senil, os derradeiros suspiros nos braços da colegiada e dos fidalgos do Cano.

Mostrou o espanhol desejo de encontrar-se com o padre Casimiro, ainda oculto a esse tempo. Uma família legitimista proporcionou em sua casa o encontro, de noite, O padre, como o visse muito rapaz e imberbe, não pôde acreditar que se desse a tão juvenil figura a melindrosa missão de dirigir com mão armada a conquista da legitimidade.

Figurou-se-lhe Santiago ter pouco mais de vinte anos. Calculara erradamente. Pinho Leal, que o tratou então, conjecturava melhor:

Eu lhe digo - quando nós chegamos a Braga, no fim de Novembro de 1846, estava ali à frente de uma guerrilha miguelista o tal D. Santiago Garcia y

Mendoza, que se apresentou ao Macdonell dizendo que era general carlista da convenção de Vergara. Era um rapaz bem parecido, asseado, parecia galego, e falava menos mal o português. Teria 30 a 35 anos de idade, e era muito estimado dos realistas bracarenses.

Pinho Leal refere nesta carta de 22 de Outubro de 1882 as atoardas que circulavam muito injuriosas para Santiago. Não as reproduzo, porque o arguido já não pode defender-se; e eu, que muito quisera honrar-me na defesa da sua memória, não tenho elementos. Dizem-me que tão destramente rebatera as pontoadas da calúnia, que saiu invulnerado na honra; mas não me indicam o periódico em que repelira os aleives alusivos à sua vida política em Espanha.

Garcia, depois de um diálogo preparatório, elogiou o padre chamando-lhe Cabrera de Portugal. Passados dias, reuniram-se noutra casa, e combinaram ir no dia seguinte a Vieira ajuntar o povo para atacar o batalhão dos Sirzinos que guarnecia Braga.

Pelo escuro de uma noite tempestuosa, montaram a cavalo quatro conspiradores, e partiram. Além dos dois generais, ia o hospedeiro José Custódio dos Pelames, promovido ajudante-de-ordens de D. Santiago, e o José Maria, da Rua Nova, aquele lacrimável José Maria, falecido há três anos, sempre no baluarte da imprensa católica, sacrificando dinheiro e trabalho insano a uma esperança que, na hora do traspasse, lhe seria ainda uma saudade pungitiva. Quem não dará prantos aos mártires sinceros de todas as convicções? Meu pobre morto, eu te envio este vale compassivo em paga dos insultos que os teus jornais me liberalizaram, e a tua consciência e algibeira de católico pagaram à razão de - três linhas, 5 réis - e era caro, meu bigodeado defunto, era caro, palavra de honra!

E os quatro conspiradores, ao romper da manhã, ouviram missa no Geraz, e foram reunir-se, em Frades, às guerrilhas do padre Manuel da Agra e do padre João do Cano.

No dia seguinte, convergiram às Chãs as três hostes clericais. Aí apareceu D. Santiago fardado de general, José Custódio de capitão de Cavalaria, um estado-maior de sujeitos em éguas com espadões e botas à Frederica, a música de Calvos a bufar o Rei Chegou, as legiões formadas, uma vista de respeito, diz o cronista. O general espanhol fez alocução às massas, a incutir-lhes coragem no ataque aos Sirzinos. Um efeito doido!

Marcharam sobre Braga durante a noite. De madrugada, Santiago parou, a meia légua distante da cidade, e mandou avançar dois padres, o do Cano e o das Agras, e que atacassem o quartel dos Sirzinos. Mais tarde, destacou padre Casimiro com vinte homens a proteger a retirada das duas forças que perigavam em luta muito desigual.

Padre Casimiro queixa-se injustamente de Santiago que o fizera passar de Cabrera português a cabo de esquadra; apoda-o por isso de general criançola; e parece querer demonstrar estrategicamente, e à vista da grande mortandade dos populares, que o Santiago, em arte da guerra, estava muito aquém do Príncipe Negro, de Turenne e de Napoleão I. O despeitado Cabrera entendeu ao arrepio a conta lisonjeira em que o general o tinha, dando-lhe vinte homens que, sob tal capitão, valiam duzentos; mas o capitão que não caia em nada, como disse o épico, desabona grandemente a perícia do general.

A falar verdade, o leitor, combinando as manobras alvitradas pelo "Defensor" no gabinete, depois da derrota, reconhece que D. Santiago não tinha a bravura do santo apóstolo do seu nome, tão façanhoso em batalhas de Castela. Dir-se-ia que Braga se lhe figurara uma Barataria de fácil conquista como o pacato Pança queria obter os seus domínios. Tudo que nos vem extraordinário de Espanha tem lá o seu tipo enquistado na história. D. Garcia, quanto à guerra, era dos Sanchos.

Como quer que fosse, as cortes com os respectivos clérigos fugiram, costa acima do Bom Jesus. Garcia, uma vez, sofreou a égua espavorida, sobre espravonada, que pela andadura bem parecia raça das antigas éguas lusitanas que, segundo Varrão, Columela e Plínio, concebiam dos zéfiros. E, aprumando-se no selote, com a espada nua, exclamou:

Padre Casimiro, abalo! E o padre, bradando: "Deus é conosco!" com pouca corrupção o "Deus o quer!" dos Cruzados, foi abalo, e meteu os Sirzinos na cidade. Depois, por falta de pólvora, retirou com a coluna para o santuário do Senhor do Monte, onde o general arengou de novo para lhes dizer que se arranjassem como pudessem a respeito de quartéis, e voltassem no dia seguinte quando o sino tangesse a rebate. De resto, pouca eloquência, muita fome, muito frio e muito medo. Naquele tempo, para se obter um quartel razoável no Bom Jesus, era preciso desalojar os judeus de pau.

À meia-noite, aconselhados por padre Casimiro, fugiram, receando ser apanhados de manhã. Com a natureza do Protector, como temos visto, não se dava o "quem me dera morrer" de S. Paulo, cupio dissolvi. Aqueles bravos padres e leigos rebentavam, de força, como diz de um português a comédia espanhola.

Como a noite era tenebrosíssima, padre Casimiro caiu de chofre em uma poça onde tomou, conta ele com resignação faceta, um banho geral a todo o corpo, remédio tônico e refrigerante que podia curar de pronto qualquer irritação hemorroidal a mais assanhada e renitente... Ensaios de hidroterapia que valiam bem uma vitória, e depois lhe aproveitariam nas suas escandecências posteriores e ulteriores.

E o certo é que, se não fogem, éramos mortos pelos Sirzinos, confessa o "Protector das 5 chagas", aliás muito infelizes com tal proteção, pelo que se vê e verá.

Padre Casimiro foi para Vieira organizar batalhões; os outros padres debandaram; e Santiago, logo que os Sirzinos evacuaram a cidade fugindo a Macdonell que se aproximava de Guimarães, entrou em Braga, e começou a organizar o batalhão do Pópulo.

Macdonell, quando D. Garcia y Mendoza se lhe apresentou fardado de general, não gostou do indivíduo e intimou-o a largar o comando que se arrogara indisciplinarmente. A razão deste desagrado é clara. O escocês removia, como perigosos, todos os influentes miguelistas de boa fé que o colocassem na posição de defender-se de um ataque em forma. Não sei porquê (escreve-me Pinho Leal), embirrou com ele; nunca o quis empregar em coisa nenhuma, e até deu ordem para que fosse preso, mas o quartel-mestre-general Vitorino José da Silva Tavares avisou o galego a tempo e ele fugiu para Guimarães.

E já agora acompanharemos o guerrilheiro exautorado D. Santiago Garcia, na sua peregrinação variamente afortunada, no transcurso de trinta e oito anos até 1884, em que ele morreu funcionário e honesto cidadão português.

***

Era um rapaz galante este espanhol. Inculcava homem de corte, feito nas salas, sem os excessos mesureiros dos adventícios que estudaram a urbanidade em compêndios escolares. Possuía o francês com perfeição. Conhecia o latim; e, de fundamento, a literatura do seu país. Falava a nossa língua com a nitidez possível a um espanhol; e, poucos anos depois, escreveu limpamente um livro em português, que poderia ser clássico para bastantes literatos indígenas. Mas a sua invejável superioridade era em uma cadeira defronte de um sofá, onde se recostasse uma senhora, quer velha digna de respeito, quer nova benemérita de lirismo. Fazia-se estimar na seleção das coisas sérias com que entretinha a educadora de filhos, e nas frivolidades amaviosas com que chegava ao coração das solteiras pelo encanto dos ouvidos.

Nutrido em excesso, hercúleo nas espáduas, pulsos penugentos, pescoço taurino, proeminência abdominal, isto não implicava à flexuosidade grácil dos meneios cortesanescos. De casaca azul, gravata e luva branca, chapéu de pasta, com os cabelos frisados e as guias do espesso bigode negro cofiadas, tinha, encostado aos pianos, umas atitudes estatuárias que para não serem irrisórias careciam da sua grande e genial naturalidade.

Ao retirar de Braga, hospedara-se em Guimarães, na casa do visconde da Azenha.

D. Emília Correia, irmã do visconde e da condessa de Basto, era uma dama primorosa, na florescência das graças, deslumbrante de garbo e elegância que dispensava os realces da formosura. Passava dos trinta anos; mas não seria o seu condão magnético mais penetrante aos dezoito. Contava-se que esta fidalga tinha injetado hipodermicamente no peito do Sr. D. Miguel I, quando ele em 1832 veio ao Norte visitar e galvanizar o seu exército alquebrado, uma paixão em que entrava muito da alma imaterial e bastante da outra, a outra do conde Xavier de Maistre - bem sabem, a besta. Segundo os hábitos naturalistas daquele infante, é de presumir que o músculo deaço da sua compleição de toureiro prevalecesse às transcendências etéreas.

D. Santiago Garcia y Mendoza amou esta dominadora mulher, e foi amado com a violência arbitrária, decisiva de um caráter forte, emancipado de preconceitos nobiliárquicos. E ele, à maneira dos fidalgos primaciais das Espanhas, não se considerou desairado matrimoniando-se com a amante de um rei. As amásias dos Sanchos e Afonsos, as Pais Ribeiras e Fornelos, todas haviam casado com ricos-homens de pendão e caldeira.

O patrimônio de D. Emília Correia, pouco importante na proporção da jerarquia, era em Ponte de Lima e arrabaldes, prédios rústicos e urbanos. A fim de se aproximarem dos seus haveres, estabeleceram os noivos a sua residência em Viana, emMarço de 1848.

Neste ano, organizava-se o Partido Realista pela criação de uma sociedade secreta chamada Ordem ou Sociedade de S. Miguel da Ala, cujo grão-mestrado exercia o Sr. D. Miguel de Bragança. A casa capitular, o cérebro pensante funcionava em Lisboa, no Largo do Intendente, e daí, por uma grande circunferência, irradiava-se pelas províncias em dezenas de conventículos, onde estava inscrita e juramentada a máxima parte da clerezia com a numerosa falange da nobreza hereditária das aldeias. Havia centros legitimistas provinciais com as suas locotenências. Refervia pois clandestino um enorme vulcão de entusiasmo que nem sequer fumegava.

D. Santiago Garcia, em Viana, cooperara na instauração da sociedade secreta, em harmonia com o conde de Almada Ventura Reimão Malheiro, com o comendador de Malta Antônio Taveira e outros que derivavam o seu sangue discrasiado de Guadalete e das tiufadias dos reis godos Fávila e Teodofredo.

Estas manobras, conquanto secretíssimas, não vingaram passar despercebidas ao faro da autoridade superior do distrito.

Era então Governador Civil Tomás de Aquino Martins da Cruz, um pedreiro-livre muito calejado em dissimulações maçônicas, e já em 1823 notabilíssimo em Coimbra na loja dos Jardineiros ou dos Chícaras, juntamente com o Bacorinho, alcunha que então deram a Almeida Garrett. Foi nesta loja dos Chícaras que o

padre José Duarte Beltrão descobrira horrorizado uma atmosfera; e por isso, em nome da religião, pedira a D. João VI que degradasse aqueles pedreiros-livres para as Sibérias. Contava aquela majestosa besta pelo menos duas Sibérias à ordem de D. João VI.

O ministro do Reino provavelmente foi informado pelo Governador Civil da atitude revolucionária de Santiago. O conspirador espanhol tinha-se arvorado general em Braga, dois anos antes: cumpria expulsá-lo do Reino - a máxima deferência que o ministro podia prestar ao cunhado, visconde de Azenha, vulto importante nas lutas eleitorais.

Em 29 de Outubro (1848), o administrador Manuel José Gavinho, muito célebre naqueles dias, com ordem de Tomás de Aquino, prendeu D. Santiago Garcia y Mendoza em sua casa, conduziu-o à cadeia, e no dia seguinte, com uma escolta de Infantaria 3, remeteu-o ao castelo da Foz onde entrou no dia 1 de Novembro. D. Emília Correia, posto que não fosse presa, acompanhou o marido. Com a opinião de uns jornais, dizia-se que D. Garcia fora preso como conspirador miguelista; ao parecer de outros fora o Governo espanhol que requisitara a prisão e desterro do carlista a fim de o afastar da fronteira da Espanha. Esta hipótese, conquanto pareça descabida em relação ao personagem, tem visos de ser a verdadeira, como dos documentos se depreende. O Periódico dos Pobres do dia 9 dizia que continuava a prisão do Sr. Garcia, súbdito espanhol, esperando embarcação para sair do Reino. Louva o procedimento da esposa que o acompanha incessantemente, e o das famílias distintas que a têm ido visitar ao castelo, bem como o proceder do governador, barão de Grimancelos e sua família que se desvelavam em prestar ao preso todas as comodidades.

Assim que entrou no castelo da Foz, o preso obteve dos principais cavalheiros de Viana o seguinte atestado: Os abaixo-assinados atestam que D. Santiago Garcia de Mendoza, casado com a Ex.ma D. Emília Correia Leite, filha do Ex.mo Brigadeiro Martinho Correia, Visconde da Azenha da vila de Guimarães, veio com sua família estabelecer a sua residência nesta cidade em princípio de Março do ano corrente, e nela se tem conservado, mostrando bom comportamento moral e político, não infringindo a lei, nem faltando ao respeito ao Governo, nem à obediência às autoridades. Via na, 7 de Novembro de 1848.

Entre os signatários está Tomás de Aquino Martins da Cruz, o Governador Civil que o fizera capturar oito dias antes.

D. Emília Correia requereu e obteve um atestado idêntico da Câmara Municipal: que não constava à Câmara que D. Garcia tivesse faltado ao respeito devido ao governo de S. M. a Rainha nem às autoridades constituídas. Isto induz a crer que a prisão do carlista nada tinha que ver com a política portuguesa; sendo, porém, assim, que valor podiam ter esses dois atestados? A meu ver, o embaixador

espanhol, requisitando a captura do guerrilheiro carlista, era instigado a isso pelo governo restaurado dos Cabrais que temia o general miguelista no centro do Minho, e não o perseguia diretamente em atenção à parentela de D. Emília Correia e à tal qual obrigação em que estava aos Realistas, inconscientes promotores da intervenção das nações coligadas em manutenir a dinastia.

Desconfiando, porém, que esses documentos nada importassem à pronta saída do cárcere, no fim de trinta dias de prisão, a 29 de Novembro, D. Santiago fugiu do castelo.

O Nacional considera menos cavalheira a fuga, visto que o governador lhe dera a fortaleza por homenagem. Presume erradamente a mesma folha que D. Emília Correia ficasse na prisão. O Defensor de 31 de Novembro noticiava a captura de D. Emília Correia em Leça. O Nacional reprova a iniquíssima prisão. Alega ser direito natural esforçar-se um preso para ver-se em liberdade, dado que, neste caso, as leis do cavalheirismo fossem postergadas. Aconselha as autoridades a que apressem as averiguações, se têm que as fazer, interrogando a senhora presa; porque o retê-la em custódia é menos constitucional e muito despótico.

No dia imediato, o Nacional publicou um Comunicado que repele o labéu cuspido à honra e cavalheirismo de D. Santiago Garcia de Mendoza, detido em custódia, e intimado a sair do Reino, como se tivesse algum compromisso de honra com o governador, e por força do qual não devesse evadir-se da prisão. Aí se declara positivamente que D. Garcia nunca viu nem falou com o governador, ausente durante a sua prisão; que do governo do castelo estava incumbido um comandante em segundo. Todos os que têm conhecimento do Sr. D. Garcia, conclui o articulista, farão a justiça de acreditar que, como cavalheiro, não era capaz de faltar à sua palavra de honra, se porventura a houvesse dado.

Era esta a verdade que ninguém contestou. A fuga de Santiago não causou susto ao Governo, nem surpresa ao governador do castelo, nem moveu a polícia na pista do fugitivo. Podia crer-se que lhe abriram a porta do cárcere. O conde de Tomar era grato aos miguelistas que haviam rasgado a brecha à intervenção.

D. Emília foi juntar-se ao esposo em Guimarães, jornadeando menos acelerada que ele, depois de repousar em Leça da fadiga noturna ao longo do litoral por sobre areia empapada de chuva. D. Santiago homiziou-se alguns meses em Guimarães, protegido por seu poderoso cunhado, o visconde de Azenha. D. Emília Correia foi a Lisboa solicitar do duque de Saldanha, presidente do Ministério, o perdão e a liberdade do marido. Só a espada do marechal poderia dar um corte cerce no processo cujas delongas seriam enormes, submetido aos trâmites ordinários do livramento. O duque recebeu gentilmente a súplica da formosa dama que lhe pedia passaporte para seu marido. Fez mais do que lhe rogava. Moveu o conde de Colombi, ministro de Espanha, a desistir da perseguição, se é que em verdade o Governo do reino vizinho se receava da

vizinhança de um revolucionário tão subalterno e desconhecido entre os facionários de D. Carlos. O certo é que D. Garcia obteve a liberdade sob condição de a gozar em Setúbal, afastando-se do Minho e da fronteira. Volvidos meses, apaziguada a guerra em Espanha, o marechal obteve que o seu protegido regressasse à sua casa de Ponte de Lima. O próprio embaixador o participou a Santiago: Teniendo en consideracion el pedido del Sr. Duque de Saldanha no hay reparo en que V. resida en la provincial del Miño siempre que no dé V. por su conducta politica, legitimo motivo de queja a esta legacion dela Reina Nª Sª En mi concepto, deveria V. acoger-se ala anistia, prestando el debido juramento de fidelidad a S. M. y à la Constitucion del Estado, y aprovechar-se de los beneficios concedidos por S. M. la Reina, siendo V. util à su pais, y mejorando su posicion. Dios guarde a V. m.s a.s . Lisboa, 20 de Junho de 1849. El Conde de Colombi.

Quando, passados onze anos, D. Santiago foi arguido aleivosamente de haver apostatado da legitimidade e denunciado à vingança de Espanha e entregado ao carrasco um seu antigo correligionário em troca da liberdade, D. Emília Correia Leite escreveu ao duque de Saldanha uma carta, estampada no referido opúsculo, rebatendo essa acusação.

No transcurso de vinte e três anos passados em Ponte de Lima, Santiago regrou o seu comportamento pela pauta da restrita probidade, com umas ligeiras verduras outoniças de coração, longe da vigilância da esposa. Um cavalheiro da sua vizinhança e convivência, naquela terra, enaltece o caráter do esposo que se submetia à privação de regalias pessoais para que a esposa fidalga as não experimentasse: "...Com relação à vida particular dele posso dar conta a V. pelas impressões que me deixou de vinte anos a esta parte. O seu proceder não desmereceu do lugar de cavalheiro que ocupava na sociedade. E, se as privações a que teve de sujeitar-se, antes de ser nomeado cônsul de Marselha, lhe abateram o orgulho, nunca puderam influenciar no ânimo dele, a ponto de deixar de facultar a D. Emília Correia os meios necessários para se apresentar em público e em casa à altura do seu nascimento, distinguindo-se sempre entre as outras senhoras já pela sua toilette, já pelas suas maneiras distintas".

***

Em 1886 veio D. Santiago Garcia a São Miguel de Seide ler-me alguns capítulos de um manuscrito que nesse mesmo ano publicou, intitulado A água, compilação dos principais elementos de geologia para o descobrimento dos mananciais aquáticos, por D. Santiago Garcia de Mendoza. Porto, 1886. Desejava ele ardentemente ser sócio correspondente da Academia Real das Ciências. Escrevi ao meu querido mestre e amigo Antônio Feliciano de Castilho, enviando-lhe alguns exemplares do livro para serem apresentados na Academia com a proposta. Foi Garcia de Mendoza votado por unanimidade, e desse feliz

êxito lhe adveio um júbilo extraordinário que eu não podia perceber, por me faltar, penso eu, o plexo sensorial acadêmico.

Nesse tempo escrevia ele um periódico chamado o Lethes em que avultavam artigos dignos de mais larga e inteligente esfera de leitores; porque lá em cima, no Alto Minho, tudo aquilo era uma gente esquecida da letra redonda, ainda antes de passar o Lethes... pelos olhos.

Residia Santiago temporadas em Lisboa, quando andava requerendo um consulado. Por carta patente de 2 de Julho de 1873 foi nomeado enfim cônsul português em Marselha aquele "general" espanhol que há pouco ouvimos perorar às multidões miguelistas em São Gens de Calvos. Entre as duas posições sociais antagonistas deve ter derivado um termo de provações interpostas que o tornaram digno daquela comissão valiosa. Foi o que sucedeu, e continuou a verificar-se no decurso de onze anos que ele briosamente exerceu as suas funções. Em 2 de Agosto de 1884, era nomeado cônsul-geral na mesma cidade; e, um mês depois, sucumbia a uma hepatite crônica, já quando a cólera devastadora começava a decrescer. Oito dias antes da sua morte, me escrevia Santiago queixando-se de que eu lhe não enviasse o Vinho do Porto, um opúsculo com aquele rótulo, por lhe ser muito necessário semelhante tônico para convalescer da prostração em que o abateram as desgraças daquela terra. "Entendi (dizia ele) que eu não devia ser uma das cem mil pessoas que daqui têm fugido, sem exceção dos representantes das nações, que foram os primeiros a dar o exemplo".

O enterro de Garcia foi feito a expensas do governo. Não havia espólio que chegasse para o transporte do cadáver ao cemitério. Não podia ser. D. Garcia tinha as jóias da esposa, tinha dinheiro pouco antes recebido dos seus rendimentos em Portugal.

Foi roubado. Assevera-o o seu procurador em Ponte de Lima, um cavalheiro que lhe administrava os bens. Ele mesmo previra o roubo. Em 16 de Agosto escrevia ao seu procurador: Logo que vi como as coisas corriam, fechei tudo, e fiz o testamento, porque, vendo-me só, tinha a certeza de que, se fosse atacado, seria roubado, como muitas casas têm sido, particularmente dos que fugiram.

E ele fugia para não voltar: podiam roubá-lo impunemente.

D. Garcia literalmente não era pobre. Tinha solvido as dívidas importantes contraídas nos tempos difíceis, antes do despacho. Pago o restante dos pequenos débitos, a sua casa de Ponte, mobilada com fausto, onde expirou D. Emília, e os seus prédios rústicos em Santiago da Gemieira e São Bento valem o excedente de oito contos de réis, que uns sobrinhos reclamaram.

A última vez que o vi foi em 1878 quando ele veio a Portugal assistir aos paroxismos de D. Emília Correia, que entrevecera e quase cegara nos seus últimos dois anos de vida. Aqueles olhos que a si mesmo se queimaram pela intensidade da sua luz... cegos! Aquelas curvas esbeltas paralisadas! Seco e atrofiado o último seio onde um rei desastrado amparara a fronte já sem coroa! Os últimos lábios portugueses que lhe balbuciaram entre dois beijos uma palavra de esperança, a murmurarem agora os atos contritos, e a colarem-se nos pés chagados de um Cristo!

***

Macdonell, entrando em Braga, repreendeu padre Casimiro por sair a campo sem ordem sua. Desculpou-se o "Protector" alegando que supusera D. Santiago o general diretor da restauração. O escocês, satisfeito com a desculpa, nomeou-o comandante-geral do batalhão ou batalhões de Vieira". Quis o padre organizar em Braga, com estudantes e artistas, uma brigada. Macdonell não consentiu. Bem que Pinho Leal nos haja dito que o presbítero capitaneava 2000 homens, padre Casimiro, segundo assevera, apenas dispunha de uma guarda de 60 rapazes decididos.

Quando o Casal se avizinhou de Braga, o valente de Vieira preparou-se para ir à sua terra buscar os batalhões; mas Macdonell mandou-o para o quartel, que descansasse e esperasse as suas ordens; e por volta da uma hora da noite mandou-lhe dizer que fosse.

A calúnia contemporânea assacou ao padre a aleivosia de que ele fugira, e não recebera tal ordem. Fundavam-se os detraidores em que o general havia rejeitado as massas que se lhe apresentaram; que não era verosímil mandar o padre arregimentar dali quatro léguas, à última hora, batalhões indisciplinados para resistirem a uma brigada de 1600 homens comandados por um general destemido como o Abreu.

O que a mim, e em honra do padre, se me afigura muito natural é que o anjo da guarda do levita, com o pseudônimo de Macdonell, o fosse enganar ao quartel, à uma hora da noite, para o salvar da carnificina do dia seguinte.

Quando padre Casimiro voltava com o seu povo, a distância de duas léguas de Braga, encontrou a notícia da derrota levada pelos que fugiam, e que o Macdonell ia fugindo também à desfilada, caminho de Guimarães. Sem embargo do desastre, o "Protector" ainda gizou o heróico plano de desarmar a divisão do Casal. Marchávamos com a maior coragem contando ficar com o armamento daquela brigada; o que decerto aconteceria se o povo de todas as terras referidas saísse a dar fogo. Felizmente para o Casal, que marchava sobre Valença, começou a chover. Foi o que lhe valeu, visto que padre Casimiro não

fez à chuva o que Josué fez ao Sol. Depois, como lhe faltasse dinheiro, foi a Guimarães pedi-lo ao Dr. Cândido, lugar-tenente de D. Miguel.

O Or. Cândido de Figueiredo ia no quartel-general do Macdonell. Tive o dissabor de conhecer em Amarante, onde o escocês se demorou vinte e três dias, numa bebedeira permanente depois da derrota de Braga, aquele lugar-tenenete. Vi-o de casaca de briche coçada, com uma gola em rosca muito oleosa, e nas lapelas um alto-relevo de pingas de caldos gordos e matizes de um ouro fosco de simonte. Cobria tudo isto com um capote azul de três cabeções. Calçava sapato de fivela e polainas de saragoça abotoadas até aos quadris. Trazia chapéu embicado de castor sem penacho com umas badanas móveis que fechavam para cima como a concha de um mexilhão enorme. Cavalgava, quando entrou em Vila Real, um garrano já jubilado, que parava numas cismas quando o doutor lhe batia com ambas as pernas a um tempo na barriga insensível. O cavaleiro, da cinta para cima, estava túrgido, orgasmático, numa tesura tetânica. Era o emblema personificado do partido este lugar-tenente que passeava com um sério desassombro de idiota a sua desgraça carnavalesca pelas províncias, representando D. Miguel I. Ele tinha dinheiros, ainda assim, porque deu 96$000 ao padre Casimiro.

Nunca pude saber como ele conseguiu safar-se ao último baque das guerrilhas de Macdonell. Sei que morreu placidamente em terras de Basto presidindo a uma Junta miguelista.

É natural que abandonasse o Macdonell quando o Vinhais e o Lapa se aproximavam de Vila Real. Horrendíssima noite, de neve e escuridão, aquela da fuga que Pinho Leal nos contou com o seu sorriso, e Manuel Negrão nos vai contar como quem brinca a recordar-se saudosamente de um lance terrível da sua mocidade.

***

Manuel Nicolau Osório Pereira Negrão, filho do desembargador Pereira Negrão e neto do célebre e erudito chanceler-mor do Reino, Manuel Nicolau Esteves Negrão, co-fundador da Arcádia Olisiponense, retirou há vinte e cinco anos do Porto para a sua casa solar de Mosteiró, na margem direita do Douro. Entre os rapazes mais prezados, mais cavalheiramente briosos em que o Porto primava neste tempo, Manuel Negrão era modelo dos mais seletos. Acercando-se de raros amigos, eu fui um dos mais honrados com a sua estima e confiança desde 1847. Separados pelas distâncias das léguas e dos anos, quando raramente nos encontramos, sentimos remoçarem-se por momentos aqueles dois rapazes nada românticos, em pleno romantismo, que endureciam o corpo em passeios a cavalo de dezoito léguas, até Coimbra; e ele, se lhe pruíam saudades, metia de esporas e ia ali abaixo até Lisboa, visitar sua avó, Sra. Viscondessa de Magé, ou os seus primos, os Teixeiras, da Pampulha. Eram assim os duros Marialvas antes

do sibaritismo da mala-posta e da estúpida celeridade da via férrea. E, nos intervalos dessa ginástica restaurante, amolentávamos a alma, recitando com muita ternura as poesias lacrimáveis dos menestréis nossos contemporâneos, quase todos da Rua das Flores. As vezes apeávamos dos nossos fouveiros à porta das tabernas de onde vaporavam chanfanas prediletas, e digeríamos com as estrofes da Lira poética as coladas rescendentes de colorau. Eu vim daí, de cólica em cólica intestinal, até esta ruína gástrica que sou hoje.

Manuel Negrão está forte, muito surdo como em rapaz, donoso cavaleiro como sempre, e sobretudo rejuvenescido pelas delícias da família que lhe foram, toda a vida, as supremas.

Ele ainda não tinha dezesseis anos quando cingiu uma espada, e se alistou sob a bandeira treda do general escocês. Levaram-no para ali as tradições, o apelido heráldico, a raça? Não: ele nunca me disse os nomes de seus avós, nem se julgava obrigado a dar o sangue por uns preconceitos muito alheios da sua índole. Manuel Negrão seguira o estandarte dos Realistas para experimentar a impressão dos perigos extraordinários.

Se Macdonell morresse como um bravo no campo da batalha, o meu querido amigo teria morrido ao seu lado.

***

Aqui está, referida por Manuel Negrão, a cena final da tragicomédia que Costa Cabral fez representar para poder manter-se mais dois anos nos conselhos da Coroa:

“Pela noite, já tarde, dois homens indígenas, julgo que irmãos, que constituíam o nosso corpo de guias, belíssimos tipos serranos, duros de corpo e de crenças, chegaram, no desfechado furta-passo dos seus garranos, a trazer-nos aviso de que o Vinhais, reunido ao Lapa, marchava sobre Vila Real. Retiramos. Entramos em Vila Pouca de Aguiar com uma fome única, a fome dos guerrilheiros acossados. Não poderei dizer-te o que os mais fizeram.

Entrei numa casa que tinha a tabuleta - Hospedaria; e, arrumando o cavalo, pedi o que havia. Um caldo, a penosa e o paio, cujo era... O caldo com grandes sopas foi engolido numa beatitude de frade que tu estás bem longe de compreender... Nisto, havia na rua um reboliço do inferno, porque o inimigo, que nos seguia, dava sobre nós, transpondo a cumeada da serra. Tocou a marchar. Entrei nas fileiras com a penosa em punho, sobraçando o meu pão com o paio dentro. Estes viveres foram providenciais ao meu bom Pinho Leal e Ferreira Rangel, cujos patrões não tiveram tempo de os socorrer, e se achavam em estado de jejum cenobítico. Aí por Sabroso, deparou-se-nos uma casa nobre bastante espaçosa onde nos acolhemos, os do quartel-general. Eu instalei-me na cozinha,

sobre a preguiceira, onde uma santa velha, com a minha cabeça no regaço, me cobriu de desvelos e de arestas da sua rocada. Quando, repousado e enxuto, soube que o general velava, fui fazer-lhe companhia. Encontrei-o sentado a uma mesa junto de um caco grande de rescaldo. Lá fora a camada de neve era altíssima. Ele era um velho rijo e belo de sua pessoa, de estatura elevada, grosso sem ser gordo nem pesado. Cabelos brancos, um pouco calvo, cara rapada, com umas pequenas suíças alvas de neve a destacarem-se do apresuntado da face. Era um daqueles belos tipos à Wellington. Eu, Antônio de Castro (Covo) e Ferreira Rangel conversávamos. O General percorria a sala e de espaço a espaço fazia libações na garrafa de ardose que estava sobre a mesa. Na antemanhã mandou reunir.

Quando tudo a postos, ele, já a cavalo, entregou o comando das aguerridas hostes ao brigadeiro Vitorino Tavares, e falou destarte: “As forças vão marchar sobre a ponte do Cavez que será para logo entrincheirada. Eu vou em pessoa efetuar um reconhecimento com que vou salvar a causa de el-rei”.

E voltando ao estado-maior: “Quem quiser que me siga”, e deu de esporas ao seu bonito cavalo castanho-doirado que tu tantas vezes viste, mais tarde, arrastando a carruagem de um tal barão de S. Lourenço, sem perceberes o valor histórico da besta.

Quando eu, na candura dos meus 16 anos incompletos, o vi sozinho a caminhar para o inimigo, senti um ímpeto que de dois trancos me punha ao seu lado esquerdo. Ele, encarando-me sorridente, disse:

No tiene usted miedo? - A nadie, general! Alguns disseram-me depois que por minha causa o seguiam: se bem me lembro, foram Antônio de Castro, José de Abreu, Aguiar Carneiro, um dos dois irmãos Ferrazes e Ferreira Rangel, o escrivão-fidalgo, que o filho como porta-bandeira tinha marchado no seu lugar. Este escrivão-fidalgo era a unha da carne do Macdonell, e, a meu ver, foi um fanático de uma grande boa fé, comido pelo outro em corpo e alma. Tinha mulher, três filhos e quatro filhas. Tinha fortuna e tudo sacrificara a D. Miguel e ainda ao próprio Macdonell. Naquela hora estava ele arruinado e desesperado já.

Aqui nos tens em marcha.

O Sol brilhava esplêndido por sobre a enormidade da neve que enchia os barrancos e corgos das serras, e apresentava uma superfície lisa: parecia estar de lá fazendo-nos troça. O homem caminhava a passo curto. A coisa demorava-se. Os mais prudentes foram alegando várias causas que os impossibilitavam de seguir a marcha; o general foi-os despedindo com boa sombra. Antônio de Castro, Aguiar e Ferrazes retrocederam. Instado pelos camaradas, perguntei ao general se queria que fosse à descoberta, ao que ele anuiu. Devíamos de estar

perto de Vila Pouca. Na minha frente havia um monte por onde descia uma estrada pela qual vinham a passo alguns cavalarias cujas armas e guarnições brilhavam ao sol. Convencido que fosse a guarda avançada do inimigo, voltei a dizer o que observara. O general disse: Esso no puede ser! Afastei-me para lhe dar passagem e tratei de convencer os camaradas a que retirassem. O Ferreira Rangel disse-me que estava montado, e que, demais, era o seu destino aquele... Um pouco adiante demos logo de cara com as tropas. O general soltou um só God damn!

Meteu o cavalo à direita por um como portal de uma tapada; eu e Rangel metemos após ele. Chegado a certo sitio, apeou, deitou fora o chapéu de bicos, e pôs na cabeça um pequeno boné de lista vermelha, desafivelou a espada embrulhando-a no talim e quedou-se.

O Ferreira Rangel apeara também de uma pequenina garrana que montara desde Braga onde tivera o cavalo morto; mas vi-o desembainhar a espada, e tomar aperrada uma enorme pistola que usava a tiracolo. Vi-lhe no belo rosto a decisão de vender a vida cara. Os inimigos entraram pela quebrada da parede. Cheguei-me ao Macdonell com o seu cavalo e disse-lhe: “General, não quer montar?!” - Si. E, já a cavalo: Pero, me quiedo... Vate por ali. Adios, muchacho! E o Ferreira: “Adeus! um abraço ao meu João...”.

Achei-me livre como a brisa das serranias, que me fustigava com uns cristaizinhos mordentes arrancados da neve.

Voltando-me, vi que estávamos cercados; mas eu tinha debaixo das pernas aquele meu incomparável cavalo, o rabicha. Por entre dois tropas, larguei direito à parede que ele transpôs de um salto; os cães apontaram-me dois tiros; mas aquela parede era-lhes uma barreira insuperável. Quando já na encosta do monte, volvi atrás os olhos, não pude ver mais que um grupo num ponto, e alguns cavalos dispersos.

Considerando-os mortos, e tendo-lhes lançado de lá o meu *sit vobis terra levis*, tratei da vida que o cavalo perdia bastante sangue de um ferimento de bala que tinha na tábua do pescoço...

Mais tarde um soldado de Cavalaria 7, que se achava no conflito, me contou que, quando o comandante do piquete se aproximou do Macdonell, ele lhe dissera: “Queira entregar a sua espada ao comandante da força”, e o sargento respondera que o comandante era ele e lhe dera uma cutilada na cabeça; e que o Macdonell com a cara coberta de sangue tirara uma pistola dos coldres e desfechara com ele, valendo-lhe deitar-se a terra rapidamente, pois que o tiro lhe queimara o xabraque; e, neste lance, um camarada o varara pelas costas. E o tal sargento, Carmona, se bem me lembro, ficou arranjadinho, pois lhe tirara bom relógio de ouro, um grosso cordão e muito dinheiro em peças. E que o

outro (Ferreira Rangel), se defendia como um danado encostado a umas pedras; mas esse não escorrera nada.

Aí perto de Famalicão, Airão ou Ronfe, poderás encontrar, se não for já morto, o meu camarada Carneiro, que já apontei, um latagão de barbas enormes que pretende dever-me a vida. Se o topares, vê se ele subscreve o que deixo dito, que também por lá se achou, e creio que te fica à mão." Janeiro de 1885.

***

Entra agora no teatro da guerra o general Caneta. Os fastos deste Caneta prendem sincronicamente com a cronologia das minhas finanças de há 39 anos. Não só a saudade dessas finanças que também a filosofia da história obrigam a minha pena a mover-se vagarosamente, com uma poética volúpia, na factura desta meia dúzia de páginas em que, num ou noutro período, aparece o meu antigo coração em vitrina de museu como uma peça de anatomia mumificada.

Os jornais de 46 discordam quanto ao nome deste general. O Periódico dos Pobres, uma vez chama-lhe Antônio Joaquim de Sousa, outra vez João Caneta, e até chega a confundi-lo com João Cometa a quem já dediquei neste livro uma nota assaz tocante. Uma embrulhada católica que ficará impenetrável aos especialistas históricos desta qualidade de generais, se eu não desenvencilhar semelhante meada. O verdadeiro nome do Caneta era José Maria de Sousa.

Este homem fora um negociante falido, de Braga. Prestara serviços na revolução popular fornecendo viveres e salitre às massas por conta dos setembristas. Depois, quando o ministério cabralista baqueou, fornecia aos miguelistas por conta dos patuleias enganados, e espalhava proclamações incendiárias contra os liberais. E, como era um pouco idiota, deixou-se prender pela autoridade de Braga que o fez encarcerar na Relação do Porto em 24 de Setembro de 46.

Quando ali entrei preso, em 11 de Outubro, foi o Caneta o primeiro homem que no salão dos quartos de malta me fez os seus cumprimentos. Eu tinha sido preso a requerimento da minha família, quando ia para Coimbra continuar, no Pátio as minhas explorações científicas, bebendo nos mananciais latino e retórico do padre Cardoso e do padre Simões - Deus lhes fale na alma em latim ciceroniano. Os meus inimigos em letras, dois anos depois, farejavam delitos execrandos na causa misteriosa daquela prisão de sete dias. E eu que, amordaçado pelo pudor, não podia esclarecer a opinião pública do botequim Guichard e da Águia e das Hortas, mandei pedir à pessoa, que requerera a minha captura, houvesse por bem explicá-la. Pode ser que o divulgar-se agora, na velhice extrema, este lance de uma juventude já esquecida, venha a ser estorvo à inauguração da minha estátua, uma coisa que eu havia de ter por força, sobre um pedestal de adjetivos plangentes com altos-relevos de advérbios, nos oito dias imediatos ao do meu traspasse. Lamento muito e por antecipação esse dissabor que me há

de consternar na minha individualidade cósmica de cernelha de boi, de cauda de cometa ou de couve lombarda; mas já agora não posso esquivar-me a ser um pouco Santo Agostinho.

O benfeitor que me tinha feito prender respondeu assim, nos jornais de 1849, à minha solicitação:

Sr. Redator:

Insto pelo favor de transcrever no seu jornal as seguintes linhas:

Quem fez prender na Relação dessa cidade Camilo Castelo Branco, fui eu que sou tio. A causa por que eu o prendi não é essa que os seus detratores lhe fulminam. E um "rapto", não é um "roubo". Para obstar a uma ligação que o faria desgraçado busquei um pretexto; se é dele que se aproveitam os seus inimigos, declaro que é falso, e autorizo meu sobrinho a tirar a desforra legal de qualquer ultraje que se lhe faça com alusão à sua captura.

Vila Real, 27 de Fevereiro de 1849.

João Pinto da Cunha.

Este bom homem, para me salvar de um enlace indiscreto, ordenava ao seu agente no Porto que me fizesse prender como raptor de uma mulher sem pai nem mãe e de maioridade que me acompanhava espontaneamente para Coimbra; e, a não ser este delito eficaz para a prisão, "requerida por meu tio" como se eu fosse o raptado, então autorizava o agente a queixar-se de que eu o esbulhara de ricos valores em jóias e baixela, 20 000 cruzados, calculava-se no botequim do Guichard.

Para que os genealogistas provindouros da minha linhagem se não vejam embaraçados com esta vergôntea de Pintos e Cunhas na minha árvore, devo esclarecer que este homem não me era nada - era marido de uma tia minha. Provavelmente, se eu teimasse em matrimoniar-me honradamente com a raptada, seria pronunciado como ladrão de jóias .e baixela, 30 000 cruzados - computava o botequim da A guia.

Honrado e querido tio da minha alma! Uma semana depois que saí do cárcere, era apertado nos braços carinhosos do meu salvador que pagou generosamente o aluguer do macho que me conduziu sem dificuldade, porque eu ia tão leve que não levava um pataco - nem a jóia de um pataco, senhores, e logo saberão porquê.

Que saudades me fazem estas alegres e esplêndidas misérias dos meus vinte anos!

Vejam que nem tenho pejo de contar as misérias nem as saudades, hoje que algumas centenas de contos levantam entre mim e esse passado pelintra uma alta muralha de ouro de lei! Naquele tempo, os rapazes tinham desvarios trágicos até ao ridículo, e entravam muito cedo e depressa na previsão dos escolhos infamados em que haviam de ir a pique, sempre impertérritos e armados como Xerxes do tagante para azorragar as ondas aparceladas... Mas que saudades eu tenho daquelas jóias e baixela - 50 000 cruzados, para cima que não para baixo, conjecturava o botequim das Hortas!

***

Caneta era um sujeito esgalgado, de meia-idade, com suíças de maitre d'hotel, semblante espasmódico, de uma imobilidade cerâmica, ares doentios e um sorriso abstrato de idiota feliz. Trajava sobrecasaca preta clerical até aos tornozelos, e um chapéu alto de seda, e por debaixo um lenço escarlate de Alcobaça apertado na cabeça com as duas pontas sobre a nuca, em riste, tesas como orelhas fitas numa desconfiança de ônagro. Jogava o monte e a esquineta num quarto dos políticos, encarcerados nos dias seguintes à prisão do duque da Terceira. Era bom ponto e tinha muita sorte. As dez moedas que eu levava para Coimbra ganhou-mas ele. Era visitado no salão por um setembrista importante. Alguns presos cabralistas, por causa dessa visita, desconfiaram que ele fosse espião e acautelavam-se. O Barbosa, das Airas, um maneta valente da Vila da Feira, chegou a ameaçá-lo.

O Caneta, quando não jogava, tinha desmaios de tristeza e chorava copiosamente por se ver entre ferros e com uma catarral de maus sintomas. A cadeia enfraquecera-lhe o caráter e abastardara-lhe as convicções. Se a venda da consciência lhe abrisse os ferrolhos do cárcere, ele não duvidaria vender essa quimera incômoda quando é preciso nutri-la na cadeia.

Os setembristas sabiam que ele tinha intimidade com o padre Casimiro, rebelde às ordens da Junta. Empreenderam suborná-lo a entregar o padre, a troco da liberdade e algum dinheiro. Esta negociação estava pendente quando eu sai da Relação, e fechou-se alguns dias depois, sendo ele posto em liberdade. Tão repreensível veniaga não o impediu de praticar comigo, quando sai, um ato bizarro. Sabia Caneta que eu, na véspera, tinha perdido os últimos cruzados novos nas dobradas contra as singelas.

Ganhara-os ele. Ofereceu-me dez pintos emprestados que eu aceitei e recolhi ao coração, ou, sem metáfora, à algibeira cheia de cotão e lágrimas de reconhecimento.

Depois, em 1851, fui a Braga e pedi a D. João de Azevedo que me levasse à casa do Caneta. Encontrei-o com o mesmo casaco, e o mesmo Alcobaça por debaixo do chapéu alto. Estava muito magro, queixando-se do intestinal, e que morria

breve. Dei-lhe a sua moeda que ele julgava perdida, porque nem sequer se lembrava do meu nome para me fazer citar.

Ele aí vai agora no infeliz exercício da sua pérfida missão; e eu confirmarei as suspeitas do Sr. Padre Casimiro, depois desvanecidas, por um sentimento sublime de caridade com a miséria de um seu correligionário, ou provavelmente para ensaboar essa nódoa do seu partido.

Quando o padre se preparava para dar um assalto a Barroso e fazer presa em um conto de réis e mais trinta moedas com mais alguns miúdos e grande quantidade de pão embargado para os cabrais, apareceu em Vieira José Maria de Sousa, o Caneta, muito alegre e com muito dinheiro. Deu grande ceia aos oficiais, pagou as dividas nas tabernas e distribuiu um pinto por cada praça. Não aprovou a surtida a Barroso, alegando abundância de dinheiro, e arbitrou, como agente de el-rei e comandante das forças, que saíssem a dar novamente os "vivas" a D. Miguel em Guimarães. O padre cedeu-lhe o bastão de general, porque o seu maior empenho era vencer-se a causa. Perto de Guimarães, o general Caneta abeberou as massas em aguardente, a fim de escorraçar da cidade a tropa que lá estivesse. Ora a tropa que lá estava eram 800 praças de infantaria, cavalaria e lanceiros. Veio este aviso de dentro, e padre Casimiro, pouco disciplinado, fugiu com a sua gente; e, se não transpõe a serra do Carvalho, de noite, era agarrado pela tropa que já se movia em Guimarães. Aqui, falhou o plano do traidor. Ao outro dia - nova cilada - foram de súbito atacados pelos Sirzinos: estiveram perdidos. Caneta quis que almoçassem as forças a pequena distância do inimigo. A resistência do padre e a velocidade da fuga salvou-o. Seguiram-se outras emboscadas. Padre Casimiro dá miúda noticia e conclui que eram mais que suficientes para o reputar traidor que queria a todo o custo dar cabo de mim. Porém, não desconfiava porque o homem não tinha cara de traidor; mas à cautela, abandonou-o com o seu batalhão; e o general Caneta, ao ver-se sem gente, e, perdida a esperança de dar boa conta de si à Junta, caiu de umas escadas abaixo com desmaio e ficou sempre muito mal, diz o Sr. Padre Casimiro. Esta síncope e queda pelas escadas revelam talvez o bom fundo do homem, uma dilacerante cólica de consciência. Caiu simplesmente pelas escadas, porque a vítima da sua perfídia não chegara a ser imolada; mas, se o padre caísse atravessado em alguma das armadilhas, Caneta enforcava-se tão certo como Judas se enforcou. O certo é que o malogrado traidor nunca mais teve saúde, e morreu pobremente, seis anos depois, em 1853.

***

Padre Casimiro, investido outra vez no protetorado das chagas, e brigadeiro regiamente promovido, retirou com os batalhões para Vilar da Veiga. À exceção do padre João do Cano, todos os clérigos beligerantes, transigindo com a Junta, o haviam desamparado. O brigadeiro realista, chefe do estado-maior de

Macdonell, Bernardino Tavares, que se bandeara com a patuleia, pedira-lhe em nome da Junta que não desse “vivas” a D. Miguel para não prejudicar a causa pública. O presbítero respondeu que sim, que não daria “vivas”, se lhe dessem fardamento, armas, munições e dinheiro, e com a condição mais de que, vindo o Sr. D. Miguel ou alguém de mandado dele, estava o contrato desfeito. A Junta não compreendeu as vantagens do contrato. Um ovo por um real. Estabelecer em Vieira um pé de exército, fardado e municiado; endinheirar o padre já convertido à religião do capital; e, depois, quando D. Miguel viesse ou mandasse, a Junta, se não aderisse ao padre, teria de combater os batalhões que organizara. A proposta do Sr. Padre Casimiro era de uma tal ingenuidade que chega a torná-lo irresponsável por esse ato de mentalidade inocente.

Ouvidas as condições impostas, a Junta dispensou-o dos seus serviços, ordenou-lhe que se apresentasse às autoridades e mandou-o bater. Reuniram-se os liberais da Póvoa e Vieira e, juntamente com a tropa, puseram-lhe cerco. Fizeram junção os dois padres, e então se feriu o grande combate de Calvos. Tropa, empregados e o povo de três concelhos fugiram vergonhosamente diante de cem homens que tantos eram as forças aliadas dos dois padres perseguidos. O general Protector supõe que foi a Mãe de Deus quem dirigiu a batalha e a vitória: Se não fora a proteção da Virgem, como poderiam pouco mais de 100 voluntários, quase sem pólvora, arrostar com tanta tropa e povo de três concelhos, e levá-los de carreira por caminhos ásperos e íngremes como aqueles das vizinhanças do Gerês... Se não aparecera ali de pronto a Mulher Forte a comandar em pessoa e a animar aquele punhado de valentes, como poderia chegar a pólvora para se conseguir tão gloriosa vitória sobre as hostes de Satanás que contavam acabar conosco?! Parece, pois, que esta batalha foi da natureza transcendente da outra do Batoca, em Cabeceiras de Basto.

O povo assim triunfante caiu sobre Vieira. Os liberais, abandonando as casas, tinham fugido à morte infalível, assevera o padre, que não pôde evitar a destruição de alguns edifícios e muito conseguiu ele salvando a vida de um prisioneiro e fazendo restituir os roubos. Aí proclamou largamente que não podia consentir que em parte alguma se roubasse, ou prejudicasse, ou matasse alguém, nem mesmo acompanhar com ladrões ou assassinos, porque seria olhado depois por toda a gente com horror e teria vergonha de aparecer mais em público, etc.

O capitão da sua hoste abandonou-o. Seria, talvez, um alentado ladrão que descoroçoara ouvindo a última parlenda moralista do brigadeiro. Os Sirzinos atacaram o padre em Vieira, escalaram a casa, e roubaram-lhe tudo, incluindo os livros. Afinal, repelido e perseguido pela Junta, pelos cabralistas e atraiçoado pelos seus correligionários, padre Casimiro desanimou, entregou o comando ao padre João do Cano, e desapareceu de cena em 10 de Março de 1847.

Decorrido um mês, não havia já vestígios de guerrilhas miguelistas. O padre João do Cano, último general, sofreu montarias de lobo, debaixo de fogo por espaço de duas léguas, não levando consigo um só companheiro que pudesse ser testemunha da sua morte. Finalmente, este sacristão, o mais valente homem de quantos então saíram a campo, abandonando o funesto Marte, voltou-se para Cupido próspero, e fez a conquista da fidalga de Borbom que lhe tirou da mão o bacamarte hostil aos liberais, e o hissope exorcista infesto ao Diabo.

PARTE QUARTA

EPISTOLÁRIO, PEDREIROS-LIVRES

Padre Casimiro escondera-se na sua terra algum tempo; depois, receando ser descoberto, passou para Felgueiras, e viveu bastante desassombrado, na companhia de Barros Lima, generoso oficial realista que o hospedou seis anos.

O hospedeiro, bom católico, dizia frequentemente ao hóspede que, na encosta de um outeiro defrontante com Felgueiras, deviam edificar-se oito capelas consagradas às oito irmãs de Santa Quitéria, advogada contra as mordeduras de animais danados. O padre, entusiasmado com a piedosa ideia, começou a caboucar, de noite, com o auxilio dos devotos de ambos os sexos (sem equivoco), os oito ângulos na montanha para as oito capelas. Na abertura de certa estrada, opuseram-se estorvos por parte dos influentes da terra. Os proprietários do terreno queriam ceder apenas vinte palmos de largura, e os devotos precisavam de trinta e seis. Expõe difusamente estes casos o Sr. Padre Casimiro. Aí reluz a indefessa energia de uma alma acerada pela idolatria, através de nove páginas, nas quais há um período sintético que nos dispensa de forragear nos outros. Já sabem que os proprietários cediam vinte palmos; e os devotos das irmãs de Santa Quitéria queriam trinta e seis, e não os conseguiram com discursos pios. Aqui vai ver-se quanto uma ideia piedosa é produtiva de expedientes; e será o padre quem nos há de edificar com a noticia da sua traça: Force/aram também (os proprietários) quanto puderam para fazer que tanto a estrada como a rua ficassem com a largura de 20 palmos, e também o não conseguiram; mas para isso foi preciso enganá-los no ato da medição, tirando a medida de 36 e mostrando-lhes na fita o número 20. Esta engenhosa mentira tem tanto de honestidade quanto os proprietários tinham de entendimento. Mas foi piedosamente bem pregada a burla.

Havia também o pensamento de construir meia-laranja com um chafariz e por cima do lago um Santo Antônio a pregar aos peixes, com o fim talvez de envergonhar os proprietários menos atenciosos à palavra de Deus que os sáfios. É certo que não vingou esta pia sátira como vingara a pia fraude dos 36 por 20.

Barros Lima prometia, quando o Sr. D. Miguel viesse, obter que Sua Majestade aceitasse ser juiz perpétuo da Confraria de Santa Quitéria e bem assim promover a entrada da maior parte dos oficiais legitimistas, cedendo cada um seu dia de soldo a favor das obras. Que dispendiosa laracha para os oficiais irmãos da Confraria de Santa Quitéria!

Ergueram-se, porém, tamanhos embaraços que os devotos das nove irmãs desistiram, abandonando as obras que permanecem como principiaram porque,

diz amargamente profundo o Sr. Padre Casimiro - o progresso desta gente é o do caranguejo. Com efeito, se as capelas não se fizeram, uma nação que assim anda às arrecuas é uma caranguejola de caranguejos.

***

Além do impedimento canônico - o uso de armas em guerra civil - que o inibia de dizer missa, padre Casimiro estava pronunciado em Vieira como amaltado com ladrões.

Era uma calúnia. Ladrões não faltariam nas joldas do ex-Protector das 5 chagas; mas o padre mais uma vez dissertara excelente moral contra os bandidos.

Esteve, pois, dez anos sem poder exercer o sacerdócio na parte mais gananciosa - a missa, a confissão, os mortuórios, etc. Hostilizavam-no implacavelmente, na relação arquiepiscopal, os padres liberais de Braga, mas afinal, com a proteção de outros padres legitimistas e especialmente do general Francisco Xavier Ferreira, pôde obter licença para sacrificar, e a despronúncia dos aleivosos delitos. Há uma coisa rara e grande neste livro: é o vulto venerando do general Ferreira, protegendo e salvando o caudilho das guerrilhas que lhe enviara do Bom Jesus as vacas e algumas balas sobre os seus soldados. Aquele homem de aspecto duro e antipático escrevia ao padre homiziado, oferecendo-lhe o agasalho da sua casa no Porto, onde seria tratado como filho. Porque não perdoa padre Casimiro a todos os liberais, por amor daquele santíssimo homem?!

Começaram a chegar-lhe do Brasil boas encomendas de missas, umas de 480 réis, outras de cinco tostões, e até de dez tostões disse algumas que nunca cessaram, no decurso de vinte e tantos anos. Esta forte exportação de missas brasileiras inculca ser lá muito diminuto o concurso ao gênero. Eu tenho cismado como é que a alma que se despediu do corpo no outro hemisfério, em Jequitinhonha, por exemplo, é sufragada por antípodas no concelho de Felgueiras, a milhares de léguas de distância! Deve ser engenhosamente complicadíssimo, no Ministério da Justiça Divina, o organismo da repartição geográfica das almas em purga, com os seus respectivos nomes e apelidos para se não darem equívocos importantes - podendo acontecer que uma missa de dez tostões, moeda forte, seja averbada por engano a uma alma que não deixou um níquel para sufrágios!

Com estas missas e outros emolumentos clericais, conseguiu padre Casimiro construir uma casa no sitio mais lindo e saudável do Minho. Denominou-a o jubiloso proprietário a Casa da Alegria, de onde desfruta a vista deliciosíssima pelo menos de sete freguesias, e parte pelo menos de mais cinco: terreno, prossegue o ditoso possuidor, num bucólico enlevo, que compõe um jardim extensíssimo, galante e ameno, como nenhum fidalgo de Portugal goza, sem

com ele gastar um real, por estar repartido por milhares de moradores que o cultivam à sua custa... Tudo isto denota exuberância de facécia e contentamento, que na mesma página é revezado por uns assomos de tristeza com palpites de vir a morrer de fome. Desgraçado dualismo humano!

Depois de atribuir a Nossa Senhora a sua felicidade mundanal - os bens terrenos, para com eles poder conseguir o Céu e defender-se dos contínuos ataques do Diabo e seus emissários - parece que Sua Reverendíssima, fiado nas missas e na proteção divina, deveria recear mais as indigestões que a fome. Queixa-se, porém, dos pedreiros-livres que têm, feito arrefecer a fé; que já não se fazem endoenças em Felgueiras e os enterros de esmola maior são já raríssimos, "consistindo todo o luxo em acompanhamento de seculares com tochas apagadas... e missas gerais de esmola crescida mais raras ainda aparecem". Dai o terror da fome.

Efetivamente as pompas litúrgicas e culturais descem num decrescimento lógico.

São as deslocações da civilização, fases fatalíssimas da peregrinação do gênero humano através das religiões que ele faz e desfaz, assim como o temor fizera os deuses:

Primus in orbe deos fecit timor...

Quando na Itália dominou a ingênua e singelíssima religião de Jesus, os imperadores romanos por mais esforços que envidaram não conseguiram restaurar o culto dos ídolos. A rainha Maria, filha de Henrique VIII, também não pôde repor o culto católico na corrupta magnificência anterior ao rompimento de seu pai com a idolatria romana levada ao politeísmo dos 30 000 deuses convertidos nos 30 000 santos das cristandades. As ruínas de uma casa podem reparar-se; as do culto não se restauram, diz P. L. Courier. A Carta VII deste panfletário incomparável ensina o processo de restabelecer o culto da religião católica esmorecido, não pela luta, mas pela indiferença:

Au lieu de gager les prêtres mettez-les en prison et defendez la messe; demain le peuple será devot.

Noto, porém, que, a pág. 247, recomenda padre Casimiro a devoção diária do responso a Santo Antônio e o rosário de Nossa Senhora. E acrescenta, afirma ele, que, cumprido isto, não faltarão os recursos necessários para viver e todos os negócios correrão certos, porque o Santo se constituirá procurador-geral. Se isto é sério, logo que todas as nações de comum acordo se entreguem às camáldulas e ao responso, todos teremos não só o que precisamos, mas até a próspera resolução dos nossos negócios. E acabou-se o proletariado - o cancro roaz das entranhas do gênero humano. Santo Antônio garante-lhe os recursos

necessários para viver e o bom andamento dos seus negócios? que mais quer o padre? Se com um responso eu arranjo uma diária suficiente e além disso enfio todos os meus negócios direitinhos, isto é melhor que ser conselheiro do Tribunal de Contas - uma pechincha, sem concurso, sem instrução primária e sem o patrocínio do deputado local. Pior seria se os governos liberais se lembrassem de tributar os responsos de Santo Antônio.

Não obstante a sua fé fortalecida pelo contraforte dos bens materiais, diz o Sr. Padre Casimiro: Se Deus nos não acode brevemente, pelo menos nós os padres temos de morrer de fome. Receia que Deus não acuda oportunamente a este péssimo estado de coisas. Também não apela confiadamente para a reforma pelo milagre ordinário, quando a páginas 303 declara que só Deus pode valer ao mundo, mas por um milagre nunca ouvido. Os milagres conhecidos e triviais já não servem para tirar a limpo uma situação que possa garantir aos padres vitualhas copiosas e restaurantes. E acrescenta com uma justiceira sinceridade humorística, muito para cauterizar a consciência cancerada de tabeliães, advogados e médicos: "Por toda a parte se grita que os padres estão caríssimos por aceitar o que se lhes oferece... e ninguém se queixa dos cirurgiões ou médicos, dos advogados e tabeliães que reduzem à miséria os que têm a infelicidade de lhes cair nas unhas. Os cirurgiões em toda a casa onde sentem que rilhar exigem logo uma junta para cada um dizer: - eu conformo-me com o colega, e apenas sou de parecer que misture na receita um bocado de chicória ou ruibarbo - e no fim, em vez de duas, três ou quatro coroas, que levam pelas visitas comuns, exigem uma libra por assistirem a esta brincadeira de conluio, e contra estes ninguém grita, O mesmo que acontece em Portugal, observa-se em todas as nações onde impera o maçonismo, e, por isso, se Deus nos não acode brevemente, pelo menos nós os padres temos de morrer de fome".

Sim: pelo menos os padres. Tabeliães, médicos e advogados parece que hão de rebentar de fartos - castigo único, a meu ver, que a Providência lhes há de infligir.

Não basta, pois, aos padres o responso de Frei Antônio de Bulhões? É mister que os fiéis supram alguma negligência do santo? Sofra o clero reportadamente as mesquinharias dos mações, e lá virá tempo em que os sovinas, os médicos, advogados e tabeliães do público, judicial e notas saltem no Inferno os conhecidos pulos. Bem lho disse inutilmente o pregador Barlette: "Irmãos caríssimos, quereis saber como se vai ao Céu? *Vos quaeritis a me, fratres carissimi, quomodo itur ad paradisum? Hoc dicunt vobis campanoe monasterii.* Os sinos do convento vo-lo estão dizendo: dando, dando, dando". Vê-se que o badalo, na linguagem portuguesa, dá o mesmo som da latina: dando, dando, dando.

***

Vamos entrar no Epistolário.

Afora pessoas menos graduadas, os destinatários das cartas do padre Casimiro são D. Maria II, D. Miguel I, Antônio Ribeiro Saraiva, Silva lavares - Sacra Família, generais Bernardino Coelho e Xavier Ferreira, D. Miguel li, Pio IX, imperador da Alemanha, bispo do Rio de Janeiro, D. Carlos VII, D. Margarida de Borbom, D. Afonso de Borbom e D. Maria das Neves.

Nem Vítor Hugo, o mortal mais epistolar que se conhece, tem escrito a tantos príncipes!

Da carta à rainha já dei as notas essenciais, deixando ainda larga margem para os comentários do leitor estudioso. Quem leu as cartas do padre escocês Knox a Maria Stuart reconhece que a história de Inglaterra não abrira sulcos estéreis no cérebro do padre português.

Seguirei a ordem das missivas importantes.

Ao general Bernardino, que aderira à Junta, pede que o proteja na perseguição que lhe fazem os setembristas armados. Compara a sua terra aos cristãos da primitiva, depois da morte do Salvador; - que os soldados comem todos os salpicões e galinhas, como as trezentas raposas de Sansão, e ameaça a Junta de voltar às armas, se ela não lhe retirar de Vieira os sirzinos, ali enviados de propósito para o desfeitearem.

Seguem-se quatro anos de silêncio. Presume-se que seria esse longo período o mais ativo da perseguição.

Em Setembro de 1851, escreve à Assembleia legitimista de Braga, lembrando-lhe que oferecera o seu sangue em defesa da religião, cinco anos e meio antes. Este ofertório de sangue é uma figura que vai ter copiosa efusão por todas as cartas do reverendo holocausto... a seco. Não consta, porém, que vertesse gota daquele licor importante. Sabe-se quanto ele foi sempre refratário à ideia da sangria, e nunca ninguém o viu no ofertório de sangue sem ter a sua clavina engatilhada para metralhar os sacrificadores na ara expiatória. Bem haja ele. Para isso pedia ao general Ferreira que lhe obtivesse licença de usar armas defensivas. Nessa carta, sente não poder ir pessoalmente à Assembleia legitimista dar o seu voto, porque tem medo que o acabem; mas, se for necessário, não duvida expor a vida.

Em Outubro de 1851 envia à Nação carta de parabéns pelo casamento do Sr. D. Miguel I. Levanta, como convinha, extraordinariamente o estilo. Já o sangue dos inocentes, exclama ele, que foram esvaziados do principio vital pelo punhal da liberdade subiu ao trono do Altíssimo. Em consequência desse repuxo de sangue, o anjo Rafael desceu e inculcou ao anjo Miguel a jovem princesa com quem casa. Feito isto, a sorte dos realistas mudou; vai cair a Carta, isto é, o

código infernal do Nabucodonosor do Brasil, e a princesa vai propagar a descendência quase extinta da régia estirpe. Puxando sempre pelas guitas do estilo, trata de entoar cantares ao Deus de Israel, como judeu de raça - um hino dos dois doutores Santo Agostinho e Santo Ambrósio, contemporâneos, como se sabe, de Jeová. Depois, lembra-lhe se será mais próprio cantar o cântico Trium Puerorum, entoado na fornalha de Babilônia; finalmente, melhor avisado, assenta que se entoe o hino de Moisés, na passagem dos Israelitas pelo mar Vermelho. Não se sabe qual foi a opinião do Bruschy, de João de Lemos e de D. Jorge de Locio a respeito dos três cantares. No arrobo da cantiga, o padre diz à Jerusalém aflita que enxugue as lágrimas, que D. Miguel vem aí na próxima Primavera, o mais tardar, Março. Ele o diz com imagens asiáticas: depois de passar o Inverno e cessarem as chuvas, depois de aparecerem as flores e chegar o tempo da poda, quando na terra se ouvir a terna voz da rola.

Em 29 de Novembro escreve ao Sr. D. Miguel I congratulando-se pelo seu casamento. Recorda-se de ir atrás de Sua Majestade para o Bom Jesus, em Braga, com outros inocentinhos - este gaiato costume de todos os rapazes atrás das pessoas reais.

Declara-lhe que tem razões para supor que foi ele o Principal ministro que, em 1846, Deus escolheu para mostrar aos bárbaros opressores que ele é o mesmo Deus forte que no Campo de Ourique batalhou ao lado do grande Afonso. Diz que naquele ano oferecera o seu sangue; mas, o certo é que se via perigo de lhe aceitarem o ofertório, fugia com o sangue pelos telhados de Braga, e servia-se de ardilosos embustes para evitar o derramamento das suas artérias.

Queixa-se da Nação e do Portugal, gazetas legitimistas, que lhe não dão importância, e promete viver homiziado até el-rei regressar ao seu trono; porém, como D. Miguel não chegasse com o terno gemer das rolas, tratou de arranjar liberdade mediante um general liberal, e construiu, à sombra da liberdade, o seu delicioso Chalé da Alegria. Incute no rei desconfianças quanto à fidelidade de alguns membros da Ordem secreta de S. Miguel da Ala. Acha incrível que a esses traidores se dêem os graus principais da Ordem, e que venham a ser esses os colocados por el-rei nos empregos mais importantes, com desprezo dos mais dedicados e prestantes serviços de Sua Majestade. Diz que os grandes estão degenerados e esquecidos da honrosa estirpe, e foram os mais culpados nas traições que motivaram o exílio do rei. Está na escola intriguista dos seus mestres D. Frei Alexandre Lobo, e Frei Fortunato de S. Boaventura, o do - Punhal dos Carcundas. Padre Casimiro, receoso de ficar sem mitra, vai apunhalando confidencialmente os próprios correligionários.

Esta carta foi por via de Antônio Ribeiro Saraiva, a quem o padre diz que ofereceu o seu sangue em defesa da justa causa, etc. Honra lhe seja feita: nunca diz que verteu; é sempre que ofereceu.

D. Miguel responde-lhe de Langenselbod, mediante o seu secretário Sacra-Família.

Assevera-lhe que os empregos hão de ser dados aos verdadeiros serviços; que os dele padre jamais serão esquecidos; e recomenda-lhe que promova a santificação de todos os portugueses sem exceção. Esta carta de el-rei sacudiu o padre em tamanhas exultações que o adoentaram, privando-o de dormir muitas noites. Diz ele: passaram de oito em que não pude pregar olho, e só depois comecei a conciliar o sono, engolindo por vezes bocados de cânfora. Não seria antes a tênia? Eu também tenho usado cápsulas de cânfora não para acalmar febres de júbilo, mas para aplacar rebeliões de lombrigas.

Nas violentas nevroses de alegria, o espojar-se a gente está mais aprovado que a cânfora. Este sedante anafrodisíaco seria bom que os padres minhotos, inimigos figadais de Malthus, o usassem contra a satiríase - uma epidemia que pode considerar-se a filoxera da vinha do Senhor.

Depois que dormiu, padre Casimiro escreveu ao Sacra-Família períodos de uma envergadura bélica a espirrarem faíscas de entusiasmo e ânsia de batalhas. Não haja receio, Ex.mo Senhor. Quando nas montanhas do Minho retumbar o som terrível da trombeta do Arcanjo, e no relógio da Providência bater a hora fatal em que o nosso Deus mande dar a última e decisiva batalha aos réprobos, que mandaram edificar no Inferno o ímpio sistema da chamada constituição moderna, conhecerá V. Exª os descendentes dos bravos que pelejaram às ordens do grande Afonso, e verá então (se Deus nos não faltar) como em eras remotas foi possível que um punhado de portugueses desbaratasse as inundações dos mouros e castelhanos que secavam as fontes e cobriam os vales.

Era o padre José da Silva lavares um erudito que fundara em França o célebre colégio de Fontenay-aux-Roses. Deviam engasgá-lo froixos de riso, quando lia ao príncipe esta carta em que padre Casimiro estofava parágrafos piegas deste feitio:

Todo o povo se inflamava tanto com a minha presença que em umas partes me recebiam com aclamações debaixo de nuvens de flores; em outras ao som de um hino camponês que se inventou por meu respeito e que correu por toda a província, e em outras com lágrimas de alegria que corriam de todos os olhos. As mulheres de Salamonde elegeram entre si algumas autorizadas a obrigarem os maridos cobardes a ir para o fogo. Que maridos! e que boas companheiras do lar o Sr. Padre Casimiro excitava à rebeldia com os seus elogios! Um bom padre moralizador diria aos maridos que refrigerassem as escandecências políticas das esposas com algumas fricções de estadulho e bálsamo tranquilo de valentes pontapés.

Promete apresentar-se às portas de Lisboa com 100 000 combatentes e colocar no trono D. Miguel. Tenciona levar consigo missionários que preguem a contrição e confessores que absolvam, para assim o povo e mais ele fazerem a penitência que Jonas aconselhou aos Ninivitas. Por essa ocasião declara, talvez para não assustar D. Miguel com as despesas, que em todo o tempo que dirigiu a revolução apenas recebera 30$000 réis com que comprou seis arrobas de pólvora. Lapso de memória. Noutra parte (veja pág. 100) declarou que recebera 72$000 réis, como consta da sua honrada declaração no Periódico dos Pobres. Se vai assim adelgaçando o fio do milagre, pode parti-lo por ser milagre de mais. Nequid nimis. Por fim, manda dizer a Sua Majestade que cá fica promovendo a santificação de todos os portugueses sem exceção. Esta promoção santificante produziu talvez no Minho uma nova fornada de 11 000 virgens de ambos os sexos que passaram pela roda.

***

Escreveu à Nação quando faleceu D. Miguel. Historiando o gênese dos liberais, vai buscar-lhes a raiz à manada de porcos endemoninhados que, por ordem de Jesus, se precipitaram no mar, de onde saíram pouco a pouco, apossando-se dessa raça maldita que hoje atropela as pessoas de bem. A funérea comemoração à morte do príncipe tem estes traços elegíacos: Que os liberais ou mações, segundo o sistema ímpio do liberalismo ou maçonismo, estão possessos dos demônios porque se revoltaram contra Deus, ninguém de boa fé o pode duvidar ou negar. Eu, porém, observando as suas obras e doutrinas, não posso convencer-me que eles estejam possessos de todos e quaisquer demônios indistintamente; mas só de todos os demônios que entravam nos porcos e deles saíram por se terem afeito às obras de porcos e comunicarem o seu gosto aos seus possessos; porque na verdade o seu obrar e discorrer é só próprio de porcos. Fez esta descoberta na demonologia católica.

Atauxiando a história com alegorias bíblicas, diz que o defunto Sr. D. Miguel, pequeno David, saiu em 1824 “de cajado e funda” a combater as varas dos tais cerdos.

Redige poeticamente, ao uso hebraico. O cajado no pulso da polícia da Corte chamava-se cacete, e a funda jogada pelo João Branco era a corda da estrangulação. As moças de Portugal, prossegue o poeta dedilhando o saltério, como as moças de Israel, dançando e cantando em testemunho de alegria ao som de tambores e de sistros por toda a parte o aclamaram vencedor dos filisteus. Esta reinação das raparigas de Israel a dançarem, tirante os tambores e pandeiros, repetiu-se com o padre quando retirava das Sete Fontes.

Perseguido pelo Inferno, D. Miguel David foi para Áustria correr as montanhas de Engadi. É notório como o infante lá por fora frequentou as montanhas, à imitação do foragido penitente David. Em resultado dessa penitência feita nas

montanhas, Deus sentou-o no trono luso (1828); mas como os portugueses eram réus de grandes pecados, Deus permitiu que os Semeis de Sines (1834) apedrejassem David, o qual, passando a torrente do Cédron, caminhou descalço até embrenhar-se nas campinas do deserto. Está muito engenhosa esta parábola, não está?

A propósito dos nossos pecados, encrava na elegia espécies agrícolas correlativas:

Antes de nos empecer a praga dos liberais ou pedreiros-livres, havia todos os anos sem interrupção uma abundância tamanha de vinho, castanhas do ar e de todos os mais frutos, e todos saborosíssimos, que o vinho que sobrava do jantar não se aproveitava para a merenda, nem o da merenda para a ceia: agora aproveita-se o tirado de oito dias e de mais.

Estou a ver o padre com a caneca vazia entre as mãos, a espreitar-lhe o fundo, com o gesto amargurado de Hamlet contemplando no cemitério o crânio de Iorique!

Relata que, em tempos felizes, se vendera em Margaride a pipa de vinho a 1$200 réis, e em 1878 se chegara a vender a catorze moedas. Suprema calamidade para o lavrador vender por 67$200 o vinho que vendia em tempos prósperos por um quartinho! Se há alguém mais infeliz que o vinhateiro são os bêbados.

Esta alta no vinho vem como prova de que, desde 34, Deus amaldiçoou Portugal.

Foi desde então, exclama o padre, que o céu que está por cima de nós se tornou de bronze e a terra que pisamos se tornou de ferro. Foi desde então que nos temos visto na última miséria... com fome, com sede, com desnudez e com falta de tudo. Que diria padre Casimiro, ingrato ao responso de Santo Antônio, se não possuísse a sua Casa da Alegria, edificada com missas caras, e sobranceira a um panorama de sete freguesias e mais parte de cinco! Ele nos contou que poda os seus vinhedos e cultiva os talhões das suas hortaliças, com um sabor patriarcal de geórgica; pois agora nos diz que tendo morrido o Sr. D. Miguel, terá de comer até à morte o pão com lágrimas de amargura e que há muitos anos pendurara como os cativos de Babilônia a sua harpa nos salgueiros, e se assentara a chorar junto aos rios, lembrando-se da sua antiga Sião.

Quanto às lágrimas de amargura, quem bebe o azedo vinho verde de Felgueiras, torna-se refratário aos amargos como Mitridates aos venenos. Acontece, porém, que os padres do Minho em geral preferem ao apresigo das lágrimas comer o seu pão com lombo de porco ou com fritada de chouriço e ovos; e apenas poderão experimentar nas oftalmias a acidez do muco lacrimal. Quanto

a dependurar a harpa nos salgueiros, isso bom foi, porque produziu uma benigna esterilidade nos sonetos de província. Os poetas, sentados à ourela dos rios, quer a pescar à cana, quer a chorar, podem ser idiotas; mas não perpetram o delito de alinhar consoantes com o projeto homicida de quem carrega revólveres de três tiros.

Na cerração da sua angústia, preluz-lhe a esperança em D. Miguel II, ínclito filho do David defunto. Espera que ele seja outro grande Salomão cujo governo fará admirar todos os povos da Europa. Este advento estava profetizado por uma santinha de Itália, Ana Maria Taigi. Ele virá reger a nação mais briosa e mais valente do mundo que já deu leis à Terra. Isto parece um plágio dos brindes de seu vizinho Eusébio Macário.

Concluiu padre Casimiro os seus trenos, contando que os liberais, como soubessem que se iam fazer exéquias solenes em Margaride, começaram a dar um cavacão. São favas contadas. Coisa que ele fizesse ou dissesse, os liberais davam logo um cavacão.

***

Imprimiu o Sr. Padre Casimiro em 1871 um Protesto contra a sacrílega invasão de Roma e a apreciação da liberdade liberal. Este opúsculo, com as suas dedicatórias particulares, enviou o autor a vários príncipes, ao pontífice e a prelados. D. Miguel II é o primeiro contemplado. O segundo é Pio IX.

O folheto profliga rijamente os maçãos. Os epítetos de que usa para adjetivar variadamente os pedreiros-livres - variedade necessária à beleza da composição – têm esta doçura apostólica: larápios, ladrões, ímpios, salteadores, incendiários, assassinos, e salteadores de proporções colossais. Pio IX que havia sido maçon, e com certeza não fora salteador nem ímpio, devia sentir-se da insolência com que o português lhe desfechava calúnias obliquamente. No Jornal do Comércio de Lisboa de 12 de Fevereiro de 1876, e no Grande Dicionário Português, sob a direção de Fernandes Costa, art. Maçonaria, pág. 344, encontra-se o seguinte documento, extraído do Papolo, jornal de Gênova:

“Oriente de Nuremberga, Respeitável Loja “Fidelidade Germanica”, filha da Grande Loja de Baviera, com letras de constituição da Grande Loja Mãe: Os três Globos de Oriente de Berlim. Possuímos nos nossos arquivos, sob nº13715 o seguinte documento, certificado e autenticado em devida forma, escrito em italiano, e munido do grande selo da Grande Loja “Luz Perpétua”, no oriente de Nápoles. Respeitável Loja “Eterna Catena”, oriente de Palermo. Nós, mestres e oficiais dignitários dos três graus maçônicos de S. João: certificamos em nome do grande Arquiteto que dirige tudo, que hoje à meia-noite recebemos nesta loja com todas as formalidades prescritas pelo ritual e com completa obediência às prescrições da ordem, o irmão João Feretti Mastai, natural dos Estados

Pontifícios, o qual, depois de ter prestado juramento em presença de nós todos, afirmou não pertencer a sociedade alguma secreta, além da nossa loja; e pagou os direitos que correspondem ao seu grau. Por consequência, ordenamos a todas as lojas maçônicas do Universo que o reconheçam como verdadeiro e perfeito mação, recebido numa loja regular e perfeita, porque assim julgamos e testemunhamos como pessoas conscienciosas e honestas. E para que este documento seja tido como verdadeiro, nele pomos as nossas assinaturas. Em Palermo, na primeira quinzena do mês de Agosto do ano profano e civil de 1839 - Ne varietur. Giov. Feretti Mastai. – O venerável da Loja, Matheo Chiavo. - O secretário da Loja, Paulo Duplessis. - O grão-mestre na Grande Loja de Nápoles, Sixto Calano. - Eu abaixo assinado certifico que tudo o que fica acima relatado é exato, e que este documento existe nos arquivos sob o número supra-mencionado. Guilherme de Wittelsbach, grão-mestre da Grande Loja da Baviera (Príncipe da Baviera)".

Contestou-se a autenticidade deste documento; mas os pedreiros-livres mantiveram a veridicidade dele, fundados nas formalidades autênticas em que o encontraram; e alegaram que Pio IX, no começo do seu pontificado, procedera harmonicamente com os alvitres da maçonaria.

Parece, pois, que o opúsculo virulento do Sr. Padre Casimiro José Vieira não devia ser extremamente agradável a João Feretti Mastai.

O mesmo aconteceria com o imperador da Alemanha, grão-mestre da Maçonaria no seu Império. Mas onde iria o imperador descortinar na Alemanha um tradutor que lhe fizesse sentir a grandeza épica deste período: Não ouvis, senhor, os sibilos medonhos, que dá na ilha dos antigos pescadores a hedionda serpe, que decidiu reduzir a cinzas todos os monumentos da admiração dos homens, e assassinar todos os monarcas do mundo e todos os proprietários do universo?!! E não vedes como em altas labaredas, por ela excitadas, já ardem as extensas e espessas matas da Argélia?!! Não vedes como a furibunda Internacional, última expressão do liberalismo ou maçonismo, toma vulto de gigante e que antes de pouco vos será impossível abarcá-la?!!

Posto isto, recomenda-lhe que, auxiliado por Bismarque e Moltke, cumpra a tarefa de que Deus o incumbiu de repor nos seus tronos os monarcas legítimos e de preferência Pio IX. Pede-lhe esse favor.

Padre Casimiro sabia perfeitamente que o imperador não era católico; parece, porém, confiar ao seu opúsculo a conversão do herege. Infelizmente, Guilherme, por ignorar a língua portuguesa, está ainda fora do grêmio da verdadeira religião, e os monarcas legítimos continuam dentro da igreja, mas fora dos seus tronos.

***

A carta a Carlos VII tem instruções estratégicas bastante aproveitáveis neste ciclo que vamos atravessando de guerra acelerada, exterminadora, em manobras instantâneas.

Esta carta coincidiu, mais ano menos ano, com o aparecimento do fuzil Mauser na Prússia, com a carabina Chassepot dos Ulanos, com a espingarda de agulha, à L.andsturn; e o revólver Scharp, e a pistola Werder, e a espingarda Ramington e a Springfield e a Enfield-Snider e a metralhadora - tudo métodos de matar abreviados para uso da humanidade civilizada, adicionando-lhes para completo regozijo a peça de Ferris, de Blakley, de Wetworth, de Perosns, de Pavrott, de Freadrel, e o Armstrong, e o canhão-revólver Hotchkiss.

D. Carlos, como sabem, floreava, em terras de Espanha o estandarte do absolutismo com fortuna adversa. Em meio dos seus desalentos, leu, tarde talvez, alguns períodos de uma carta do Sr. Padre Casimiro, datada em 12 de Maio de 1874. Depois de lhe oferecer um caderno de receitas terapêuticas para curar os seus valentes voluntários feridos, acrescenta:

“Proponho ultimamente à consideração de Vossa Majestade a lembrança que ao nosso falecido Rei o Sr. D. Miguel I propôs em um plano de restauração da monarquia legítima o meu vizinho e íntimo amigo Sr. Antônio Joaquim de Barros Lima, que militou como voluntário legitimista e como oficial em toda a guerra de Portugal desde 1828 às ordens do distinto general D. Álvaro, até 1834, assim como em 1846 e 1847, e que está designado para comandante de brigada. E consiste ela em armar de revólver e roçadoira uma ou duas companhias em cada batalhão, para substituírem a cavalaria, e baterem-se com ela, e, principalmente, para nas cargas a ferro frio decidirem as batalhas com mais rapidez e segurança que os botes da baioneta.

E explica:

“A roçadoira é a mesma foice de podar as vides, mas com ponta aguda na direção das costas, do tamanho de meio palmo acima dela, para poder cortar para o lado, e espetar para a frente, encabada em um pau da altura de um homem, como a figura aqui desenhada ao lado. O manejo desta arma é o mesmo do jogo do pau, pegando-se dela com a mão esquerda, e com a direita no meio dele para o lado da foice, ficando o ombro direito em frente com o inimigo. Para saber o manejo dela basta aprender a dar um passo para a frente e para a retaguarda, já por um lado já por outro, dando de cada vez, junta com o passo, uma volta de roçadoira em redor do corpo e por cima da cabeça para se cobrir das pancadas inimigas, como no jogo do pau quando se faz varrimento; e acrescentando em cada passo, quando o ombro direito fica para o inimigo, uma pontoada para a frente ou para ele.

“Um qualquer dos vossos Navarros, armado de roçadoira, e estando bem convencido da firmeza, serventia e efeitos desta arma, pode arrostar com cem republicanos, nas cargas a ferro frio, e até com os cavalarias ou lanceiros, devendo procurá-los sempre pela esquerda ou frente do cavalo, porque por uma e outra parte alcança pouco tanto a espada como a lança, e o rocena pode espetar o cavalo pelo peito, ou cortar-lhe as pernas, ou os queixos, ou as rédeas.”

Afirmar que estes conselhos respiram a mansidão de Jesus parece-me temeridade.

O Sr. Padre Casimiro não pretende inculcar, penso eu, estes expedientes dilacerantes a Carlos VII como linimentos balsâmicos de paz, de caridade, de submissão ao destino impreterível das nações e aos desígnios da Providência. Nesta carta, o coração do padre católico pulsa oprimido pela couraça do velho general das “Sete Fontes”. O temperamento do montanhês de Vieira espirra borbotões de sangue e froixos de bílis.

Arqueja em estos de paixão vingativa o bravo lidador vencido pela fortuna sinistra da guerra e excruciado pela hepatite crônica. Como padre, e irresponsável, porque a natureza restaurou nele o homem biológico, o político, o valente; e a velhice inerme, com toda a sua cacoquimia de raivas senis, expede da garganta do leão prostrado esses rugidos temerosos.

Aí está uma vítima do meio. Esse homem, se o acaso lhe deparasse na juventude a carreira das armas num pais aguerrido, seria a esta hora um marechal-de-campo reformado, laureado de cicatrizes, ou teria uma estátua mostrando à posteridade o seu peito de bronze impávido aos pelouros, às baionetas e talvez às foices roçadoiras.

Posto de parte o ministro de Deus misericordioso, o apóstolo de Jesus que poupou a Malco a segunda orelha -desculpado, enfim, o levita como um artifício que a natureza repulsa quando a paixão desenfreia as convenções sociais, muito há que admirar nesses alvitres da arma, já usada, mas esquecida na arte da guerra. A foice roçadoira, podendo cortar para o lado e espetar para a frente, não se encontra nas panóplias dos Hunos e Ostrogodos. A roçadoira aparece na idade do ferro, juntamente com a partazana; mas o gancho, a ponta aguda na direção das costas, é invenção adicional que poderia exalçar um padre português ao nível do monge dinamarquês, Frei Bertoldo - que inventou a pólvora, usada seis séculos antes - se o conselheiro de Carlos VII não imputasse leal e magnanimamente o invento ao seu amigo brigadeiro Barros Lima, de Felgueiras.

Ao Sr. Padre Casimiro, porém, pertence a lucidez com que leciona o jogo da foice, passo para a frente, passo para a retaguarda, já cortando os queixos ao

cavalo, já as pernas, já espetando-o pelos peitos; e com tamanha vantagem que um só Navarro pode arrostar a ferro frio uma carga de cem republicanos.

Todos nós, os que ainda temos juízo e detestamos a República agradecemos a lembrança da foice de gancho ao Sr. Padre Casimiro, e nos devemos munir cada um com sua para a hora da grande batalha que se espera. Já sei que eu, sozinho, passo atrás, passo à frente, posso dar num cento de republicanos foiçada de criar bicho, depois de lhes espetar o peito ou cortar-lhes os queixos aos cem cavalos, ato que deve preceder o corte dos queixos dos cem cavaleiros correspondentes. Que o Sr. D. Luís I se não arreceie os demagogos sedentos do sangue dos Braganças e da gente séria. Que os cidadãos honestos, possuidores de inscrições e outros fundos, recolham foices de gancho; que se exercitem esgrimindo em família, pegando das foices com a mão esquerda junto à extremidade do cabo e com a direita no meio dele, e passo atrás, passo adiante, trape-zape, e era uma vez a República.

De modo que o intransigente partidário do Sr. D. Miguel II, involuntária e inconsciamente, salva o governo representativo ameaçado, seja por quem for.

Porquanto, se vêem republicanos ignaros no jogo da foice, levam com ela; se vêem os absolutistas, exercitados e armados com a mesma, já nos encontram a nós os ecléticos com um pé para a frente e outro para a retaguarda, prontos a cortar-lhes os queixos dos cavalos e as orelhas dos donos indispensavelmente.

***

Ao mesmo tempo, 12 de Maio de 1874, escrevia à belicosa D. Margarida de Borbom, felicitando-a por haver conquistado a coroa do tempo e mais a coroa da eternidade, afora a que os anjos lhe estão tecendo para lhe engrinaldara régia fronte.

Envia-lhe também um caderno manuscrito de receitas para com elas aliviar os que sofrem, e além de tudo isso a Maçonaria, e a liberdade liberal - o fatal opúsculo.

Igual mimo liberalizou a D. Afonso de Borbom: - coroa de glória tecida pelos anjos, receitas para os feridos - e o opúsculo.

Não foi menos ditosa a Senhora Princesa D. Maria das Neves, filha do mártir de Heubach. Envia-lhe a certeza da esmerada coroa que lhe tecem com o maior afã os anjos todos da pátria celeste, receitas - e opúsculo. Quatro exemplares farmacológico-terapêuticos para a mesma família. A ruína dos boticários de Espanha. O que estes príncipes decerto receberam mais medicatriz para as suas más noites histéricas e nervosamente agitadas foi o folheto.

Precede este folheto uma Prefação explicativa. É um protesto contra o sistema da liberdade liberal ou constituição que Deus permitiu viesse à Terra como flagelo da sua ira para castigo nosso, e que tem arruinado o mundo, afogado em sangue uma porção enormíssima dos filhos de Adão e arrojado aos eternos abismos almas sem conta.

Se a liberal constituição veio à Terra enviada por Deus como açoite da sua cólera contra os pecadores, claro é que os liberais, os algozes, são instrumentos de Deus irresponsáveis; e, se o são, sacrilegamente procede o sacerdote fulminando-lhes censuras, injúrias, excomunhões e ordens de marcha para a geena. Estes sujeitos não são políticos da esquerda nem da direita: são documentos biológicos, fisiologias escravas de transcendências incoercíveis, sem faculdades volitivas. Obedecem a expansões psicológicas como a bala à explosão da pólvora, e têm entre si atrações e repulsões automáticas como as eletricidades - tudo para nosso castigo. Eles é que podem dizer afoitamente quando pintam a manta e fazem aí o diabo: *Deus est in nobis.*

Quando Jeová enviou a Sodoma e Gomorra os gládios de fogo, decerto não houve um padre que insultasse os anjos da destruição. Os liberais são tão inconscientes e irresponsáveis como os anjos incendiários das antigas cidades corrompidas. Improperar, pois, com diatribes os liberais investidos de missão divina, é reincidir no delito da impenitência e irritar a ira do Senhor com reações sacrílegas. O nosso dever de pecadores é submeter as costas ao flagelo com humildade contrita: tanto importa que nos vibrem o tagante os regeneradores, como os progressistas, como os constituintes.

Roguemos, pois, ao Senhor que, satisfeita a sua justiça ou raiva, haja por bem de repor no palácio da Ajuda o Sr. D. Miguel II, e no salão do parlamento um suculento refeitório de monges beneditinos, e no Cais do Sodré e na Praça Nova algumas forcas.

***

Teve duas edições este Protesto. Um jornal de Guimarães respigou, na primeira, em frases de causticidade voltaireana, os desconsertos principais. Padre Casimiro leu as facécias que poderiam fazer chorar um católico menos ilacrimável; e, refutando-as com uma seriedade patológica, disse que a leitura delas lhe despertara algumas barrigadas de riso. Isto alegra-me, na certeza de que vou ter a satisfação de despertar também algumas timpanites de riso na barriga hilariante do festival teólogo.

***

Direi agora sucintamente do opúsculo enviado aos príncipes, e reimpresso nos APONTAMENIOS com recheios de notas. Invetiva os liberais que primitivamente

se chamaram maniqueus, depois pedreiros-livres , e por último revolucionários. Já o Espírito Santo, há dezoito séculos, lhes chamou demônios e outros epítetos descorteses pela boca de S. Paulo. Padre Casimiro faz estendal das injúrias de Saulo – raivosas como as insolências de todos os apóstatas - desfechadas contra os ímpios que hoje dominam pela maçonaria, isto é, os partidários do regime representativo; e tanto lhes quadra a nomenclatura afrontosa do santo, que o presbítero não hesita afirmar ser assim que o Espírito Santo designa os tais ratões liberais. Ora, o Espírito Santo havia-lhes chamado tudo, menos ratões. Noutra página, para os variar de sexo, chama-lhes ratazanas, o padre. E, como S. Paulo os qualifica de desamoráveis, *sine affeccione*, o intérprete do "Vaso de Eleição manda acautelar as mulheres - que fujam deles às léguas porque são os partidários do casamento civil. Se acontece esses homens exercitarem a caridade por amor ao próximo sem consagrarem ao amor divino essa virtude toda humana, o teósofo com uma interrogação penetrante, exclama: que tais são os melros?

É preciso que o esmoler faça a caridade usurariamente, como um Schilock, com a mira posta na ganância do Céu. Se faz o bem por compaixão do miserável, sem esperança de recompensa noutra vida, é melro.

Encontrou ele em uma epístola de S. Judas o profetismo dos liberais que se apartam em conciliábulos, segregante semetipsos. São os pedreiros-livres, os carnívoros à sexta-feira, os que ajoelham com uma só perna na igreja, enfim, umas bestas que não têm de que se queixar do Sr. Padre Casimiro. Ele se defende da injúria arremessada em primeira mão: Não se queixem de nós por lhes chamarmos bestas: queixem-se do Espírito Santo que lho chamou antes de nós e já há dezoito séculos: porque já então os conhecia melhor do que nós agora. E latinizando: *Animales spiritum non habentes*. De que são bestas, vem ao propósito, justificando o epíteto, contar que há poucos anos, andavam os homens amantados de cobrejões de burros, e agora (referindo-se talvez aos xaile-mantas) andam com trastes de mulheres. E acrescenta com um riso de troça sarcástica: Mas que parvos!

Pondera que a pena de morte foi abolida entre nós porque os legisladores se julgavam dignos dela, e, se a lei penal vigorasse, podia tocar-lhes algum dia. Eu já tinha suspeitado isto mesmo a respeito dos Srs. Mendes Leite e bispo D. Antônio Aires.

A estes dois sujeitos necessariamente bacorejou-lhes a forca pelo muito que se afadigaram em derrubá-la. Afirma, porém, o padre que agora só se aplica aos realistas.

É preciso acabar com esta exceção odiosa que já começa a fazer má impressão no público - o enforcarem-se realistas tanto a miúdo. Não quero a pena de

morte para nenhum cidadão português: oxalá que nunca mais ela seja executada sobre a Terra.

Não quero também penas perpétuas, porque até no fundo de uma prisão a nenhum desgraçado deve faltar o bálsamo consolador da esperança. Isto dizia no Parlamento de 1835 o celerado Manuel Passos quando pedia com lágrimas que não se perseguissem os realistas. Dissimulação. Manuel de Passos queria abolida a pena de morte para se desafrontar do palpite da forca; mas os realistas continuam a ser enforcados, como evangelicamente nos assevera o Rev. Padre Casimiro.

Perlustrando as criptas de abomináveis defuntos da história moderna, cita a morte horrenda dos perseguidores da religião. Cavour, Bruni e Marcadanti, mações e inimigos da Igreja, morrem apopleticamente. Quer o Sr. Padre Casimiro ver morrer do mesmo feitio um inexorável perseguidor dos pedreiros-livres? Foi o arcebispo primaz D. José da Costa Torres que mandava queimar-lhes as casas na Madeira e em Braga, por 1809.

Antônio José Maria Campelo, ministro de Estado, falecido em 1851, fez-lhe o seguinte soneto:

És tu Bispo ou Sultão? Tu que apregoas
Cruel perseguição que jamais cansa!
És tu Bispo ou Sultão? Tu que a esperança
Murchas nos peitos que de dor magoas!

Gênio do mal! Aonde quer que voas
Levas o espanto, fartas a vingança;
E sem temer a mão que os raios lança
Evangelho e calúnia a um tempo entoas!

Detém a fúria, O coração te engana,
Se pensas que o trovão que os maus fulmina
Já se apagou na dextra soberana:

Eis a morte... (e que morte o Céu te assina!)
Ai que escapaste da justiça humana,
Para cair nos braços da divina.

Vê? morreu apoplético o perseguidor dos maçãos. Quer ver como pagou, roubado e assassinado, um dos denunciantes do grão-mestre da maçonaria, Gomes Freire de Andrade, enforcado em 1817? Chamava-se João de Sá Pereira Soares, desembargador e intendente-geral da Polícia no Porto. Em 1834 seguiu o exército até à Asseiceira; e, quando fugia com catorze baús repletos de ladroeiras, foi assassinado na fronteira de Espanha. Outro denunciante dos

pedreiros-livres foi Pedro Pinto de Morais Sarmento que morreu varado de balas no cerco do Porto, ao serviço de D. Miguel.

Apenas José de Andrade Corvo de Camões teve a morte do justo com todos os socorros da farmácia e da igreja. De maneira que não é fácil decidir quando a morte é teológica ou patológica.

***

Tinha vaticinado S. Pedro uns "mestres de petas" *magistri mendaves*, para os quais reserva Deus uma horrorosa escuridão de trevas. Estes mestres de petas bem interpretados pela exegese bíblica do Sr. Padre Casimiro são os atuais professores dos liceus que reprovam os estudantes clericais perguntando-lhes curiosidades, só próprias de caixeiros, e que à maior parte dos padres nem são necessárias em toda a sua vida nem lhes servem de nada. A tais mestres do liceu está reservada a horrorosa escuridão das trevas. Não cuidem eles que a sua escuridão há de ser clara, feita de trevas gris perle. Se alguém arguir o Sr. Padre Casimiro de pleonasmo por chamar às trevas escuras, responda-lhe que o seu mestre de língua portuguesa é Luís de Camões, e cite-lhe a Est. XXX do Cant. V:

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus e da cor da "escura treva",
Descendo pelos ásperos outeiros
As peças vêm buscar que estoutro leva.

Quanto ao pleonasmo está justificado; mas o que me intriga é as curiosidades próprias de caixeiros que os mestres dos liceus perguntam aos ordenados. Seriam problemas da pré-história? a interpretação difícil de alguma inscrição egiptológica? Em que ponto do firmamento fulgura a constelação da cabra Amalteia? a estética da escola pré-rafaelita inglesa? a importância do pâncreas na digestão? Se era tudo isso ou parte, o que havia aí importante como propriedade de caixeiros? Não ouso afirmar; porém pendo a crer que as curiosidades próprias do caixeiro e inúteis ao clero seriam as duas operações aritméticas, diminuir e repartir - um luxo de matemática, por via de regra, desnecessário aos vigários.

Assenta o teólogo investigador de raças que os liberais descendem dos judeus, e toda a perversidade lhes vem herdada de semelhantes avoengos. Padre Casimiro, sempre que pode, espumeja de raiva contra os Israelitas. Isto deve ser uma bílis plástica de artista que lhe ficou desde o acampamento no Bom Jesus onde via a toda a hora aqueles judeus obscenos das capelas. Ele crê, talvez, que à exceção de Jesus, judeu circunciso, todos os outros semitas eram feios como aqueles de madeira que figuram na trágica facécia do Senhor do Monte. Neste rancor aos Israelitas, povo dileto de Deus, quão longe está o Sr. Padre Casimiro

do Apóstolo por excelência! Veja a mansidão pacientíssima com que S. Paulo diz aos de Corinto que cinco vezes fora azorragado pelos judeus levando de cada vez quarenta tagantadas menos uma! (Epist. II, cap. Xl, v. 24). Do continuador de Jesus Cristo só lhe serviu a autoridade em profecias patetas.

Queria o grande José Agostinho de Macedo (o liberal furioso de 1820, ou o realista energúmeno de 1824?) que se chamasse aos liberais, por suprema ignomínia, malhados; porém, o Sr. Padre Casimiro, mais adscrito ao Espírito Santo que à cor das mulas de D. Miguel, opina que eles conservem o estigma ignóbil que S. Pedro lhes encarvoou na testa, isto é - liberais, visto que eles prometeram a liberdade, *libertates promittentes.* E corrobora o seu alvitre com o de um grande filósofo português, Dr. Vaz, o qual asseverou que os liberais são piores que o Demônio. Os grandes filósofos portugueses dizem estas coisas e não chegam a ser conhecidos fora da sua freguesia.

Inste condição dos países insignificantes!

Pelos modos, os liberais são discípulos dos maniqueus, que perderam este nome para adotarem o de "pedreiros-livres", monstros afrontosos à natureza, atascados nos esterquilínios de obscenidades que S. Cirilo não ousava exprimir; mas padre Casimiro, menos pudibundo, nos vai contando. Em uma cidade perto de Margaride havia uma casa onde se ajuntavam os pedreiros-livres: e alguém, espreitando pelo buraco da fechadura, vira uma enfiada de camas mais bastas que num hospital. Seria talvez um gineceu de educandas da Deusa Boa. Ai do padre, se lá entrasse, como Públio Cláudio, disfarçado na alva túnica lasciva das sátiras! (Consulte eruditamente Juvenal, sát. VI, Plut. Cic. pro domo sua, Ovid. Ars amandi).

Pessoa de maior crédito lhe contou que em certa casa de outra cidade também perto de Marganide, e em casa de família sua conhecida, em uma reunião dos veneráveis e das veneráveis, à meia-noite, apagavam-se de repente todas as luzes, e... quem pilhou pilhou, quem não pilhou pilhasse, que é a tradução do *promiscui sexus et primi capientis.*

Se essas duas cidades anônimas, vizinhas de Marganide, têm ares de modernas Babilônias, quem sabe se isso que o sujeito espreitou pelo buraco da fechadura era o templo de Milita - símbolo da natureza fecundante - onde as mulheres, à imitação das caldaicas, se reuniam todos os meses desavergonhadamente? - Seriam relíquias étnicas dos fenícios colaboradores da raça mista luso-galega?

Quer fosse em Braga, quer em Guimarães, aí é que eu queria ouvir trovejar pela boca do levita a profecia de Isaías, cap. XIII: Babilônia, a nata do reino, o primor do orgulho caldeu, será como Sodoma e Gomorra, depois que Deus as assolou. Nunca mais terá moradores; nem os árabes armarão aí as suas tendas, nem os pegureiros hão de lá apascentar os porcos. Virão aí abrigar-se as bestas-feras; as

casas serão o valhacoito das fuinhas, ninhos de corujas que esvoaçarão por lá com os filhos. Animais ferozes se corresponderão bramindo, e os dragões arrastar-se-ão por esses castelos desolados. Sim, esta é a sorte que espera Guimarães e Braga, se não se fecharem quanto antes esses estabelecimentos obnóxios que o informador do verídico presbítero espreitou pela fechadura da porta.

Já em Basto há também um pouco de Babilônia. Basto, e especialmente Cabeceiras andou sempre na vanguarda do progresso. Sá de Miranda cantava há trezentos anos:

Eu já vi correr pardaus
Por Cabeceiras de Basto.

Aí se dizem, assevera o Sr. Padre Casimiro por lho referir outro padre, palavras lascivas diante de senhoras, e elas a regalarem-se de as ouvir e a puxá-las. São estes os efeitos das assembleias noturnas em que se ajuntam os diversos sexos que estão em moda nessas reuniões infernais. Por esta redação não percebo o que está em moda – se são os diversos sexos ou as reuniões infernais. Seja o que for, estas junções dos diversos sexos, pelo menos as dos mais conhecidos, são triviais mesmo em outras aldeias pela razão naturalista que dá o filósofo Lefèvre: *L'instinct génésique repproche momentanément les bêtes les plus solitaires;* e em outro lanço da sua filosofia positiva escreve: *Il faut combler les vides.* Bem percebe. Quer dizer que não se admite vácuo na natureza, e acrescenta: *Necessité ineluctable dont n'est pas exempt le plus étheré des methaphysiciens ou des idéalistes.* Mas metafísicos, etéreos e idealistas em Cabeceiras de Basto, a não ser algum romântico Raul, bacharel petrificado, aí por 1850, na contemplação de uma prima que bordava chinelos de tapete e corações de missanga em talagarça preta, não se encontra um por aquelas terras. O certo é que semelhantes junções de sexos não se recomendam como requinte de limpeza honesta; mas, enfim, é o que dá o Carnet mondam da Raposeira e o *The five o'clock tea* da Gandarela e os Routs de Fafe. Vê-se, porém, que é essa uma gente rija, apostada a não sacrificar a sua carne palpável ao espírito intangível. E depois, bem sabe, se acontece não haver espírito - o que é vulgar nas terras sertanejas - faz-se mister que haja equivalentes compensações na região subalterna do átomo, da fibra vibrátil, do glóbulo inflamado.

Enfim, Babilônia - está dito tudo!

Pergunta o Sr. Padre Casimiro: Haverá homem de senso que queira para casamento mulher de semelhante terra sem haver primeiro escrupulosa inquirição sobre a sua vida e costumes? É de crer que não haja. Ninguém aceitará mulher de Basto sem vir documentada com certidão do pároco, do

regedor e talvez da parteira. Cumpre que a noiva prove onde convier que se manteve insexual, na especialidade junções, até casar.

***

Exemplificando o que seja um republicano, personaliza o malvado Garibaldi com a sua enorme matilha de salteadores que tem sempre alimpado tudo por onde tem passado. Em outro trecho chama-lhe - o maior dos asnos. Com referência a governos republicanos, repele o argumento dos Estados Unidos, porque esta República não obedece a influências de lojas. Em bibliografia maçônica, o Sr. Padre Casimiro revela uma ignorância louvável. A opinião pública nos Estados Unidos é elaborada em 38 Grandes Lojas e em 4731 Lojas subalternas. Foi mal escolhido o exemplo de um sistema de governo independente da colaboração política das sociedades secretas. É muito mais sensata a sua critica sobre impostos e empregados públicos. Ele conheceu, há poucos anos, alguns desses empregados, uns filantropos de socos, sem meias, de jaqueta e chapéu velho; e agora andam asseados que nem uns desembargadores, gordos como nabos, vermelhos como pimentos, falando de papo, e com sua senhoria ou excelência, a escolher, porque estamos na época das excelências que não tardarão a dar-se aos cães e aos gatos. Ele conhece em Felgueiras estes gommeux raffinés.

Declara como é que o ouro e a prata do país caíram nas algibeiras desta gente. Os governos, para chamarem a si e aos seus pedreiros-livres o capital, vendem uns papelitos pintados, que se chamam Inscrições; e a maior parte dos tolos, afinal, ficarão sem vintém. É provável que fiquem. Mas padre Casimiro tem grande esperança no imperador da Alemanha, conquanto seja protestante e mação, por saber que ele presenteou Pio IX com uma alcatifa. Persuade-se que Deus se serve dele como instrumento da sua justiça, e lhe envia os seus anjos para o ajudarem. O imperador não é católico; mas é protestante de boa fé e por erro de entendimento; porém, como peca por falta de inteligência, Deus serve-se dele, e rejeita os serviços de soberanos puramente católicos e ilustrados. Ainda assim classifica de milagre estupendo a confiança que Deus deposita no mação protestante. É que palpa o absurdo e recolhe-se ao milagre. Ele diz estar convencido, em 1870, que, terminada a guerra franco-prussiana, o imperador, abjurando os erros, entrará na Igreja católica e depois no Céu. As convicções do Sr. PadreCasimiro orçam quase todas pela prova real da conversão do imperador.

***

Quem houver de definir a Ideia Nova tem de desnocar alguns velhos galhos da árvore de Alembert, enxertar vergônteas novas, e endireitar as antigas fazendo-as convergir, centralizar no positivismo de Littré. Defini-la é desdobrá-la na sua extensão enciclopédica. A definição da Ideia Nova abrangeria, passo a passo, o

itinerário da observação do homem através das ideias velhas no percurso histórico de seis mil anos.

Pois o Sr. Padre Casimiro define em duas palavras a Ideia Nova: - E o progresso do Diabo.

Neste progresso estão incluídos alguns brasileiros, espíritos fortes que levam a sua dose ricamente deste feitio: “Alguns brasileiros enchem a boca por toda a parte com as palavras asnáticas - “nós somos espíritos fortes”. Para estes e para os maçãos e liberais, que são todos a mesma fazenda, virá afinal, horrenda morte e inferno sem fim, enquanto Deus for Deus”. Mas será permitido esperar melhor posição quando Deus não for Deus?

Gambetta é um dos tais que já lá estão. Logo que se carregou de milhões pelo roubo enormíssimo que fez à França, deixou de socorrer os seus irmãos fraternos da fraternidade maçônica. Devia acrescentar que fraternizavam fraternalmente, para lhe sair mais lucidamente a feliz ideia. Conta que Gambetta fora assassinado como Marat por certa mulher. A história de França, quando chega a Margaride, vem assim estropiada. Por essa ocasião, chama-lhe um dos maiores ladrões do mundo. Podia dar a primazia a outros salteadores famigerados de terra e mar, por exemplo Benzel, Chender, Makandal, o padre Inácio, Marco Sciarra, etc. Ao menos seria equidade pô-lo depois de Caco e antes de Cartouche sem ofensa de Diogo Alves.

Mas não haverá hipérbole no conceito nada caritativo que o exemplar sacerdote faz de um homem defunto, um estrangeiro que não cooperou para que as missas no Minho estejam baratas como os cereais? Se ele, o maior ladrão do mundo, roubou milhões à França, como é que os franceses, os roubados, em Dezembro de 84, já tinham contribuído com sessenta e seis contos para a subscrição de um monumento a Gambetta na Praça do Carroucel? O devoto de Santa Quitéria e das 8 manas, se não puder provar o aleive, submete-se à responsabilidade da calúnia, e não deve sacrilegamente ingerir nas suas mucosas intestinais Deus sacramentado sem reconciliar-se dessa difamação. Padre Casimiro sabe que Diabo vem do grego Diablos, derivado de outro vocábulo grego que exprime - caluniador, difamador.

Às vezes vibra o látego das larachas contundentes às costas dos maçãos. Faz uma picaresca descrição, pulverizada de sal aristofânico, das cerimônias maçônicas na admissão do recipiendário. A religião, a moral e o bom-senso vingam-se em três páginas que fariam desarticular de riso os tristes escapados ao antro de Trofônio. Se a maçonaria não fosse um crime invulnerável ao ridículo como o Diabo, cuja filha é, acabaria rebentada pelos valentes pontapés que leva, dados com todos os pés de mestre.

Gostava ele que as cerimônias se fizessem no Campo da Vinha em Braga, para ver os garotos às pedradas aos maçãos quando eles fugissem a dar com os calcanhares no traseiro. Aqui brilha o típico, subtilíssimo humour do americano Mark Twain.

Afirma que também há assembleias de mulheres maçônicas; e que afinal, depois de muitas saúdes, estas beberronas, tornadas odres ambulantes, vão para casa a cambalear e a soletrar o grego primitivo, amparadas pelos seus ajudantes fraternos da loja, que sem o querer as vão arremedando nos movimentos indecisos das pernas e da língua. Padre Casimiro, se viu esta cena, posso asseverar-lhe que o odre ambulava; mas não afirmo que as maçônicas fossem os odres. Há aí uma diagnose de perversão nervosa. O Código Penal modernamente costuma corrigir essas alucinações ópticas com polícia correccional.

Certo padre Bernardo contou a padre Casimiro que os adeptos à maçonaria desfechavam tiros contra a imagem de Cristo. A estes deicidas pertenceram Saldanha que abjurou, Romero Ortiz que em perigo de morte pediu perdão ao papa telegraficamente, Littreé que, em paroxismo, foi batizado pela mulher, cuidando talvez o moribundo que lhe lavavam a cara, e Emílio Girardin que morreu contrito como Voltaire; e, a respeito de Voltaire, renova umas velhas e requentadas invencionices há muito expungidas da sua biografia. Quanto ao meu prezado amigo Romero Ortiz, um poeta, creio que morresse abraçado à cruz do Cristo Santíssimo a quem ele tinha feito o serviço de refugar de Espanha algumas congregações religiosas.

Declara que os liberais ou maçãos tratam de repartir entre si a propriedade geral, fundados na teoria de um taberneiro de Felgueiras o qual alega que, tendo morrido sem testamento Adão e Eva, todos os seus descendentes pobres têm direito à herança. Padre Casimiro, contrariando, escreve que só os legitimistas e católicos têm direito à herança como descendentes daquele patriarca bíblico; e os liberais, como descendentes de animais peludos e rabudos, não têm nada a haver em partilha. E acrescenta que se não descendem do macaco, procedem do Diabo que também tem rabo e cornos. Puro Sterne. Epigramista de uma cana só.

Claro é que Sua Reverência revela não ser estranho às novidades biológicas. Tem compulsado Darwin com mão diurna e noturna. Rejeita a teoria da descendência ou transformismo. Devem sobrar-lhe argumentos para repelir do concelho de Felgueiras as teorias de Haeckel sobre a concepção monista do mundo mecânico. Ele nunca permitirá que o regedor de Margaride se persuada que as espécies orgânicas resultam de transformações provocadas pela ação recíproca da adaptação e da hereditariedade. O seu olho vigilante não cessará de espreitar a propaganda insidiosa dos biólogos e morfólogos evolucionistas de Basto e Guimarães. Enfim, as violentas e precipitadas afirmações de Spencer

têm-lhe preocupado o intelecto; mas não Conseguirão jamais despersuadi-lo de que descende de Adão. Quantos, por isso mesmo, desejarão proceder do gorila? Disse Karl Vogt: “Antes descender de um macaco aperfeiçoado que de um Adão degenerado”.

***

Será profanar a seriedade argumentar sisudamente contra semelhantes descocos relativos a maçonaria?

Direi ao Sr. Padre Casimiro o que são em Portugal as sociedades secretas.

Não nos diz S. SA em mais de uma página do seu livro que foi comendador de S. Miguel da Ala? Pertenceu, pois, à maçonaria, a uma sociedade secreta, e tão clandestina que, sendo fundada em 1848, só os liberais tiveram dela notícias positivas depois da sua extinção em 1859.

A loja principal era em Lisboa, e tinha muitas filiais em larga periferia do reino.

Os estatutos promoviam o desenvolvimento e esplendor do catolicismo e a restauração da legitimidade, por meios suasórios, ou, sendo necessário, com braço armado. Havia três graus fundamentais na Ordem: noviço, professo e dignitário. O noviciado tinha três classes: aspirante, pajem e escudeiro. Nos professos, 1º e 2º grau de cavaleiro; e, nos dignitários, comendador, e dai para cima grão-cruz e grão-mestre que era o Sr. D. Miguel. Todos os membros tinham nome de guerra. Nas províncias, havia associados efetivos e supranumerários. Não é ao padre-comendador que estou contando estas coisas, que ele sabe perfeitamente; é a uns juízes que hão de decidir se o Sr. Padre Casimiro foi ou não foi mação, e mais façanhoso que os liberais porque conspirava contra a dinastia reinante, secretamente, protegido pelas leis liberais. A ordem tinha colégios, capítulos e províncias que se correspondiam por cifra - tal qual como os pedreiros-livres.

Os graus dados aos recipiendários eram sinistramente solenes. Logo lhe contarei como era. É provável que o Sr. Padre Casimiro não subisse gradualmente a escala até comendador, nem passasse pelas cerimônias lúgubres do juramento inicial. O Sr. D. Miguel deu-lhe a comenda num jato de graça, porque Sua Reverência já tinha as inquirições tiradas e direitos adquiridos extraordinariamente.

Agora, para o entreter com alguma coisa nova, contar-lhe-ei uma história.

Conheci no Porto, há muitos anos, um rapaz transmontano que estudava grego para seguir em Coimbra a formatura em Teologia. Era filho de certo morgado, major de Cavalaria que, aos quarenta anos de idade, perecera no assédio do Porto, ao serviço de D. Miguel. O major tinha arruinado e empenhado o vínculo

nas prodigalidades de fidalgo provinciano aparentado na corte, onde se aquartelava o seu regimento.

Sobreviveu-lhe poucos anos a viúva, e deixou o seu único filho entregue a três tios paternos, doutorados em Teologia e Cânones. Um era egresso de Alcobaça; o outro havia sido desembargador da Relação Eclesiástica; o terceiro, explorara uma opulenta abadia que apenas visitara quando se apossou das rendas. Vivera na corte onde confessava as fidalgas primaciais, e vendia muito caras as suas medicinas das consciências canceradas. Todos três muito ricos. O egresso saíra do mosteiro com o seu dote multiplicado em pedras preciosas encravadas em um cálice do reinado de D. João II. O desembargador, quando a legislação geral absorveu a canônica, secando o manancial da Relação arquiepiscopal, já tinha estabelecido a sua posição independente dos cânones. O abade, que seguira D. Miguel até Roma, repatriara-se perdida a esperança na prometida mitra de Lamego.

Como era grande latinista, o desembargador ensinara o sobrinho a traduzir Ovídio e Propércio com elegante frescura. O bernardo doutrinara-o em retórica; e o confessor das fidalgas, suspirando, contava-lhe casos de Lisboa, cenas de Queluz, as grandes forças de D. Miguel e as grandes fraquezas das infantas. Se falava de D. Carlota Joaquina, à parte o respeito devido à realeza, usava sempre do parêntesis - feio diabo!

Estava o sobrinho apto para frequentar grego em Coimbra, onde tinha feito brilhantes exames, quando lhes constou que um padre Antônio, boticário da Calçada, recrutava adeptos para maçãos e já tinha aliciado alguns acadêmicos. Deliberaram confiá-lo à vigilância de um cônego da Sé do Porto, e demorá-lo por ali dois anos a profundar línguas mortas até perfazer idade bastante dura e madura (dizia o retórico aliterando enfaticamente as palavras) para resistir às tentações satânicas da maçonaria.

O cônego hospedou constrangido o provinciano. Ele tinha duas afilhadas filhas de duas comadres que se gabavam de ser mães das filhas do compadre. Uma trapalhada. As raparigas alvoroçaram-se com a presença do forasteiro; e o padrinho desconfiou logo do esmero com que elas ungiam de macáçar os bandós e desquadrilhavam as cinturas abaixo das ancas. O hóspede pela sua parte encarava-as de um modo palerma – a contemplação dos românticos. Eram três peitos inexpertos a fermentarem embriões de amor; porém, o cônego apressou-se em evitar que germinasse a ninhada de ovos daqueles corações virginais. Pretextando a inconveniente distância de Irás da Sé, sua residência, à Academia Politécnica, arranjou-lhe quarto em casa de uma velha fidalga de poucos meios.

Esta fidalga tinha consigo uma pensionista, filha natural de um primo casado. Era muito galante a Diana. Parecia-se muito com a mãe, uma atriz famosa em

1830, com quem o morgado andara fugido por Espanha para não ser preso a ordem do pai. Diana viera de Bilbau, onde nascera, quando tinha dez anos, e a mãe acabara por lá, variando de amantes como de palcos, visto que o pai de sua filha regressando à pátria casara com uma prima ciosa e zelosa que se enroscou nele como uma serpente assanhada. Ele trouxera a pequena e entregara-a à parenta com uma boa mesada.

O aluno de Grego ia de casa do cônego com o coração alvorecido na aurora do amor, quando viu a pensionista. As afilhadas do padre aqueceram-no; mas a espanhola queimou-o. Quando teve de dizer, na presença de Diana, que seus tios queriam fazê-lo clérigo, corou e sentiu as lágrimas soluçarem-lhe na voz; e ela, com uma desgarrada denguice de espanhola, ria-se do irrisório destino que preparavam a um moço tão perfeito. A velha, pelo contrário, elogiava o sacerdócio e animava o hóspede a não desistir do melhor modo de vida que ela conhecia para o corpo e para a alma. Quanto ao corpo, citava os sadios cônegos do cabido portuense; a respeito da alma, não exemplificava cônego algum para não se enganar com hipóteses.

Fez-se a paixão. O provinciano faltava à aula regularmente, fazia versos a Diana e jurava-lhe que nunca seria padre. O Cônego informara-se com o professor de Grego, compreendera o resto e avisara os doutores, asseverando-lhes que o sobrinho havia de ser padre quando ele fosse general. E citava versículos do Eclesiastes contra as mulheres.

***

Quando o conheci, ano e meio depois que se matriculara em Grego, já o provinciano fora duramente apalpado pela desgraça.

Os tios abandonaram-no como incorrigível; a fidalga hospedeira despedira-o como insolúvel; e Diana, a transformadora daquela alma, casara, mais ou menos constrangida, com um irmão bastardo de seu pai, chegado de além-mar com uns 50 contos arredondados no tráfico de escravos.

Três Estrelas (dê-se ao rapaz este pseudônimo sideral, respeitando a seriedade atual da sua velhice) morava com um amigo meu, estudante de Medicina e seu conhecido de Trás-os-Montes. Lecionava latim e lógica em um colégio que lhe dava duas moedas mensais. Como era expansivo, contou-me os seus trabalhos. Falou-se de Diana; e eu, com este meu gênio curioso, convidei-o às mais intimas confidências.

Disse-me que em 18 meses de namoro apenas lhe dera um ósculo. Acreditei. Era assim que se amava em 1845. Os mais atrevidos davam dois ósculos. Chamavam-se românticos esses anjos de pudor que os realistas atuais acusam de apodrecerem famílias e freguesias inteiras.

Remia-se apertadamente com a mensalidade do professorado, e suspirava por um emprego que lhe permitisse vestir-se com decência; porém, se eu o aconselhava a congraçar-se com os tios, preferia arrostar o Inverno com o seu velho casaco de sarja ao sacrifício estúpido de ordenar-se. Tinha perdido a fé - dizia ele. O seu companheiro de casa, Alexandre Tomás de Azevedo, de Vila Flor, falecido há anos, era republicano, mação Rosa-Cruz da Loja dos Passos. Aconselhou-o a filiar-se na maçonaria - que se fizesse politicamente notado, sem o que dificilmente alcançaria empregar-se. O professor estremeceu. Os preconceitos da educação revoltaram-se contra a palavra mação, não obstante o tirocínio de ano e meio em contato com acadêmicos do Porto, onde era raro um peludo, como lá diziam, que aceitasse a existência de Deus fora do exame de metafísica. Ainda assim, o sobrinho dos três furiosos inimigos da maçonaria adotou com relutância o alvitre, depois de informar-se que não se davam tiros de pistola em Jesus Cristo nem se jurava guerra desabrida à religião; porque - dizia ele - foi minha santa mãe que me ensinou a crer em Deus e a invocá-lo nas minhas aflições.

Isto era tocante: mas o Alexandre Tomás dizia-lhe, com um sorriso dissolvente, que pedisse ao supremo Arquiteto o emprego, e, se não fosse atendido, apelasse para o grão-mestre Manuel da Silva Passos.

***

Na extinta Viela da Neta fazia-se naquele tempo grande consumo de política e azougue. Ali morava José da Silva Passos, lugar-tenente do grão-mestre, que ministrava os graus aos adeptos, num velho casarão, repartido em cubículos, com as paredes descaliçadas e os tetos abafadiços e sarapintados de nódoas excrementícias dos mosqueiros que se levantavam em revoadas dos esgotos da viela. Ao lado de uma sala com estantes de livros, gazetas, milhares de folhetos políticos, e litografias dos liberais de 1820 encaixilhadas em pinho pintado e pendentes de pregos ordinários, havia um quarto com uma banca de nogueira, duas cadeiras de palhinha e uma espada de cavalaria a um canto. Foi para este quarto que um criado em mangas de camisa e tamancos conduziu o neófito e mais o seu apresentante Alexandre Tomás. Minutos depois apareceu José Passos, esbaforido, a suar, com o chapéu arriado sobre a nuca e olaço da gravata sobre a espádua esquerda.

Alexandre apresentou o cavalheiro “em que lhe tinha falado”. Passos remirou-o de esconso, a piscar ambos os olhos, e disse esfregando as mãos: “Vamos a isto”.

E, sem descobrir-se para a cerimônia, foi buscar a espada que meteu na mão direita do recipiendário, e desenrolou numa impetuosidade pastosa e ininteligível uma catadupa de vocábulos salivados, acompanhando-os de gestos

afirmativos de cabeça aos quais o provinciano correspondia afirmativamente sem perceber palavra do juramento.

Diz o Sr. Padre Casimiro a pág. 447 dos seus APONTAMENTOS “que as palavras maçônicas são em língua hebraica que era e é a dos judeus”. Provavelmente José Passos falava em hebraico.

- Está pronto! - disse o lugar-tenente, abraçando os dois maçãos, com uns movimentos afetuosos de quem empurra para a porta dois importunos.

Aqui tem o Sr. Padre Casimiro como se faz um pedreiro-livre - um Rosa-Cruz.

Posso asseverar ao mal informado clérigo que este mação não foi circuncidado. Sua Reverência escreve a pág. 449: ... Até praticam entre si a circuncisão, posto que de diferente forma, porque todos eles são marcados em alguma parte oculta do corpo, que escolhem, com o sinete da Ordem, ou selo em brasa, operação que corresponde exatamente à circuncisão dos judeus. Parece-me que o Sr. Padre não forma ideia perfeita e etimológica do que seja circuncisão. A palavra compõe-se de *circum* “em redor”, e *coedere* “cortar”. Se os pedreiros-livres não cortam ou golpeiam algum órgão do seu corpo circularmente, seja qual for a marca de que se sirvam para se assinalarem, é impropriedade chamar-lhes circuncisos; e, se a circuncisão não é a judaica, outro órgão que se ajuste a um corte circular só conheço o nariz, excluído o apêndice étnico, o genuíno. Repare o Sr. Padre Casimiro José Vieira nos narizes dos pedreiros-livres – se não pode nem quer examinar o resto -e observará a ausência completa de narizes cortados em redor, circuncidados. Torno a asseverar-lhe que o neófito saiu na mais completa e inviolada inteireza do seu organismo da Viela da Neta - *et ce n'est pas peu dire.*

***

Dai a meses, agitou-se a insurreição das aldeias do Minho; e, caído o ministério Cabral, o professor solicitou o emprego, atendo-se ao patrocínio de José Passos que lhe figurou a sua pretensão como um negócio feito. Depois, veio a emboscada de 6 de Outubro, e constituiu-se a Junta. Passos fez despachar o transmontano primeiro oficial de um governo civil da província, e o ministro da Guerra promoveu-o a alferes dos “fuzileiros da liberdade”. Como funcionário civil não chegou a tomar posse do lugar, porque o distrito onde devia exercê-lo estava ocupado por forças da rainha.

Quando aos tios doutores chegou a noticia de que o sobrinho cm gira espada ao serviço dos republicanos, no Porto, onde seu pai perecera defendendo o altar e o trono, acordaram entre si exterminá-lo para sempre da sua família; porém, ao saberem por via de um liberal de Vila Flor que o celerado pertencia à Loja maçônica dos Passos, então os três clérigos fizeram disposições testamentárias,

de modo que o sobrinho nunca pudesse herdar um ceitil dos seus haveres. As janelas da casa não se abriram quinze dias. Os três doutores, a impar, convulsos, rubros de cólera, desengonçados em gesticulações e berros contra o sobrinho, pareciam uma trindade antropomorfa de apoplexias. O único desafogo por onde podiam explodir a sua raiva era reduzir o filho de seu irmão à indigência.

Depois da convenção de Gramido, o pedreiro-livre voltou ao professorado de latim e lógica, numa desanimação que lhe tornava odiosa a pedagogia. Alguns pais dos educandos, amigos da ordem e feridos pela Junta na inviolabilidade das suas ações bancárias, retiraram os filhos do colégio onde o patuleia ex-alferes de fuzileiros ia lecionar. O seu ordenado diminuíra. As privações compeliram-no a escrever suplicantemente ao mais tolerante de seus tios, o antigo confessor das açafatas de D. Carlota Joaquina.

Nem recursos nem resposta.

Ao cabo de ano e meio de luta e reação aos impulsos do suicídio, leu um anúncio oferecendo grande ordenado a um professor idôneo em latinidade para lecionar num colégio de Pernambuco. Procurou o anunciante, apresentou-lhe as certidões dos seus exames na Universidade e atestados dos proprietários dos colégios. Foi contratado vantajosamente, e saiu em uma galera que fazia escala por Lisboa, onde iria receber adiantado um semestre para preparar o seu enxoval.

Sem grandes exigências de elegância, vestiu-se num algibebe, achou-se ligeiramente ridículo enfronhado em uma sobrecasaca de cintura curta e ombreiras de refego, e foi passear Lisboa, muito de espaço, porque a embarcação tinha demora de um mês a receber carga. Uma tarde, quando subia o Chiado, reconheceu à porta do Marrare um seu comprovinciano e parente, o morgado Pinto Magalhães.

Contou-lhe a sua vida, a sua pobreza, o ódio inexorável dos tios porque não quisera ordenar-se. O Magalhães sabia tudo. Arguiu-o de se ter metido na maçonaria e cingido uma banda a favor dos liberais que lhe mataram o pai. O morgado, conquanto rapaz, era miguelista estreme, da roda dos velhos fidalgos da corte intransigentes com a liberdade, mesmo na aresta da voragem dos nulos onde iam resvalar, pobres e inúteis, com as suas tradições, com a sua legenda de sete séculos, com os seus brasões na sala de Sintra. Como era rico, não teve que replicar ao trânsfuga da legitimidade quando ele lhe disse: “Teus pais não te obrigaram a ser padre sem vocação, e a tua riqueza permitiu que não te desviasses da linha da dignidade. Não custa ser honrado na tua posição. Ora eu estava pobre e já tinha experimentado a fome quando me ofereci aos liberais que prometiam dar-me de comer e vestir em paga dos meus serviços”.

Prometeu-lhe Pinto Magalhães salvá-lo, congraçá-lo com os tios e com a fortuna, se ele abjurasse a maçonaria, e se filiasse na Ordem de S. Miguel da Ala. E explicou o que era a sociedade clandestina dos legitimistas, instaurada naquele ano. Asseverou-lhe que os três tios eram comendadores da Ordem, e muito considerados pelo grão-mestre, o Sr. D. Miguel I. O latinista "engasgado" respondeu que sim, que tentaria esse meio, ainda sacrificando as suas ideias, se algumas tinha em política; mas que a sua especial posição de professor contratado e já pago do ordenado de seis meses, não lhe consentia evadir-se desonradamente a restituir o que recebera por antecipação. Magalhães pôs à discrição do parente a sua bolsa para rescindir o contrato sem desaire, pretextando qualquer causa ou dando a verdadeira. Concordaram.

Magalhães apresentou seu primo, no escritório da Nação, à primacial aristocracia do partido, um grupo de fidalgos encanecidos entre os quais rutilava uma estrela de máxima grandeza que ainda hoje irradia os esplendores da sua juventude, e todas as facções respeitam como uma glorificação nacional. Era João de Lemos na flor e no perfume da mocidade. Viam-se, à volta de Silva Bruschy, o marquês de Abrantes, um poeta de levantadas inspirações místicas, o conde de Pombeiro, o Bobadela, o de Redondo, Magessi lavares, D. Sancho e D. Cristóvão Manuel de Vilhena, Aires Pinto, Loureiro, o lívio autor do Magriço, Lucas Castelo, um rapaz encantador; e às vezes ouvia-se a risada cristalina de Francisco Palha, que borboleteava pelas mesas dos redatores desavincando as fontes enrugadas pelas zangas da polêmica. Naquele recinto estranhava-se o que quer que fosse. Esses homens velhos, ou envelhecidos pela nostalgia da realeza, segregados da regalias práticas do predomínio e da ostentação, saudosos de um tempo irreparavelmente perdido, eram tristes, taciturnos, recolhidos na intuscepção das suas desmaidas esperanças, ou bastante esclarecidos para nada esperarem.

***

Os fidalgos tinham concorrido ao palácio do Largo do Intendente no dia em que o sobrinho dos três dignitários de S. Miguel da Ala havia de ser iniciado e ajuramentado.

O neófito, conduzido pelo padrinho a um corredor contíguo à sala da redação, prestou-se a que lhe vendassem os olhos, e o levassem pelo braço em direção tortuosa. Quando lhe desataram a venda, achou-se em uma quadra, forrada de crepe, com tochas acesas ante uma ara em que se arvorava uma escultura de Jesus crucificado. Ao topo do recinto fazia relevo na escuridão do pano um vulto trajado de negro, rosto coberto com uma sanefa de seda que caia do capuz do dominó, muito análogo à túnica sinistra dos penitentes em procissão, e dos oficiais do Santo Oficio no tribunal. Além deste, havia sete ou oito dominós perfilados ao lado do crucifixo. O recipiendário respondeu a umas breves perguntas daquele que parecia de mais alta categoria na Ordem, e proferiu o

juramento que lhe foi insinuado, ajoelhando diante da imagem cujas chagas vermelhavam ao reflexo dos círios. Depois, abraçaram-no, um por um, os assistentes, em profundo silêncio; vendaram-no outra vez, e reconduziram-no ao escritório dos jornalistas onde já encontrou, como distraídos em uma palestra, os fidalgos que tinham assistido à iniciação.

Nesse mesmo dia, o cavaleiro de S. Miguel da Ala industriado pelo primo Magalhães, escrevia na cifra da Ordem a um de seus tios participando-lhe que, em véspera de sair para o Brasil a ganhar a sua vida, e no dia em que depurara a sua alma das manchas que a desgraça lhe pusera, se considerava digno de pedir perdão aos tios das ofensas que eles não poderiam perdoar-lhe sem o fato da abjuração da maçonaria em que a proterva necessidade o precipitara. E ao mesmo tempo, o Magalhães escrevia a vários morgados e abades pedindo-lhes que levassem aos doutores a fausta nova de que o sobrinho se reconciliara com Deus, com o rei, e com a sua honra, abjurando solenemente a maçonaria e recebendo dois graus da Ordem.

Para concluir o enfadonho episódio, e abrir os diques à represa da moralidade do conto, falta dizer que os doutores impuseram ao sobrinho, sob obediência, que fosse imediatamente à província. Lavaram-no com lágrimas de júbilo; rasgaram os testamentos; deram-lhe muitas peças de duas caras para ele reembolsar o primo Magalhães dos dinheiros restituídos ao empresário de professores, e nunca mais lhe falaram em sacerdócio. Os velhos morreram; e o sobrinho, herdeiro de todos, ainda vive, viúvo há muito, pai de muitos filhos, com grande riqueza na sua casa-solar; mas, segundo me informaram, muito místico, muito cismático e assustado das penas do Inferno, porque não tem a certeza de estar bem purgado do crime em que claudicou respondendo afirmativamente ao juramento ininteligível, provavelmente hebraico, de José Passos. A solidão, a raça, a inércia intelectual, a depressão que se faz no cérebro quando um homem conversa todos os dias com abades transmontanos, tudo isso concorreu para essa inofensiva idiotia em que o antigo professor resvalou, a ponto de não querer que lhe lembrem a sua mocidade. É o que eu fiz não lhe escrevendo o nome.

Porém, quando medito que a ordem que o resgatou de ir ensinar latim a brasileiros era de S. Miguel, creio que desta vez o santo arrancou deveras uma alma do Inferno, salvando-o de ensinar a Arte do padre Antônio Pereira, o Novo Método, as patranhas do Tito Lívio, e sobretudo defendeu o seu ouvido virgiliano do sotaque incorrigível dos mulatinhos dados à latinidade.

***

Eu desejo convencer o Sr. Padre Casimiro de que não está em uso nas funções maçônicas o idioma hebraico, nem as descargas em Jesus Cristo, nem o juramento de hostilidade à religião católica. Nas lojas maçônicas admitem-se

todas as religiões. A primeira vez que nas Lojas portuguesas se aventou a precisão de reagir contra os ultramontanos foi em 1862 quando as irmãs da caridade francesas foram expulsas de Portugal. O fanatismo do clero, amalgamado com o romantismo místico das salas aristocráticas, ia levando de vencida a indiferença religiosa dos homens preocupados na direção positiva da sociedade, e de todo o ponto surdos ao rumor subterrâneo das manobras do obscurantismo. Eu, a falar verdade, tenho esperança de granjear para a maçonaria o Sr. Padre Casimiro, dando-lhe conhecimento da eloquente alocução de um grão-mestre que foi o mais brilhante orador parlamentar do seu tempo. Vai Sua Reverência deliciar-se na leitura de um discurso de José Estêvão Coelho de Magalhães, quando tomou posse do malhete da confederação maçônica portuguesa:

"Eleito Grão-Mestre da Confederação Maçônica Portuguesa, aceitei este cargo com a consciência dos deveres que ele me impõe e das honras que me confere. As honras não me desvanecem: os deveres não me acobardam.

"A maçonaria sem crença, sem dedicação, sem fraternidade é a desconsideração de um instituto enobrecido por muitos trabalhos e virtudes, e a profanação de um rito que está consagrado por muitos rasgos heróicos e muitas empresas memoráveis. Vale mais fechar os templos, abater as colunas, do que conservar estas exterioridades de um culto a que não correspondem os trabalhos do espírito e as obras do coração. A maçonaria é uma religião que todos escolhem espontaneamente, e em que ninguém pode ser constrangido a persistir. O mação que se conhece inferior às obrigações a que se ligou, ou que descrê da Ordem em que solicitou entrada, pode abandonar as oficinas e romper a cadeia que o liga a seus irmãos. O abandono dos trabalhos maçônicos é um mal, porque debilita e pode extinguir a Ordem; mas a relaxação no cumprimento das obrigações maçônicas, o esquecimento das virtudes essenciais a todo o mação, o interesse pelas formas, e indiferença pelas realidades, desacreditam-na, ridicularizam-na, e também por este meio vêm a extingui-la.

"Caríssimos irmãos, os tempos de perseguição acabaram; mas a missão da maçonaria não acabou. Os inimigos dela são de diversas espécies e guerreiam-na por diferentes formas. As lutas em que têm de assinalar o seu valor são muitas, e em cada época tomam novo caráter.

"A maçonaria não foi criada só para valer em apuros: o seu fim é eterno, o seu trabalho quotidiano. Deve manter o que conquistou e preparar novas conquistas. Estuda o que falta à humanidade e empenha-se em o obter. Para isso é preciso vigilância contínua e ação incessante.

"Na época em que estamos, os inimigos da verdadeira luz não trabalham para imediatamente a abafar e apagar. As suas esperanças não chegam tão longe

como os seus desejos. Durante séculos cansaram o poder dos crimes e dos embustes para ter o mundo em trevas. Mas uma vez rasgada a cerração, nunca mais obtiveram sumir o filete luminoso que avolumou e fulgiu até se tornar farol inextinguível. Presentemente resignam-se a desarranjar-lhe a rotação e a embaciar-lhe os revérberos. Por este modo enleiam as derrotas da humanidade, trazem-na a paragens perigosas, e expõem-na a naufrágios.

Cumpre à maçonaria vigiar as praias da civilização, e ter bem policiados todos os sinais e precauções para evitar aqueles enganos, desassustar a navegação, e tornar a viagem dos homens e da nações neste mundo mais certa, mais livre, mais virtuosa e mais honestamente aprazível.

O que é a reação que invadiu o nosso pais senão um desses trabalhos insidiosos e solapados contra todos os grandes princípios por que a maçonaria tem sempre combatido com tanta coragem e perseverança? Esta forma de combater não é a que eles preferem: adotam-na por necessidade. Se lhes fora possível num momento derrubar a obra da razão e da filosofia, não demoravam esta almejada catástrofe. Mas transigem com as circunstâncias e adotam o arbítrio de temporizar.

“Os inimigos, porém, caríssimos irmãos, são os mesmos. Os gritos de peleja são os que eram bradados em tempos de mais poder. Agora segredam-nos, mas exprimem as mesmas paixões e os mesmos intuitos. Ao som deles, foram ganhas execráveis batalhas contra os foros da humanidade. Agora com as mesmas evocações vão praguejados os seus progressos, e embaraçada a sua marcha no caminho da perfeição.

“A maçonaria deve acordar do seu letargo, levantar a sua bandeira, inspirar-se das suas recordações, tomar o seu posto tradicional. Se assim não fizermos, traímos o juramento que prestamos, injuriamos a memória dos irmãos nossos passados, e usurpamos o título de mação, porque o não é, porque não merece tal nome aquele que é tardo em acudir pela defesa dos princípios da sua Ordem, aquele que se cansa na luta e deixa as armas no campo.

“A maçonaria portuguesa é numerosa. Muitos obreiros de virtude provada e de reconhecido mérito têm desamparado os trabalhos. Cumpre que eles reapareçam nas Lojas porque a sua presença autorizará o trabalho maçônico que muita gente com boa fé julga já desnecessário no nosso século.

“O exemplo dos mações beneméritos e experimentados servirá de estímulo à geração nova que descuida o culto da verdade e da liberdade. Por esta forma a maçonaria tomará incremento e vida, e a abóbada de aço poderá cobrir o país todo.

“A Confederação Maçônica Portuguesa, elegendo-me Grão-Mestre, não quis fazer da maçonaria um corrilho político, nem comprometer os maçãos em empresas contrárias ao verdadeiro espírito da Ordem. Nem esta confederação abriga tão mesquinho pensamento, nem eu era bem escolhido para executor dele.

“Caríssimos irmãos, a maçonaria portuguesa pode prestar grandes serviços à humanidade e ao país, penetrando-se sem reserva do espírito da Ordem, e trilhando com desassombro a senda que a constituição e a história maçônica lhe marca. Una-se pelos laços da verdadeira fraternidade que consiste na paridade da crença, dos desígnios e dos meios. Chame a si os maçãos a quem o mau estado da maçonaria, a pouca fortuna de alguns dos seus trabalhos, e a descrença na sinceridade maçônica possa ter apartado dos quadros. Abra as suas oficinas a neófitos que lhe tragam probidade, fervor, luz natural sobre as verdades morais e sociais, e corações que as sintam e as amem. Nas suas escolhas não confie com facilidade nem desconfie sem motivo. Seja prudente e desprevenida.

“Desta forma, a maçonaria portuguesa terá no seu seio as excelências do país e assim constituída poderá prestar grandes serviços a toda a humanidade.

“Dirigir a maçonaria portuguesa segundo estes princípios; persuadi-la a pôr em prática estes conselhos; prestar-lhe todo o auxílio para qualquer empresa de engrandecimento e glória maçônica, tal é a minha tenção e tal me parece ser o meu dever.

“Caríssimos irmãos, coadjuvai-me todos; que, se todos tivermos deveras a mesma fé, e a mesma resolução, o Grande Arquiteto do Universo não nos há de faltar com o seu auxílio.”

***

Sabe como procedeu José Estêvão com as crianças subtraídas às irmãs da caridade expulsas? Fundou o Asilo de S. João, a expensas da maçonaria, e aí foram recebidas as crianças de todos os estabelecimentos fechados à influência da caridade francesa.

***

Em um artigo de grande fôlego chamado Governo e eleições liberais, verbera padre Casimiro os reis, os ministros e os representantes da Nação. Pelo que toca aos deputados é moderado. Na cortesania da sua língua de prata, diz que eles tratavam infalivelmente de enriquecer a todo o custo com os dinheiros da nação a que possam deitar as unhas. Tendo de exprimir uma verdade notória, podia dispensar-se de ser tão delicado. O serviço do rei que reina e não governa, escreve o sociologista, consiste em escrevinhar de vez em quando o

seu nome ordinariamente pouco legível em alguns papéis e receber anualmente dos cofres públicos por este importantíssimo trabalho uma avultada soma de pecúnia. A respeito da assinatura pouco legível dos reis constitucionais, quer caligráfica quer ortograficamente, padre Casimiro pode citar o exemplo de um querido rei absoluto que, chegado à adolescência, assinava-se Migel, num bastardinho de treslado com finos e grossos tão claros e legíveis que logo se conhecia que as cinco letras diziam Miguel. Já o seu ínclito avô, o Sr. D. Afonso VI, aprendera a fazer o seu nome quando casou. Quanto à pecúnia, calão latino que o presbítero trouxe dos botequins de lepes bracarenses, finge ignorar o publicista que o rei constitucional, exautorado dos antigos e opulentos privilégios patrimoniais, recebe o que a nação lhe arbitra; ao passo que o rei absoluto, esgotados os réditos da casa real, arbitrava o que devia receber, reclamando-o em cortes, enquanto as houve, ou exigindo-o diretamente do erário.

Há quase dois séculos que um sacerdote venerável, o místico oratoriano Manuel Bernardes, aquilatava assim um dos reis absolutos do seu tempo, quer fosse o incestuoso D. Pedro li, quer D. João V, o Sardanápalo do Ocidente:

“Que são os reis, senão uns ladrões grandes? Ao jogo do xadrez chamam os latinos latrunculorum ludus: - jogo dos ladrõezinhos. Este mundo é o tabuleiro onde jogam os reis; e como é tabuleiro grande, e não são reis só de pau, ou de osso, senão de osso, carne e sangue, para nutrir essa carne e sangue, alguns deles não são só ladrõezinhos, senão ladroaços; ladrões, senão onipotentes, como uma vez ideava um grande pregador, ao menos muito poderosos: ladrões ou aves de rapina tão grandes, que não arrebatam a um homem pelos ares... senão que arrebatam cidades e remos, e nas unhas lhes ficam; ladrões finalmente que nas suas unhas não têm pintados em figuras todos os passos e tormentos da Paixão de Cristo... senão pintados os tormentos e vexações da paixão dos povos, e pintados com o sangue dos mesmos povos que nas unhas lhes fica, ou embebido ou escorrendo. Estes, pois, bem podem vir a ser ladrões... fugindo, sem embargo de ser monarcas imperando” (Floresta). À parte a vernaculidade primorosa deste mestre da língua, não lhe parece que leu um trecho do Século? Pois desta arte o escrupulosíssimo espírito do muito claustral e douto padre do período social mais absolutista considerava os reis, sem discutir-lhes a caligrafia da assinatura.

Pois o não menos católico, mas talvez um pouquinho menos esclarecido estadista de Margaride, decide que ao governo de um rei, nas condições do nosso, não pode chamar-se monarquia constitucional. Afirma-o com este arranque: Custa a acreditar que haja homem de probidade e sem-razão que ao chamado governo de um tal rei dê o nome de monarquia constitucional, ou mista, a não se lhe supor grande balbúrdia nos miolos, e desmancho completo nas faculdades intelectuais, ou grande desembaraço na arte de berliques e

berloques aprendida nas cafurnas maçônicas. Em sociologia, e no criticismo das modalidades governativas, nem Jeremias Bentham nem Macaulay criaram fórmula mais expressiva que o berliques e berloques. É original como este risonho padre, desde 1846 até 1884, manteve sempre a caracterização definida por Pinho Leal há 38 anos - um pândego! - Que feliz temperamento! Quando lhe dá para chorar retoricamente, nem assim consegue descaracterizar-se: então mesmo o leitor lhe presta a vassalagem do seu sorriso.

Quanto aos ministros constitucionais do reizinho ou reizete, a lei que os isenta de toda a responsabilidade, afoita-os a fazerem-se ladrões. Diz o padre "que reza há 38 anos o ofício divino e ainda não encontrou no calendário romano um ministro beatificado nem lhe consta que algum se confesse de oito em oito dias; e, como eles vivem em ocasião próxima com os cofres da nação, é mui provável que lhes deitem as unhas". Sempre tudo á unha!

Quereria ele que eu lhe oferecesse para o seu agiológio alguns ministros do governo absoluto, de cristalina consciência, sem sinal de ferrete na testa? Ora, dê-me de lá um ministro concussionário na monarquia constitucional, que eu em troca lhe envio para o seu calendário alguns ladrões autênticos da monarquia absoluta. Serve-lhe o marquês de Pombal? e o visconde de Vila Nova de Cerveira? e o conde de Basto? e o João de Matos de Vasconcelos Barbosa de Magalhães? Reze-lhes por alma, se é que eles não exercitam no Inferno irremessivelmente a perpetuidade do pulo.

Que ladrões me oferece, em troca, na série dos ministros liberais? Escolha entre os vivos que aí estão a rebentar, uns como Creso, outros como Crasso. Quer exemplos dos mortos? O bispo de Viseu, cuja veneranda sombra Sua Reverência morde, algumas vezes ministro, quando estava no poder, cedia os rendimentos da mitra, e não podia sustentar dois sobrinhos em Coimbra por falta de meios; e, por sua morte, o espólio da guarda-roupa prelatícia eram dois pares de calças, umas muito no fio, outras com fundilhos. Aqui tem o depredador que Sua Senhoria insultou boçalmente porque ele reclamava o seu voto perfidamente dado a favor da infalibilidade do papa. Quer outro ladrão? Antônio Rodrigues Sampaio, um lutador de meio século, que legou à sua família um miserável montepio. Está ansioso por me falar de Costa Cabral? O conde de Tomar estava pouco menos de pobre quando o conde de Ferreira lhe legou cem contos.

Fulmina-me com o Saldanha? O padre pode lá medir com a sua miopia o gigante, o Cid cavalheiroso, o lidador indomável, o atleta desta Lilipute, que contraía dívidas; quando ministro, para as pagar com os seus ordenados de diplomata? Como aquela mal compreendida alma, desenganada dos homens, do Larmanjat e do guano, se refugiava nas quimeras do teologismo e da homoepatia! E morreu pobre, não sabia? E que me diz da imaculada alma do gentilíssimo duque de Loulé? E da probidade austera do duque de Ávila

encouraçado de comendas e cruzes para que o demônio dos maus pensamentos lhe não penetrasse no peito? E Rodrigo da Fonseca, rival de Passos Manuel no desinteresse? E Fontes Pereira de Meio invulnerável em pontos de honra como Anselmo Braamcamp? Não sabe que Antônio de Serpa e Mendes Leal e Andrade Corvo, quando deixavam de ser ministros, iam ganhar a sua vida no jornalismo, e no magistério, e saldar com esses mesquinhos salários as suas dividas contraídas no poder? E Lobo de Ávila, um destro ginasta de talento que se tem dado por bem pago com a benemérita reputação de muito esperto? E Latino Coelho? um ministro que, em matéria de ladroagem, só correu eminente risco de ser roubado nos diamantes do seu estilo, se se demorasse no gabinete a ler e a subscrever portarias bordalengas. E o lovelaciano Barjona, grande salteador de corações incautos e mais nada? Não viu Tomás Ribeiro, quando largou segunda vez a pasta, abrir escritório de advogado? E Lopo Vaz que tem saído do governo mais ilibado e menos mártir do que saiu do governo da índia outro Lopo Vaz, seu problemático avô. Pinheiro Chagas escreve correspondências para o Brasil e artigos avulsos nos jornais literários a fim de conservar a velha freguesia dos seus admiradores. José-Luciano de Castro cinge-se às restrições de uma austera parcimônia para educar os filhos com o seu patrimônio. Ao conde de Casal Ribeiro perguntem-lhe por metade dos seus haveres herdados.

Pois toda esta malta de salteadores dos cofres, com o que amealharam sendo ministros, não vingariam edificar um cortage, como o do presbítero de Felgueiras, arranjado com hóstias e cantochão, uma delícia bucólica alcandorada num serro de onde se avistam sete freguesias e mais parte de cinco.

De ministros ladrões no governo absoluto de D. João VI fala-lhe um dos mais severos historiadores da Europa: “Portugal, o velho conquistador das costas de África e Ásia, o colonizador da América tinha-se tornado por sua vez uma colônia do Brasil, onde um governo corrupto, os ministros de D. João VI, desperdiçavam loucamente os impostos ou os roubavam para se locupletarem ou para enriquecerem aventureiros sem mérito e fidalgos abastardados” (A. Herculano).

Outro historiador da mesma austeridade e inteligência não menos lúcida, Oliveira Martins, descreve-lhe assim a engrenagem do maquinismo político que preparara o advento de D. Miguel ao trono: “Tudo estava absolutamente podre, caindo a pedaços, esboroando-se numa gangrena. Contava-se de desembargadores do paço que chumbavam dados, marcavam cartas, passavam provisões falsas, eram assassinos, ladrões, e cometiam estupros, sem deixarem de rezar o terço e comungarem com toda a devoção. Na loja de bebidas de Marcos Filipe onde se reuniam empregados públicos, sabia-se, por exemplo, que dos 17 da contadoria de Marialva só 3 ou 4 não eram ladrões. Não tinham conta as lojas onde se podia depositar dinheiro para obter empregos... No paço,

os canais e empenhos vendiam tudo; mas nos tribunais era pior ainda. No Desembargo do Paço, na Mesa da Consciência e Ordens, no Conselho da Fazenda vendiam-se até os despachos mais triviais, e as consultas favoreciam quem melhor pagava. A sociedade estava tão pervertida na moral como na inteligência... A polícia era uma malta de denunciadores per dinheiro, e sabia-se de um Pinet, de origem francesa, que dava graus maçônicos a quem os queria, à razão de meia moeda, para receber depois outro preço da polícia, denunciando os novos pedreiros-livres...” (Hist. de Port., T. 2º, pág. 231 e seg.).

***

Ah! Os pedreiros-livres! anunciados pelo próprio Deus há dezoito séculos! Três apóstolos a profetizá-los, de uma assentada, designando claramente ser este século o do seu advento!

Interroga padre Casimiro com três admirações perfiladas: Em que século dos passados e em que parte do mundo, apareceram homens, que prometeram liberdade ou se apelidassem liberais?!!! E responde: Por certo, que em nenhum, senão na atual, e por consequência é claro como o sol que todos os três apóstolos se referiram aos homens que agora se apelidam o que hoje chamamos maçãos, ou pedreiros-livres ou liberais.

Pois nunca apareceram homens que prometessem a liberdade? Padre Casimiro esqueceu a vitória de Maratona, 500 anos antes dos seus apóstolos profetas – batalha resolutiva para a iniciação da democracia ateniense, de modo que, na frase de Heródoto, então se formaram os primeiros cidadãos livres. Como explica o suplício do cônsul Cássio que tentara libertar a Terra para desoprimir o povo escravizado aos patrícios? A morte de Caio e Tibério Graco não lhe parece que fosse uma luta malograda contra os optimatas a favor da liberdade da plebe? Que significação tem para Sua Reverência a guerra social de Mário à frente do povo, e Sua na vanguarda dos nobres? Não seria a questão da liberdade? Também se esqueceu de Espártaco e da guerra dos escravos? Nas pelejas da burguesia germânica para a formação das comunas, não vê a cada passo invocada a liberdade, e o povo enfim restituído aos seus direitos políticos? E todos quantos pereceram propugnando pela liberdade, que eram senão liberais?... Wolfgang Schuch, Pedro Ramus, Bockelson de Leide, Giordano Bruno, Pompeio Vanini e João Huss, com toda a certeza foram assassinados como fatores da infalibilidade do papa e do despotismo teocrático, não é verdade? E Lutero, e Calvino, e Rousseau, e Voltaire, e Montesquieu e 1789? Mas, se lhe parece, deixemos estas curiosidades aos caixeiros.

***

Atido às profecias de Judas, Pedro e Paulo, crê o Sr. Padre Casimiro que o Espiritismo, ou o Diabo, veio com os liberais à hora prefixa.

Os magnetizadores são diabos autênticos precursores do anticristo e tão irracionais que se gabam de parentes dos animais rabudos. Juntamente com os espiritistas vieram os progressistas, profetizados também, há dezoito séculos, nestas palavras de S. Paulo: *Sed ultra non proficient.* Este latim diz literalmente: mas não irão por diante; porém, como o padre Antônio Pereira de Figueiredo traduziu: não irão com o seu progresso adiante - afirma padre Casimiro que aquele "progresso" quer dizer "os apelidados progressistas da época atual".

Os Srs. Anselmo Braamcamp, Emidio Navarro, Tomás Bastos, Mariano de Carvalho e os outros infelizes profetizados talvez desconheçam que o Espírito Santo os tinha de olho há dezoito séculos.

Pois, se se consideram honrados com essa importância, agradeçam-no ao exegeta cabralista de Margaride, posto que ele lhes aplique o cupidi de S. Paulo, que traduz liberrimamente ladrões. Aguentem-se. Demais a mais, afiança que o progresso destes progressistas não irá avante, *non proficient*. Efetivamente, ou o governo progressista caiu de vez, ou tem de voltar ao poder para realizar o vaticínio da queda em edição definitiva. Parece que os regeneradores, para que ele não se levante, intrigam incessantemente com o Espírito Santo. São duas potências que auxiliadas pelos constituintes podem afinal despenhá-los no Inferno onde há o ringir de dentes, *stridor dentium*, e nenhum orçamento.

Que o destino dos regeneradores não há de ser mais refrigerante, saibam-no eles.

Amargamente se queixa o padre de que o atual governo, em 1884, tributasse as missas.

Explica teologicamente que o tributo é imposto ao sacramento, onde o Redentor aparece pessoalmente sacrificado como no Calvário, de modo que Jesus Cristo é tributado por aparecer, em pessoa, na hóstia. Quando apareceu a primeira vez, os judeus crucificaram-no; e agora, que reaparece transfigurado, os regeneradores lançam-lhe o imposto.

Ainda assim, há fatos que denotam ideias religiosas no ministério Fontes - transações ortodoxas com os prelados ultramontanos. Semicatólicos lhes chama padre Casimiro; mas ele mesmo lhes insinua que a sua posição não é agradável: Sendo semicatólico não poderá entrar todo inteiro no Céu... e ficará meio de dentro e meio de fora; e Deus, sendo perfeitíssimo, não pode consentir a coisa manchada. Nesta posição arrisca-se o miserável semicatólico a que, chegando o Diabo às portas do Céu, e vendo-o deste modo, o arraste pelas pernas ao Inferno para o assar lá nas grelhas eternas. Tal é a sorte assaz quente que espera o Sr. Lopo Vaz e o Sr. Hintze Ribeiro.

Uma falsa posição, e dois falsos bifes perpétuos de grelha.

***

Seria temeridade suspeitar do funcionalismo normal do cérebro que assoalha estas ideias?

Padre Casimiro, medindo por si o alcance psíquico da clerezia lusitana, diz que há padres versados nos mais sérios estudos. Concede que o clero atualmente seja menos culto em ciências naturais - só nisso. E pergunta, num ímpeto irrespondível de justiça:

Que importa, em suma que tenham aparecido novos processos químicos, que se haja aumentado a nomenclatura botânica e aperfeiçoado o sistema mineralógico? Que lhe importa ao povo isso? Mas importa-lhe saber que existe um Deus, que pune o crime e premeia a virtude: que há Outra vida em que se fará justiça aos bons e se dará castigo aos maus.

A vasta enciclopédia generalizada que lavrou nos cem anos decorridos desde Diderot até Spencer reduz-se a novos processos de química, ao aumento de nomes botânicos, e aperfeiçoamento do sistema mineralógico. Está neste sistema o Sr. Padre Casimiro. Recopila no desenvolvimento destes três ramos de ciências naturais toda a bagagem científica do século XIX. Desde Parmênides até Augusto Comte é tudo minerologia química e botânica. Sim. Bacon e Descartes, Espinosa e Leibnitz em botânica fizeram profundas investigações nas cucurbitáceas a criarem a fisiologia das abóboras. Berkeley e Hume descobriram a morfologia do tortulho; Rousseau e Voltaire levaram a penetrante análise até à embriologia do coentro. Charles Letourneau, Abel Hovelacque, Guyot, Véron, Topinard, extrairam das retortas da química a biologia, a antropologia, a linguística, a estética e a ciência econômica. No sistema mineralógico, Kant e Schelling deitaram prodígios, mostrando como o octaedro se transforma num cristal paralelipipede; e Stuart Mill e Hartmann levaram o sistema das propriedades ópticas dos minerais a um ponto de perfeição pouco conhecido do clero português.

Quanto à história, à filosofia, à sociologia, à ontologia e à ciência das religiões, isso estava tudo feito e aperfeiçoado por Frei Bernardo de Brito, pelo filósofo Genuense, pelo abade de Salamondi e pelo padre Inácio da Companhia; pelo que respeita às Artes, acham-se no pé em que as deixou Frei João Pacheco no seu Divertimento Erudito, e quanto às ciências físicas, cá nos vamos remediando e mantendo a nossa autonomia com as Recreações Filosóficas do padre Teodoro de Almeida. Burnouf, Lenormant, Ernesto Havet, Max Müller que romperam as trevas da história com sulcos de luz inextinguível até encontrarem os mitos religiosos, esses são dispensáveis num pais onde temos o filósofo Vaz e o mitólogo padre Conceição Vieira. Ora o povo, esse o que precisa é saber que existe Deus, e padre Casimiro é homem legítimo para lho apresentar como quem o conhece perfeitamente; e não será menos idôneo para o persuadir da

justiça divina no outro mundo, visto que, neste, seria indiscrição querer demonstrar que Deus exerce alguma jurisprudência.

***

O artigo Matrimônio tem um alcance que lhe daria foros a intitular-se, mais à moderna, Fisiologia do Casamento. Impugna o Sr. Padre Casimiro a dissolubilidade do matrimônio, propagada pela maçonaria, e expende a sua doutrina mais consoante com a Escritura e com a Igreja Católica. Segundo ele, a antipatia entre casados é uma questão de sensualidade. Pois que o marido não acha na esposa a felicidade perfeita, vira-se para outras. Nas mulheres, que se viram para outros, não fala. “Vemos muitos homens, diz o moralista, abandonarem as suas mulheres lindíssimas e mui prendadas de apreciáveis dotes do corpo e da alma, com quem estão casados, e procuram cegamente, sem vergonha do mundo, nem temor algum de Deus, as mulheres às vezes bem feias, da ínfima classe, e até esfarrapadas e nojentas para...etc.”. O Sr. Padre Casimiro, em transgressões do 6º mandamento, emprega imoderadamente a linguagem teológica de Busembau e Larraga. Faz muito bem. Pintar o vício de modo que ele faça nojo é mais eficaz que o melhor sermão sobre as transgressões da castidade. Petrônio é um dos antigos mestres do realismo a nu. As orgias do Trimalcião revolvem as entranhas vomitivas do leitor, e por isso mesmo é que Burmm qualifica Petronius de varão santíssimo, virum santissimum. Igual santificação cabe ao marquês de Sade. Zola e os irmãos Goncourt entrarão no mesmo Flossanctorum: e eu, se tiver descendentes que zelem os interesses agiológicos da minha memória, talvez concorra com Eusébio Macário, piorado pela Corja: e padre Casimiro com o seu Matrimônio.

Quanto, porém, à preferência que alguns donos de formosas damas dão a mulheres feias, isso, que parece um aleijão da natureza, é um acerto providencial. A não se dar essa perversão nervosa, que destino teriam as mulheres deserdadas de gentileza?

Disse Molière:

Vê-se uma formosura, e deixa-nos de gelo;
aparece uma feia, e logra derretê-lo.

Não obstante, autorizado por um texto dos livros sagrados, padre Casimiro chama bestas aos tais maridos, sicut equus et mulus; e dessa bestialidade resulta pretenderem eles o casamento civil ou o concubinato geral para seduzirem e prostituírem várias mulheres. E de entre as prostituídas, cita uma pequena de Braga chamada a Bona que aos dezenove anos parecia ter cinquenta. Horrível espetáculo! Mas a natureza e a arte, às vezes fazem que as mulheres de cinquenta pareçam ter dezenove. A Ninon de Lenclos e a Marion

de Lorme, aos oitenta anos esbraseavam os peitos das adolescentes, e não seriam mais castas que a Bona.

Penetrando na teoria das paixões, assenta o psicólogo que todas as nossas sensações estão dentro de nós, e que os objetos que as despertam estão fora de nós.

Aristóteles encontra-se com Calmo. Logo, da maior ou menor atenção que a nossa alma interior presta aos objetos externos resulta dor ou alegria, simpatia ou antipatia. Isto seria nebuloso como um postulado de Kant, se o filósofo prático nos não exibisse três exemplos: 1º, o Bicho, 2º, o Trejeito dos beiços, 3º, os Olhos tortos.

Quanto ao Bicho: se, quando estamos a comer, encontramos um bicho envolto na iguaria que tanto nos regalava, passamos logo a detestá-lo até ao vômito. Ora, se a iguaria nos deliciava tanto o paladar e já lá tinha o bicho, porque e que depois a aborrecemos? é porque vimos o bicho. Isto prova que o gosto ou desgosto é o resultado da maior ou menor atenção da alma sobre os objetos.

Agora, o exemplo do Trejeito dos beiços. Conta de um seu condiscípulo que teve um rendez-vous com uma menina de Braga; e que ela, nessa ocasião, ao passar por ele, fizera um trejeito esquisito com os beiços; e o estudante ficou tão aborrecido da careta que acabou como namoro. A mulher na realidade era a mesma, assevera o Sr. Padre Casimiro; mas o trejeito desfigurou-a no espelho da alma do seu condiscípulo.

Pelo que respeita aos Olhos tortos, narra a historia de um rapaz do Porto que fora ao Brasil ganhar dinheiro para casar com certa menina. Quando voltou, achou-a casada com outro mais endinheirado. Acaso se encontraram, e ele, notando que a pérfida era vesga, perguntou-lhe que diabo tivera nos olhos. Ela respondeu que sempre assim fora.

O rapaz ficou então aparvalhado por nunca lhe ter visto o defeito, falando com ela tantas vezes. Aqui pondera o padre: é que nesse tempo olhava para ela com vidros de cor que a paixão lhe punha nos olhos. Parece que os vidros não eram de cor; seriam vidros de desentortar.

Compulsando as causas mais eficientes da antipatia entre casados, espreita os mistérios genesíacos à porta das alcovas nupciais, e, metaforizando os pescanços que fez, diz: “Pode concluir-se com sobeja razão que a dormida, não sendo prevenida desde o principio com a prudente e precisa separação, contém motivos bem conhecidos e assaz fortes para produzir o aborrecimento mútuo entre os cônjuges, e mesmo a ruína da saúde por diversas causas”. A saúde e a simpatia dependem portanto da dormida. Quer dizer que durmam muitos os cônjuges. No caso de espertinas, ao deitar, amendoadas, láudano, xarope de

cloral; depois, de manhã, banho de canoa, alimentação vegetal, alguma ginástica; e, não havendo Lawn Tennis ou Cricket, o que decerto não há em Cabeceiras, Atei e Mondim, Outros exercícios: o marido que roce um carro de mato; a esposa que ensaboe um cesto de roupa, estafando os braços sanguíneos a bater o seu bragal na pedra puída do lavadouro. Porém, as mulheres capazes deste regime não devem procurar-se, adverte o dormitólogo, nos teatros, nas assembleias, nos bailes, por alcovitices, por namoros, etc. Procurem-nas até poderem achá-las, menos em Basto, já sabem porquê. Tenham-me sempre de olho aquelas junções dos diversos sexos.

***

Insiste largamente no Espiritismo, ciência diabólica. Ajouja um rosário de plágios sandeus, de acordo com um tal padre Conceição Vieira - umas anedotas copiadas do Despertador, Advogado das Almas do Purgatório. Um desencadeamento de idiotices que ferem a nota da comiseração. Não conheço quem tão literalmente aceitasse o conselho do alucinado Pascal: “Para crer, é necessário s'abêtir” - afogar a razão em água benta.

Compreende-se que um padre rústico da aldeia assoalhe ao seu auditório da lareira estes apocalipses parvoeirões; mas imprimi-los e atirá-los aos balcões das livrarias, entre os livros da vida da alma moderna - condensação luminosa de milhares de séculos - é um arrojo que seria punível a não lhe ser desculpa a liberdade da imprensa. Que opróbrio, se um livro católico desta espécie passasse a França como de lá vem os livros religiosos de Veuillot, de Barbey d'Aurevilly, d'Ernest Hello, de Osanam e de Léon Bloy!

O Diabo em pessoa é o motor do espiritismo - insta o padre - o Diabo, um tipo em que pouca gente acredita, desde que ele, para fazer anonimamente das suas, usou o refinado ardil de fazer acreditar por via de Guerra Junqueiro, seu particular amigo, que tinha acabado. O padre Ventura de Raulica afirma que *le chef d'oeuvre de ce personnage c'est d'être parvenu à faire croire qu'il n'existe plus..*

E o Sr. Guerra Junqueiro, se deveras matasse o Diabo, perpetraria um crime de lesa-literatura. O Diabo é magnífico se o encaramos esteticamente, diz Alexandre Buchner, e acrescenta: Em mãos de poetas o espírito mau volve-se um assunto inexaurível de belezas literárias; e eu me persuado que a poesia moderna, conquanto riquíssima e variada, nada inventou mais surpreendente que a figura umas vezes atroz, outras vezes sarcástica de Satanás. O “Paraíso Perdido”, de Milton, a “Messiada”, de Klopstock, a “Divina Comédia”, a “Jerusalém Libertada”, o “Mago Miraculoso” de Calderon, o “Fausto” de Goethe, o famoso romance de Lesage, o “Caim” de Byron, e o “D. João” de G. Junqueiro seriam obras banais e esquecidas sem a intervenção do Diabo, com os seus variados nomes de Lúcifer, Mefisto, Mefistófeles, segundo Marlow,

Plutão, Satanás e Asmodeu, segundo outros, e mais modernamente pedreiro-livre, progressista e republicano, segundo o Sr. Padre Casimiro.

Estou cansado, cheio de tédio que é uma cloroformização ansiada, a angústia da alma que prostituiu a sua atenção a cento e vinte páginas teológicas desta casta. E então hoje em dia que o fastio em literatura resiste ao perrexil de Zola, e livro que se releia com paciência é raro com os brilhantes pretos. Nessas cento e vinte páginas, sente-se a deliquescência do cérebro, ofega-se em ânsias pantanosas no ar pútrido dos velhos detritos; agoniza-se, à falta de ar, nesse labirinto de necedades. Há aí páginas tão cruas de ignorância e ousadia, tão delirantes de visualidades frenopáticas e absurdas em homem nado neste século, que, ao cabo da leitura, pesa-me a tristeza de quem sai de um hospital de insanos monomaníacos de declamação de mística misturada com injúrias. É bem certo aquilo de Edmundo de Goncourt: *Ce qu'il y a à craindre pour l'homme de lettres ce n'est pas de le foudroiement, la mort compléte de sa cervelle, c'est la douce imbécillité, l'insensible ramollissement de son talent.* Amolecimento, é o que se está dando no talento do Sr. Padre Casimiro.

Não me dispenso pois de enviar estas e somente estas palavras severas e tristes ao homem lendário da revolução do Minho, a ver se evito que a sua obra se faça acompanhar de outras que rebaixem a religião de Jesus até onde a têm abatido alguns sacerdotes que soluçam teatralmente aos pés da cruz como a vara dos cerdos grunhem à volta da cevadeira vazia. Declaro, porém, que esta censura não deslustra a honradez nem a moralidade do Sr. Padre Casimiro José Vieira. Disse Castilho:

Se escreve mal ou bem, se tem ou não bom-senso, que tem isso que ver coa sua probidade? pode um homem ser santo e cheio de asnidade.

Ah! porque não me acompanhou até aqui a sorridente ironia que me alegrara o começo deste livro? E que do mesmo passo que as Notas me iam filtrando náuseas, sentia confranger-se-me a alma ao espetáculo de um tal livro heteroclitamente português, mas português, estampado no ano do Senhor de 1884.

PÓS- ESCRITO

Se alguma vez neste meu trabalho anêmico, lampejam jovialidades, ironias, risos histéricos, destoantes da original produção literária do monógrafo da guerra civil de 1846, ofereço, como desculpa, ser para mim penosíssima tarefa escrever este livro nostálgico sem o desafogo de umas eternas ligeirices e verduras que me suavizassem o assunto pesado de saudades.

O Sr. Padre Casimiro Vieira e eu somos dois velhos perfilados na primeira companhia do infinito exército que vai tropegamente avançando à conquista do mistério, e caindo no fosso, na barbacã da Eternidade.

Vamos cair, os dois conquistadores.

O levita marcha mais serenamente do que eu, porque já sabe, por induções evidentes da sua Fé, que, na vala, o espera o leito onde dormirá um sono de milhares de biliões de anos, até que a Terra seja abrasada pela aproximação do Sol ou se desate no espaço em metralha encadeada de lavas. Depois, ao clangor da trombeta de Josafat, o Sr. Padre Casimiro, que professa o Credo da ressurreição da carne, espera ressurgir com os seus ossos articulados, cheios de novas medulas, revestidos de carne lisamente rosada, e lá vai com o seu fígado regenerado pelo azul fora exercitar em outro planeta os seus atos psíquicos como alma, e os seus atos fisiológicos como corpo.

Eu vou também dormir; desgraçadamente, porém, nem a fé nem a filosofia me deram itinerário definido; por isso me aflige a desconfiança de que a encardida epiderme, que me veste a ossada como um velho raspado palimpsesto, não se embeba adiposamente de células esponjosas bastantes, de modo que eu, no Dies irae, no dia das vinganças do Senhor, esteja capaz de aparecer, razoavelmente nutrido, à barra do Supremo Juiz.

Posto que marchemos ombro a ombro até ao beiral da voragem, uma cega ignorância nos distancia quanto às evidências de além da campa; e, ao mesmo tempo, a uniformidade de um sentimento consolador nos aproxima - a Resignação. Padre Casimiro prelibou a sua no livrinho de Gerson; eu hauri o bálsamo refrigerante da minha alma calcinada pela dúvida em uma filosofia que não se revolta e transige com as irremediáveis misérias desta vida; porque não posso declinar sobre as costas de Deus a responsabilidade das minhas desgraças, atribuir-lhe a invenção das paixões que dilaceram a espécie humana e menos ainda adorá-lo nesta natureza impassível que nos esmaga.

Abra o ascético levita a sua Imitação de Cristo e leia: “Viver sobre a Terra é verdadeiramente uma desgraça”. A filosofia pessimista soluça o mesmo treno.

Gerson vai com Espinosa até às fronteiras do mistério negro; depois, ambos conformados até aí, envolvem-se na treva, e deixam cada qual o seu rastilho de lágrimas, um no consolador sofisma da esperança, o outro na sincera filosofia da desesperação. Assim nós com os nossos livros imortais como a alma.

Todavia, ao despedir-me da sua obra vibrante de proféticas ameaças de "pulos no Inferno", contra os maus costumes atuais, contra os reis ilegítimos, contra os cartistas, contra os republicanos, contra os progressistas, contra os funcionários regeneradores, contra os seus próprios correligionários, contra os impostos, contra as senhoras desonestas de Cabeceiras de Basto, contra os ladrões, contra os libertinos, contra os pedreiros-livres, contra Gambetta, contra Garibaldi e contra o insigne dramaturgo Enes, perguntei ao Sr. Padre Casimiro: - Não lhe parece este mundo execrável até ao extremo de ser blasfêmia dar-lhe como artífice um conjunto de perfeições chamado Deus?

Sei como S. Tomás de Aquino e o padre Grainha respondem a isto; o que não sei é como se possa racionalmente anatemizar esta misericordiosa lamentação de Schopenhauer, o meu oráculo e mestre em paciência: Se foi Deus que fez o Mundo, eu não quereria ser o tal Deus. A miséria das minhas criaturas despedaçar-me-ia o coração.

Quando o Sr. Padre Casimiro puder hipnotizar as convulsões da sua mística epilética, e descer dessas asceses tenebrosas até às claridades repulsivas da vida humana, ajoelhe e reze a súplica do desesperado Jorys-KarI Huysmans:

Senhor! sede piedoso com o cristão que duvida, com o incrédulo que deseja crer, com o forçado da vida que embarcou na sua galé pela escuridão da noite, debaixo de um firmamento onde se apagaram os faróis consoladores da esperança!

Deus não lhe responderá; mas as modernas angústias do homem que chama os deuses à imitação do terror antigo que os criara, são sagradas e tamanhas que é pouco menos de infame afrontar com vitupérios o incrédulo atormentado pelo seu materialismo. E isso a esponja chegada aos lábios desses cristos que se dilaceram nas presas da sua dúvida para se resgatarem pela morte. Se não pode compadecer-se, padre, seja ao menos egoísta. Arranje o paraíso eterno da sua pessoa, e deixe os ateus, deixe-os padecer e morrer. Não lhes faça pressão cruelíssima nos espinhos da sua coroa, injuriando-os porque eles não podem crer que haja um Deus a contemplar, com a impassibilidade de um Nero divino, as suas criaturas estorcidas entre as labaredas do incêndio que Sua Majestade Suprema assoprou sem ter primeiramente consultado a vontade das vítimas. Cale-se, padre, por honra de Deus, se o acredita!

www.poeteiro.com